

**O PASSADO NO PRESENTE E A LITERATURA GUINEENSE DO
SÉCULO XXI A PARTIR DO ROMANCE *KIKIA MATCHO – O
DESALENTO DO COMBATENTE***

Fernando Nhaga Cumba

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses

Junho 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica
de Professora Doutora Ana Maria Martinho

Dedicatória pessoal

À minha família:

Domingas Infanda Bali Cumba, esposa

Gracelma Fernando Bali Nhaga Cumba,

e Rulzalete Fernando Bali Nhaga Cumba, Filhas.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta dissertação de mestrado foi possível devido aos máximos apoios e motivações sem os quais haveria obstáculos em sua realização e pelos quais estarei eternamente grato.

A Deus, por me conceder vida, coragem, saúde e oportunidade de obter uma bolsa de estudos.

À Professora Doutora Ana Maria Martinho, pela sua orientação; total apoio; pela sagaz sabedoria e saberes que me transmitiu; pelas sugestões ao longo da caminhada em realização do trabalho; enfim, pela confiança que teve em mim.

Ao Professor Doutor Gustavo Rubim, o pioneiro do projeto, pelas opiniões e críticas à realização do projeto deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

A todos os docentes do departamento de Estudos Portugueses da Faculdade das Ciências Sociais e Humanas – UNL, Professora Doutora Paula Costa, Professora Doutora Teresa Araújo e os demais, pelos saberes a mim transmitidos com competência.

Aos Professores das cadeiras opcionais, Professor Doutor Luís Bernardo e Professor Doutor João Nogueira, pelos saberes obtidos da sua parte.

Aos meus pais, Nhaga Cumba e Maria N´Djaque *in memoriam*, pelas orientações básicas e educação que me deram.

À minha esposa, Domingas Infanda Bali Cumba, pelo incentivo, encorajamento, compreensão da minha ausência do País e pela coragem em assumir a orientação das crianças durante a minha ausência.

Ao governo português, através do Instituto Camões, por me conceder a bolsa de mestrado.

Aos meus irmãos, por tudo que fizeram à minha família, esposa e filhas, durante a minha ausência.

Por último, agradeço aos meus amigos e amigas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que os meus estudos chegassem aos bons portos. A todos um bem haja!

**O PASSADO NO PRESENTE E A LITERATURA GUINEENSE DO SÉCULO XXI A PARTIR DO
ROMANCE *KIKIA MATCHO – O DESALENTO DO COMBATENTE***

FERNANDO NHAGA CUMBA

RESUMO

Este trabalho, cujo tema é *O PASSADO NO PRESENTE E A LITERATURA GUINEENSE DO SÉCULO XXI A PARTIR DO ROMANCE KIKIA MATCHO – O DESALENTO DO COMBATENTE*, de Filinto de Barros, tem como objetivo primeiro ser um objecto de discussão sobre as vozes plurais dos escritores Guineenses e, mais especificamente, uma análise teórica da obra *Kikia Matcho* de Filinto de Barros acerca da busca de identidade literária e sociocultural da Guiné Bissau.

Por outro lado, procura discutir a busca de identidade da própria nação guineense cujo sistema governativo implantado no período pós-independência não tem permitido a realização dos sonhos e objetivos da luta pela independência – criar condições para crescimento da nação ou construção da identidade.

O sistema ateve-se à edificação de uma oligarquia despótica, cuja filosofia gerou injustiças sociais gritantes com as quais o povo deseja uma ruptura imediata.

Este trabalho é apresentado com o apoio metodológico qualitativo e quantitativo e é acerca dos saberes socioculturais e literários ligados à Guiné Bissau do período antes e pós-independência.

Por fim, conclui-se que a não inserção do crioulo e das próprias obras literárias de escritores Guineenses no currículo do ensino oficial do país, para o ensino secundário e superior, não permite a evolução e afirmação da identidade dessa literatura e, por último, consideramos que a inexistência de politólogos no sistema político leva o país a não realizar os sonhos utópicos do desenvolvimento a que o povo almeja.

Palavras-Chave: Guiné-Bissau; identidade; literatura, tradição e poder; Crioulo e ensino formal; Filinto de Barros; Kikia.

ABSTRACT

This dissertation is about the importance of the past in the current literature from Guinea-Bissau through the novel *Kikia Matcho - O Desalento do Combatente*, by Filinto de Barros.

Its first aim is to discuss the plurality of voices of Guinea Bissau's writers and to present a theoretical analysis of this work of fiction.

The novel is about the search of Guinea-Bissau's literary and sociocultural identity and the nation's own identity. The established government in the post-independence period didn't allow the fulfillment of the dreams that were the goals of the struggle for the Independence, which were to develop conditions for the nation's growth and construction of identity.

It created instead a despotic oligarchy, which philosophy contributed to social injustices from which the people want to break free.

It is presented through qualitative and quantitative methodological analysis and elaborates on the social, cultural and literary knowledge of Guinea-Bissau prior to the post-independence period.

We reach the conclusion that the non-inclusion of the creole language and of its literary works in the official educational curriculum, prevents the evolution and affirmation of such literature. The inexistence of political experts in the system leaves the country far from its utopian aspirations for progress and democracy.

Key words: Guinea-Bissau; identity; literature, tradition and power; Creole and formal education; Filinto de Barros; Kikia.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO -----	1
Iº CAPÍTULO -----	4
CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU -----	4
1.1. Questões Socioculturais -----	5
1.2. Situação Política -----	10
1.3. Dados Linguísticos -----	21
1.3.1. As línguas étnicas -----	21
1.3.2. Especificidades do crioulo -----	24
1.3.3. Situação da língua portuguesa -----	26
IIº CAPÍTULO -----	30
LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU -----	30
2.1. Breve historial -----	31
2.2. Autores e períodos da Literatura guineense -----	34
2.3. Relação entre a literatura e o poder político – “o passado no presente” -----	39
IIIº CAPÍTULO -----	44
ROMANCE KIKIA MATCHO – O DESALENTO DO COMBATENTE -----	44
3. 1. ANÁLISE DA OBRA KIKIA MATCHO -----	45
3.1. 1. Representação social e cultural através das personagens -----	51
3.1.2. N’Dingui e Papai -----	56
3.1.3. Farim, Djamanca e Djalo -----	65
3.1.4. Baifaz, Infali Sisse e António Benaf -----	70
3.1.5. Tchambu, Tia Mana e Joana -----	76
3.1.6. Na Barisni, Nha Maria Amélia e Ofitchar -----	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	86
ANEXOS -----	93

LISTA DE ABREVIATURAS

BREDA - Centro de Documentação do Escritório Regional de Dakar da UNESCO

CEDEAO - Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

FEC – Fé e Cooperação

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

IC – Instituto Camões

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

INDE – Instituto Nacional Para o Desenvolvimento da Educação

KM – Kikia Matcho, - o Desalento de Combatente-, obra da autoria de Filinto de Barros, 1999. Lisboa: Caminho.

MISSANG – Guiné Bissau – Missão Militar Angolana Para a Guiné Bissau

MLSTP-PSD - Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – Partido Social Democrata

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

PACL – Projeto Afeto com Letras

PAE – Programa de Ajustamento Estrutural

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PASEG – Programa de Apoio ao Sistema da Educação na Guiné–Bissau

PCD – Partido da Convergência Democrática

PIDE – Polícia Internacional para a Defesa do Estado

PND – Partido da Nova Democracia

PRS – Partido da Renovação Social

UM – União Para a Mudança (Partido)

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USAID - United States Agency for International Development / Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

Introdução

(...) a exploração continua a existir, uns comem melhor do que os outros, uns têm boas casas, bons carros e outros não, nem de toca-toca¹ conseguem andar e só puxando carretas no mercado de Bandim conseguem sobreviver! (Barros, 1999, p. 128).

O trecho acima, extraído do romance *Kikia Matcho – o desalento do combatente*, de Filinto de Barros, sinaliza algumas das dificuldades sociais a que o povo é submetido devido à má governação do País no período pós-independência.

Esse complexo sistema governativo que as novas elites, após a independência, implantaram na Guiné, significa uma desigualdade social profunda; a luta pela sobrevivência dos impotentes resultantes do sistema vem permitindo, assim, o nascimento de sentimentos adversos por parte do povo para com o novo regime político no País. Este regime deseja, de algum modo, o regresso ao passado e suscita cada vez mais tensão nos escritores de diferentes gerações, que buscam soluções junto dos governantes actuais para que haja Paz e Justiça Social no País.

É nesta base que a presente dissertação, cujo tema é *O passado no presente e a Literatura Guineense do século XXI a partir do romance Kikia Matcho*, se pauta pela vontade de concretizar uma discussão sobre a Literatura da Guiné-Bissau do século XXI, à luz do impacto que tem no desenvolvimento de análises e críticas às ações políticas dos governantes da atualidade Guineense, e no auxílio à busca de identidade sociocultural desse povo e da própria literatura a partir das vozes plurais dos artistas de letras, com particular destaque para Filinto de Barros com a obra *Kikia Mamatcho – o desalento do Combatente*.

A Guiné-Bissau, desde a independência, é considerado, de entre os outros países do mundo, um dos mais pobres², devido ao péssimo sistema de governação implantado

¹ Meio de transporte público suburbano não estatal. A iniciativa surgiu em 1993 para, assim, facilitar a circulação na capital.

² Cf. Indami (2014, p. 7) Guiné-Bissau é um País Africano com elevado índice de pobreza. Tendo chegado a ser classificado como um dos Países mais pobres do Mundo, este país africano enfrenta um elevado

nesse País. É também um dos países da África Ocidental mais atormentados pelos sucessivos golpes e assassinatos políticos, facto que, na opinião interna e externa, faz com que seja considerada uma nação “falhada”.

Filinto de Barros, estadista e escritor Guineense, uma das vozes mais importantes entre os homens de letras guineenses, fez análises e sínteses exaustivas relativas à atualidade sociopolítica e cultural Guineense, enfim, dirigiu críticas, nomeadamente através de *Kikia Matcho*, aos contrerrâneos que teimam, cada vez mais, em levar a nação ao abismo. Facto a que, pela visão crítica de Barros, urge pôr fim, quer por intermédio dos intelectuais, quer pelas crenças tradicionais que para a maior parte do povo são praxis social.

A obra *Kikia Matcho* constitui o nosso principal *corpus* no plano da materialização da presente dissertação. Entretanto, para concretizarmos o nosso projecto, dividimos o trabalho em três capítulos seguidos de considerações finais, a saber:

Iº Capítulo: Contextualização da Guiné Bissau

IIº Capítulo: Literatura da Guiné Bissau

IIIº Capítulo: Análise da obra *Kikia Matcho*

No primeiro capítulo, “Contextualização da Guiné Bissau”, desenvolvemos assuntos ligados às questões socioculturais do país; situação política do período pós-independência e da atualidade Guineense; levantamos dados linguísticos ligados ao “xadrez” que é o povo desse país, entre os quais destacamos dados ligados às línguas étnicas, à especificidade do crioulo, como língua de ligação entre o povo, mas que não se usa na aprendizagem escolar; enfim, retratamos a situação da língua portuguesa no país, herança aos invasores, sendo a única língua oficial e de maior uso no processo de ensino e aprendizagem no país, e também, de maior produção literária entre os

número de desempregados e forte exclusão social. A maioria da população vive no campo e pratica agricultura de sobrevivência sem meios para desenvolver as suas capacidades. As populações que vivem nas ilhas praticam pesca de sobrevivência, aproveitando uma das riquezas naturais do país.

escritores, ao lado do crioulo, sendo que estas obras literárias não são usadas para o ensino no País.

No segundo capítulo, “Literatura da Guiné Bissau”, analisamos assuntos ligados ao breve historial da génese desta mesma literatura; analisamos os períodos por que tem passado a literatura Guineense e os seus principais propulsores com alguns textos, destes autores, inseridos no trabalho; por fim, referimos a relação existente entre a literatura Guineense e o poder político, quer do período antes da independência quer da pós-independência.

No terceiro e último capítulo, “Análise da obra *Kikia Matcho “KM”*”, debruçamo-nos, a partir da visão por que o narrador mapeou a sociedade Guineense, em questões como representação social e cultural através das personagens da obra. Nela desenvolvemos assuntos ligados às crenças tradicionais do País, injustiça que se desenvolve no seio dos ex-guerrilheiros, libertadores da nação, e dos Guineenses que estiveram da luta ao lado dos portugueses, isto é, dificuldades socioeconómicas que o povo em geral enfrenta na Guiné Bissau, levando, assim, cada um a lutar por seu jeito pela sobrevivência; terminamos com a situação dos Guineenses nas diásporas.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais do estudo, tentando dar o nosso contributo para uma reflexão sobre a afirmação da identidade da literatura Guineense e da própria nação, a qual, entre as outras de África, é foco de inquietações do seu povo e dos parceiros internacionais em busca de uma paz duradoura.

1º Capítulo

Contextualização da Guiné Bissau

1.1. Questões Socioculturais

A Guiné-Bissau, país da África ocidental, tem de superfície, incluindo o arquipélago dos Bijagós, 36.125km². É limitada a Norte e Leste pela República do Senegal, a Oeste pelo Oceano Atlântico e a Sul pela República da Guiné Conakry.

Faz parte das cinco ex-colónias portuguesas, razão pela qual o português é a língua oficial, herança dos invasores por um processo histórico que durou cinco séculos, e culminou com a luta armada em 1963 dirigida pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC³ para a formação do Estado guineense independente.

A Guiné foi habitada, desde sempre, por diversos grupos étnicos com culturas distintas, o que constitui um rico património cultural. Filinto de Barros, político e escritor guineense, cujo romance *Kikia Matcho* (1999) constitui o centro do nosso *corpus*, fala do contacto dos povos europeus com “os diversos povos que constituem o axadrezado étnico do país” (p.18). A Guiné-Bissau, com a sua multiplicidade étnica, cultural, linguística e religiosa, é um território de pequeno tamanho mas plural. Na opinião de José Júlio Gonçalves (1962) citado por Álvaro Nóbrega (2015, p. 40) a Guiné é o “«*fundo do saco*» do Oeste Africano para onde foram recalcadas, uma após outra, as diversidades étnicas que povoam o País.”

Não nos alienemos da essência deste trabalho, isto é, de olhar para a Guiné-Bissau como um todo; é importante esclarecer o que entendemos por grupos étnicos ou etnias, tendo em conta que na Guiné-Bissau interagem cerca de quatro dezenas de grupos que correspondem a cerca de 1. 918. 536 habitantes⁴.

Apoiando-nos no sociólogo guineense Lopes (1982, p. 33), consideramos uma etnia como “uma entidade possuidora de uma mesma língua, tradição cultural e

³ Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, fundado por Amílcar Lopes Cabral e outros cinco companheiros. Foi o partido que participou no movimento de afirmação da África lusófona, tendo como contemporâneos MPLA, UNITA e FNLA (Angola), FRELIMO (Moçambique) e MLSTP-PSD (São Tomé e Príncipe).

⁴ countrymeters.info/pt/Guiné-Bissau/

histórica, que ocupa um mesmo território, sob uma mesma religião [se se tratar da religião animista], e de uma consciência coletiva de pertença a essa comunidade”.

Por outro lado, este sociólogo distingue grupos de etnia. Para ele, o grupo define-se “pela solidariedade de sangue e da força vital transmitida por descendência” (Lopes, 1987, p.7), cuja função ou missão é assegurar fronteiras ou limites da terra que ocupa.

É de evidenciar que, entre os grupos étnicos existentes na Guiné Bissau, isto é, os que habitam numa determinada tabanca, desenvolvem-se laços de amizade entre habitantes de tabancas, todas elas pertencentes ao mesmo *tchon* (chão). O chão consiste num território de extensão variada, “propriedade” de uma etnia particular ou povo que, desde tempos remotos, exerce um certo poder sobre os indivíduos e grupos que sucessivamente vieram a morar nesse chão, mesmo os de outras etnias. Por isso este povo, “primeiro ocupante”, chama-se *dunu di tchon* (dono do chão) (BARROS, 1999, p. 36). Neste caso, é da linhagem de dono de chão que deve, geralmente, surgir o responsável de tabanca, mas conservando a consciência coletiva de que a aldeia é sempre governada por espíritos de além – *irã ou irans*⁵ de tabanca, que mantêm cadeias de ligação entre o homem e Deus.

Na opinião de Joop T. V. M de Jong (1988, p. 5), “o irã simboliza o espírito ancestral do fundador da linhagem [Clã, *moransa e tabanca*]”, caberá os anciãos de tabanca, de preferência “donos de tchon”, a invocação destes irans a bem da comunidade. Assim, em cada tabanca encontram-se várias famílias, *moransas*, que se considera “forma como agrupam conjunto de casas habitadas por indivíduos com determinadas relações (familiares, sociais, etc.)” (Avelino Teixeira da Mota & Mário G. Ventim Neves, 1948, P.13).

Há perspectivas discordantes relativas à estatística de grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau. Baseando-nos nas informações do livro de Onofre dos Santos (1996, p.

⁵ Espíritos do Além. Segundo os animistas, governadores do planeta Terra, quem detém o poder de administrar a justiça social, castigar, perdoar, etc. Por outro lado, são quem é capaz de elevar as preces até Deus. Por isso, merecem a honra e devoção por guardiões específicos ou por anciãos para o bem da comunidade.

28), o país é caracterizado por “vários grupos étnicos culturais, na qual se definem 26 etnias, com relevo para os Fulas, Balantas, Mandingas, Manjacos, Papeis, Brames, Biafadas, entre outros”.

Por outro lado, os Boletins da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné Bissau (1960 nº 27 & 28, pp. 17 - 18) apresentam outros dados superiores aos que Santos nos indicou relativos aos grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau. Este último apresentou-nos mais de três dezenas de grupos e subgrupos que constituem o povo da Guiné-Bissau:

Balantas - Brasa (Balantas soffá ou cuntó, Balantas Mané, Balantas Nhacra, Balantas Naga, Balantas Patch, Balanta Dame, Balantas Cunantes ou Mansoancas), Fulas (Fulas pretos, Fulas-forros, Fulas-futas, Fulas do Togo (Torancas, Tucurores), Fulas do Boé (Boencas)), Manjacos, Mandingas, Papéis, Brames ou Mancanhas, Beafadas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Nalus, Saracolés, Sossos, Pajadincas, Acancas, Cassangas, cobeanas, Banhuns, Tandas, Bambarãs.

Embora haja os efeitos de guerras entre os regulados da população do interior nos tempos remotos (Cf. Augusto de Barros, 1947) e a luta de libertação nacional, que promoveram o processo de desintegração tribal, nomeadamente com a vinda da população do interior para a costa, os núcleos humanos tradicionais não se deixaram romper e trouxeram, para a sociedade guineense, uma complexa integração étnica, resultante do facto de estes grupos étnicos guineenses pertencerem a comunidades culturais diferentes. Isto é, para além de identidades culturais diferentes, todos vivem na mesma aldeia e conscientes de relativismo dessas diferenças culturais.

Na opinião de Monteiro (apud Cardoso, 1996, pp. 349-355), “houve uma estratificação social fundada pela política e por interesse do poder colonial”. Hoje, a questão é evidente nos interesses e políticas herdadas pelo partido libertador, o PAIGC. Isto é, o PAIGC tenta, sem razão nenhuma, criar divisão no seio do povo que, desde sempre, mostrou ser unido.

Na Guiné, em épocas remotas, existia uma religião comum – Animismo. Atualmente, devido aos contatos com outros povos (árabe e português), ocorreram influências culturais daqueles e nasceram, no seu seio, duas outras religiões – o Islão e

o Cristianismo⁶ que funcionam lado a lado com a religião de raiz tradicional desse povo – Animismo, como é evidenciado na opinião de Dos Santos (1996, p.29), “[o] país é caracterizado por várias religiões: muçulmana, animista, católica e outras.”

Assim, entre o povo da Guiné-Bissau, a maior parte dos grupos étnicos que ocupam as zonas do litoral são animistas. A sua organização social consiste em dois polos: há grupos étnicos, como os Balantas – Brasa e Felupes ou Baiotes⁷ que vivem num regime comunitário sem “Estado”. Isto é, esses grupos étnicos não admitem chefatura tribal, exceto uma chefatura imposta, mantendo assim a ordem social horizontal. Conforme Cammilleri (2010, pp. 35-36) “o sistema político balanta não é baseado numa autoridade centralizada, representada por um rei ou régulo mas é representada e executada por um colégio e participado por todos os chefes de famílias residentes na aldeia.”

Os restantes grupos étnicos animistas (Manjacos, Papéis, Brameles ou Mancanhas, Beafadas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Pajadincas, Acancas, Cassangas, Cobeanas, Banhuns, Tandas, Bambarãs, etc.), possuem uma organização social verticalizada. Isto é, admitem a existência da chefatura entre os membros da comunidade. Essa figura designada como chefe é conhecida por Régulo.

No interior, nas regiões do Leste até ao Litoral Sul, temos os grupos étnicos maioritários Fulas, Mandingas, Beafadas Nalus/Sossos que, sendo quase todos

⁶ Cf. A. Teixeira da Mota (1974, p.7). Segundo essa tradição, os Franciscanos teriam chegado a Bissau nos fins do século XVI, quando já lá havia uma feitoria comerciando com Geba. Ter-se-iam convertido muitos papéis e teria sido erguida uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Mortos os primeiros missionários, registar-se-iam as visitas de outros, «e n’uma destas visitas se vonverteu à religião christã o rei dos Bissaus, que se baptizou, e com elle um grande numero de pessoas, motivo pelo qual se fizeram muitas festas e regosijos», vindo um «capitão mandante» para governar a população, o que seria por 1598.

(*Ibid.* P. 137), Carta de Becampolo Có, Rei de Bissau, a D. Pedro II, 26 de abril de 1694. Carta cujo teor é o pedido a El-Rei da autorização de se converterem ao cristianismo, ele e a sua gente.

⁷ Avelino Teixeira da Mota e Mário G. Ventim Neves (1948, p. 80) referem que os felupes dizem que nunca tiveram régulos ou chefes de povoação; no entanto Francisco de Lemos (Século XVII) fala de reis felupes, embora escreva que não gozavam de autoridade. Os baiotes também não usavam chefes de povoação (e o facto confirma-se pela designação que dão aos chefes que lhes impuseram: *chefes*); no entanto têm um chefe geral ou régulo, hereditário (quando não há descendentes, o Conselho dos Grandes faz a eleição), mas com pouca autoridade. Esta reside essencialmente no Conselho dos Chefes de Família, presididos pelo mágico (*Djanbakos*), entre os felupes.

islamizados⁸, têm uma estratificação social organizada em forma de Estado. Isto é, a sociedade é estratificada também verticalmente e controlada por um chefe islâmico ou régulo.

Essa diversidade religiosa constitui conjuntura que merece destaque no seio desse povo. Os animistas acreditam que, mantendo ligação com o ser supremo – Deus, deve haver um intermediário onnipresente e onipotente a quem é dado o nome de *irã* ou *irãns* e cujos intermediários diretos são os balobeirus ou Djambakus⁹ a bem da comunidade.

Segundo Carlos Vaz (1994, p. 18)

os irans são cultuados nas balobas (santuários, locais de culto, de evocação ou de consulta), os balobeirus são seus sacerdotes ou intermediários. O local é marcado por uma árvore sagrada, em geral um imponente e secular polão de enormes proporções e que tão bem caracteriza a paisagem africana, árvore de raízes tubulares, gigantescas, com seu tronco rugoso e acidentado, esgalhando-se em todas as direções, formando uma copa majestosa, como um imenso abrigo umbroso. [...] são inúmeras as ocasiões para as cerimónias de evocação aos irans. Vão desde o pedido de proteção e conservação do poder dos régulos, a uma acção de justiça, ao respeito pela tradição, até aos pedidos de bom sucesso na lavoura e nas colheitas e em outros domínios da vida familiar.

A influência cultural exercida pelo invasor sobre esse povo animista levou a que certa parte se convertesse ao Cristianismo, como religião de mobilidade estatutária social. Entretanto, esses aculturados (os que se convertem ao Cristianismo), para que não sejam alienados pela maioria da tribo, ou seja, para serem livres do peso da consciência, por perigos que poderão advir por “irra” de *irans* de tabanca ou da tribo,

⁸ Segundo Nóbrega (2015, p. 40) “fala-se de islamizados porque o Islão que se pratica na maior da Guiné é sincrético, misturando crenças tradicionais com os ensinamentos do profeta. O mesmo se passa com os cristãos que melhor se designam por cristianizados.”

⁹ Cf Cardoso, L. (2004, p.26) Apud Maema, A. P. (2007, p. 95), *Balobeirus* ou *Djambakus* são entidades religiosas incontornáveis para a realização de qualquer cerimónia de culto tradicional, pois são eles que estabelecem a comunicação e interpretam a vontade dos espíritos.

(...) é muito frequente a consulta ao *Djambakus* para um tratamento de saúde; e o emprego de ervas e outras mezinhas (medicamentos) atesta muitas vezes grandes conhecimentos de medicina tradicional e dos segredos de arte de curar. Alguns se especializam em certos males, por exemplo, podem ser famosos por terem sucesso no tratamento de fraturas ou outros problemas ortopédicos (idem).

O *djambakus* é chamado também “*dunu di irã*” – dono de iran, isto é, o guardião, o porta-voz, o intermediário.

mantêm-se em contacto, em muitas ocasiões, com essas divindades, o que marca um forte hibridismo cultural e a impossibilidade de se romper com a tradição.

Essa mistura de práticas religiosas ou hibridismo cultural na Guiné é referida por Barros (1999) quando, no romance, se retrata o cerimonial fúnebre de N' Dingui,

(...) o que dizer dessa mistura rocambolesca do padre [religião católica] e do porco sobre o qual o caixão deve passar [porco representa ritual tradicional]? Benaf perdeu a mística do Continente. Assim não poderia compreender o híbrido que resultou da civilização cristã, tão cara aos europeus! O paganismo e o cristianismo juntaram-se não só para se tolerarem mas para se complementarem! É assim a África, o continente da vida, o continente que em vez de repudiar as influências externas acaba por as assimilar, transformá-las e fazer delas traços culturais à sua maneira. Era isto que Benaf não compreendia e que jamais virá a entender! (BARROS, pp. 108 - 109).

Há três culturas em confronto no seio desse povo. De um lado, consideramos os cristãos com o seu conceito de honra à fidelidade conjugal, como herança de missionários católicos. Noutro extremo, a comunidade islâmica com a família alargada, a prática da poligamia. Enfim, os animistas com as suas complexas divindades e demais crenças tradicionais.

A multietnicidade desse povo fá-lo, entretanto, um povo rico em cultura. A dança, manifestações populares, são verdadeiras expressões artísticas dos valores tradicionais dos diferentes grupos étnicos da Guiné, caracterizados pelos seus belos trajes. Estas manifestações culturais podem ser observadas na época dos trabalhos agrícolas, nos ritos de casamento, nos cerimoniais fúnebres e de iniciação, nas danças juvenis e populares.

1.2. Situação Política

Como referimos acima, a Guiné-Bissau foi uma das colónias portuguesas desde o século XV até 1973 (século XX), ano em que se deu fim à luta armada de onze anos levada a cabo pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC, para emancipação do povo guineense e cabo-verdiano que estavam sob domínio do regime político ditatorial português.

O processo da independência na Guiné-Bissau, ao contrário do que aconteceu nas colónias anglófonas e francófonas, não foi pacífico, mas sim por via da luta armada¹⁰. O dia 10 de Setembro de 1974 marca, entretanto, o fim da guerra, dando assim início ao rumo político da Guiné-Bissau, deixado então totalmente nas mãos do povo guineense, melhor dizendo, nas mãos dos dirigentes políticos guineenses, líderes do PAIGC. Ficaram com a responsabilidade de materializarem uma das finalidades pelas quais o homem guineense, incondicionalmente, pegou nos utensílios bélicos contra “colons” – *para a construção da identidade guineense e cabo-verdiana (liberdade, bem estar e progresso)*. No entanto, para os guineenses, o dia efetivo da independência foi 24 de Setembro de 1973, data em que foi proclamada unilateralmente a independência em Madina de Boé, e reconhecida um ano depois pelo colonizador.

A Guiné-Bissau, fazendo face a desafios políticos administrativos quando se tornou independente, manteve, entretanto, órgãos administrativos existentes desde a era dos invasores, ou seja, segundo as frentes da luta para a libertação: Sul, Leste e Norte.

Assim, politicamente, o território está dividido em três províncias: Província Sul, Norte e Leste. Cada província é fragmentada em regiões, havendo assim em todo o território oito Regiões e o Setor Autónomo de Bissau, equivalente a uma região.

Na província Sul, temos as seguintes regiões: Quinara, Bolama e Tombali; na província Norte Cacheu, Biombo e Oio e na província Leste Bafatá e Gabu.

Por outro lado, cada Região é composta por Setores, correspondendo assim a 36 setores a nível nacional. Enfim, estes Setores são fragmentados em Seções, estas em *tabancas*¹¹ e estas últimas em *moransas* (casas).

A Guiné-Bissau, desde então independente e administrada por quadros nacionais, teve ao longo destes 44 anos muitos acontecimentos políticos que lhe

¹⁰ Em todas as colónias portuguesas o processo foi o mesmo. Na Guiné-Bissau, o processo foi levado a cabo pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC, sob a liderança de Amílcar Cabral; em Moçambique a FRELIMO; em S. Tomé e Príncipe, foi levado a cabo pelo Movimento de Libertação De S. Tomé e Príncipe Partido Social Democrata - MLSTP-PSD; e em Angola foram três os movimentos de libertação nacional (MPLA, UNITA, FNLA).

¹¹ Expressão utilizada frequentemente por Amílcar Cabral, o fundador da nacionalidade guineense e cabo-verdiana para designar uma vila. Muitos dizem que foi o fundador do termo.

proporcionaram grandes e graves contratempos para a consolidação da democracia, estabilidade política e desenvolvimento socioeconómico.

Após a independência, passados 21 anos sem eleições e com um sistema de partido único - PAIGC, depois de golpes de Estado frequentes, os atores políticos guineenses acabaram por “oferecer” aos seus conterrâneos insucessos que só trouxeram desordens, subdesenvolvimento e mais dificuldades de vida. Factos que levaram a maior parte do povo guineense a manifestar saudades do tempo em que os portugueses administravam esse povo, facto esse que podemos comprovar nas vozes poéticas dos escritores da geração dos anos noventa, no capítulo que se segue neste nosso trabalho – Literatura da Guiné Bissau.

Mas, entretanto, para o bem ou para o mal, a independência foi a independência política para todas as consequências a ela associadas! Por isso pugnaram durante muitos anos, sob a excelência de Amílcar Cabral que não assistiu ao ato por que mais ansiava: *a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde*. Por isso, muitos dizem que se ele (Cabral) não tivesse sido morto, a política da Guiné Bissau teria seguido outro destino, isto é, com menos instabilidade, porque ele representava a unidade do PAIGC na luta pelo ideal nacionalista do povo guineense e de Cabo Verde.

Ele (Cabral) mesmo afirmava com firmeza por meio de diferentes discursos a intenção positiva de reconstrução da Nação Guineense e Cabo-verdiana, como se pode comprovar, Cabral apud Mendy (2005), fazia juramentos em dar vida a todo custo ao serviço do seu povo:

Camaradas, eu jurei a mim mesmo, nunca ninguém me mobilizou, trabalhar para o meu povo, eu jurei a mim mesmo, que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como Homem, até ao dia em que morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da causa da humanidade, para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do Homem se tornar melhor no mundo. Este é o meu trabalho. (Cabral citado por Mendy, 2005, p.774).

Dado que a situação política guineense, após a independência, tem passado por diversas fases de acontecimentos horríveis que mereceram críticas nacionais e

internacionais para melhor compreensão dessas fases e acontecimentos, subdividimo-la em dois grandes períodos. Ei-los¹²:

- Período do partido único, PAIGC – 1973 a 1994 ou Período sem eleições.
- Período multipartidário – 1994 até aos dias atuais ou período marcado desde as primeiras eleições multipartidárias até hoje.

No concernente às características do primeiro ponto da subdivisão acima, período do partido único, PAIGC – 1973 a 1994 ou Período sem eleições, apontamos logo a rivalidade no seio do partido PAIGC após a independência. Aliás, mesmo aquando da luta para a independência, não havia um consenso sólido entre os membros do partido PAIGC. Houve sempre discórdias internas. A morte de Amílcar Cabral¹³, de acordo com as investigações feitas até agora, e como muitos dizem nos bastidores, foi obra de discórdias dentro do PAIGC.

Quando a Guiné se declarou independente, o poder foi entregue a Luís Cabral, irmão de Amílcar Cabral, que assumiu o cargo de presidente do conselho de Estado. Este, como presidente da Guiné, começou a estabelecer uma política externa incluindo Portugal, isto é, assinou vários protocolos de acordos em diferentes setores com vista ao desenvolvimento do país mas, quatro anos depois, em 1978¹⁴, foi ameaçado por um golpe de Estado que veio a ser realidade dois anos depois, o *14 de novembro de 1980*¹⁵

¹² Esta divisão tem grande importância já que advém do facto de a Guiné-Bissau ter levado 21 anos até realizar eleições a que concorreram várias forças políticas, mas também facilita o respetivo enquadramento histórico, face aos acontecimentos mais relevantes entretanto ocorridos na Guiné-Bissau.

¹³(Cf. www.oceanpress.info/.../16992-atirador-de-amilcar-cabral-foi-um-dos-principais-ele...) Numa entrevista ao Ocean Press em 20 de Janeiro, na Praia – Cabo Verde, Álvaro Dantes Tavares, ex-comandante de navio da força marinha do PAIGC, afirma que Amílcar Cabral foi assassinado por Inocêncio Kani, um dos principais elementos da força da marinha. Álvaro Dantes Tavares, Ex-combatente da liberdade da pátria ingressou na luta armada em Janeiro de 1970 a partir da Bélgica onde fazia parte da comunidade cabo-verdiana de estudantes. Estudou na Marinha na União Soviética, foi piloto e comandante de um navio de guerra, onde o seu trabalho era essencialmente escoltar o transporte de armas via marítima para a fronteira na Guiné-Bissau. Depois da independência foi condecorado comandante das forças armadas de Cabo verde de onde hoje é aposentado. Pode também confirmar-se a explicação acerca da morte de Amílcar Cabral em José Pedro Castanheira, 1995, p.167.

¹⁴ Cf. GOMES, D. F. Francisco (2004) *O 14 de novembro de 1980 na Guiné Bissau. Análise comparativa. Revista portuguesa de História: Coimbra*. O golpe falhado em 1978 terá sido liderado por Malam Sanhá.

¹⁵ O golpe de Estado conhecido por "Movimento Reajustador" teve como consequência o fim do pacto entre duas realidades diferentes; em Cabo Verde nasceu logo o Partido Africano Para a Independência de

(cf. DANIEL F. F. 2014, pp. 482-506). Este último promovido pelo seu Primeiro-ministro, João Bernardo Vieira «Nino», alegando várias razões, entre as quais:

- Contestação à liderança dos mestiços Caboverdianos sobre os guineenses;
- Promoção de jovens Caboverdianos recém-chegados de Cabo verde e Portugal a título de chefia sem ter em conta os verdadeiros combatentes;
- A situação económica do país que era caótica pela governação de Luís Cabral;
- Fuzilamentos de ex-comandos africanos, ex-milicianos e alguns civis, acusados de terem apoiado o exército colonial português, etc.
- Enfim, a insatisfação pessoal de Nino Vieira, com a redução de competências de acordo com a revisão no projeto constitucional de 10 de Novembro de 1980¹⁶ para o cargo de Primeiro Ministro que ocupava desde 28 de setembro de 1978¹⁷.

Assim que foi derrubado, Luís Cabral partiu para Cuba, depois para Portugal para exílio político; a Guiné-Bissau formou então um conselho de revolução liderado pelo próprio «Nino» Vieira que se prolongou até Março de 1984. Isto é, com o derrube do seu vice-presidente Victor Saúde Maria, “acusado de promover divisões no seio do Poder” (ibid.), fez ressurgir, em Maio do mesmo ano, o Conselho de Estado que continuaria a liderar, tendo o Coronel Paulo Correia, sido acusado de ser líder de intentona de 17 de Outubro de 1985. Na sequência dessa intentona, este e mais dezenas de companheiros foram presos e metidos na prisão num ilhéu de galinha – *Djiu di Galinha*. Paulo Correia e mais cinco companheiros foram fuzilados em julho de 1986 após julgamento no tribunal militar presidido por Humberto Gomes¹⁸.

Cabo-verde, o PAICV. Entretanto, com o assumir, por Bissau, de que quem mandava no território eram os guineenses e não os "burmedjus", os mestiços cabo-verdianos escolarizados que a Guiné-Bissau "herdou" da colonização portuguesa. O assassinio de Amílcar Cabral, em Janeiro de 1973, em Conacri, levaria Luís Cabral, oito meses mais tarde, a 24 de Setembro do mesmo ano, à presidência da Guiné. (Cf. www.dn.pt/gente/interior/o-homem-que-nino-vieira-derrubou-1249515.html).

¹⁶ RODRIGUES, Luís Barbosa (1999), A Transição Constitucional Guineense, p. 49

¹⁷ Cf. www.cart1525.com/gouveia/independencia.pdf.

¹⁸ Cf. tchogue.blogspot.com/2016/10/viriato-rodrigues-pa-coronel-paulo.html.

Em 1990, um número insignificante dos detidos que teriam estado implicados no “golpe” falhado de 1985 foi libertado devido às pressões que partidos políticos, que estavam surgindo nessa época, faziam a «Nino». Caso concreto de RGB-MB que fez propostas a «Nino» para acabar com a crise sociopolítica de então,

Em 12 de Março de 1990, o Movimento Bafatá (Resistência Nacional da Guiné-Bissau) propôs ao Governo e ao PAIGC a abertura de negociações políticas, em país neutro, no sentido de criar condições para a democratização política. Também pretendia uma plataforma de entendimento onde ficassem consagrados alguns objetivos, tais como: a abolição do monopólio do partido único sobre o Estado e a sociedade; a abolição da pena de morte e reconhecimento, consagração e proteção do direito à vida; a despartidarização das forças armadas e a desmilitarização dos partidos políticos; a formação de um governo provisório, cuja missão fundamental, entre outras, consistirá em assegurar um período de transição preparatório da plena implantação da democracia, assim como preparar a realização de eleições gerais, disputadas em condições de liberdade, segurança e igualdade, para a designação de uma assembleia constituinte, incumbida de uma nova constituição política, em bases democráticas, pluralistas e humanistas¹⁹.

Em Dezembro de 1991, o IIº congresso extraordinário²⁰ do PAIGC e uma certa revisão constitucional, permite a abertura política “democrática” sendo que os partidos já fundados e os futuros poderiam inscrever-se no tribunal (DJALO, 2000, p.12). Esta ação define o fim do primeiro período político guineense após a independência e indica a transição para o segundo período político Bissau Guineense.

O segundo período, o multipartidário – de 1994 até aos dias atuais é um período marcado desde as primeiras eleições multipartidárias, caracterizado por tensões entre os atores políticos que originaram várias consequências trágicas no seio do povo Guineense: sucessivos golpes de Estado, quedas de governos, perseguições e assassinatos políticos, lutas pelo acesso ao poder com base nas aspirações pessoais dos políticos, fome, enfim, subdesenvolvimento.

As primeiras eleições presidenciais e legislativas organizadas na Guiné-Bissau foram ganhas por Nino Vieira e pelo PAIGC, respetivamente. Koumba Yalá, líder e

¹⁹ Cf. *in*.www.cart1525.com/gouveia/independencia.

²⁰ É considerado V Congresso do PAIGC em termo numérico, isto é, contabilizando desde o primeiro congresso em Cassacá onde foram tomadas importantes decisões como a criação do exército popular, a criação de 3 frentes de luta: Frente Leste, dirigida por Amílcar Cabral e Osvaldo Vieira; Frente Norte, dirigida por Luis Cabral e Francisco Mendes; Frente Sul, dirigida por Aristides Pereira e Nino Vieira (Cf. <https://pt.slideshare.net/Cantacunda/histria-da-guin-bissau-em-datas>).

fundador do Partido para a Renovação Social – PRS e candidato potencial apoiado pelo partido que liderava, disputou a segunda volta das presidenciais com Vieira. Este saiu vitorioso. Entretanto, face ao resultado das eleições presidenciais, que reconduziu Vieira ao Poder, Yala teceu duras críticas alegando que o processo tinha sido irregular. Aliás, inicialmente não quis reconhecer o resultado saído de urnas. Cerca de um mês mais tarde, reconheceu-as devido às intervenções estrangeiras.

Entretanto, ao longo dessa primeira legislatura, e do exercício de poder por Vieira, já no regime democrático, ele não escapava às críticas levadas a cabo por opositores. Situação de terror levou à substituição de Manuel Saturnino da Costa, chefe de Governo, em 1997. Um ano depois, de 1998 a 1999, o país imergiu numa guerra civil que ceifou centenas de vidas e que derrubou Nino Vieira do poder. Enfim, na sequência desse conflito, instituiu-se, em 1999, Malam Bacai Sanhá, presidente interino, e Francisco José Fadul, chefe de Governo.

Na guerra civil, encontravam-se de um lado os apoiantes de Nino Vieira e do outro lado os apoiantes do líder de revoltosos (Junta Militar), Ansumane Mané.

Após essa grande tragédia na história política Guineense, realizaram-se as segundas eleições multipartidárias – presidenciais e legislativas, em 1999. Kumba Yalá, apoiado pelo PRS, venceu as presidenciais, na segunda volta, a Malam Bacai Sanhá, presidente interino apoiado pelo PAIGC, e este último, o PAIGC, perdeu para o PRS as legislativas.

Devido ao impasse ainda vivido no seio da classe castrense²¹ na altura, impasse reportado do conflito de 1998 – 1999, a presidência de Yalá iniciada em Fevereiro de 2000 não teve sucesso. Aliás, em busca de solução para tranquilizar e fazer desenvolver o País, Yalá teria de substituir quatro chefes de governo²² e, em seguida, dissolver o

²¹ Ao longo da presidência de Kumba Yalá, houve desentendimento entre ele e Ansumane Mané, chefe de Estado Maior e General das Forças Armadas. Este último, conforme a entrevista de Doka a Kumba Yalá obtida neste site, tirou aos companheiros das armas as patentes com que o Presidente da República Kumba Yalá os galardoou. Em 30 de Novembro de 2000, Ansumane Mané foi morto por um grupo de fardados. (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=AwOI2IZtL0g>).

²² Caetano N'Tchama, Faustino Imbali, Alamara Nhassé e Mário Pires. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_primeiros-ministros_da_Guin%C3%A9-Bissau).

Parlamento. Enfim, Yalá foi deposto no dia 14 de setembro de 2003 por um golpe de estado liderado por Veríssimo Correia Seabra²³, na altura Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, alegando a pobreza extrema e a acusação de este transformar o poder colocando-o sob domínio dos balantas – “balantalização”. Embora a CEDEAO²⁴ repudiasse o golpe e quisesse repor Yalá no poder, este rejeitou e renunciou ao poder no dia 17 de setembro para o bem da Nação.

Entretanto, na sequência desse golpe uma comissão Ad hoc, instituiu Henrique Pereira Rosa presidente interino da República, tendo como chefe de governo Artur Sanhá, militante do PRS, seguindo assim a outra fase da transição política.

Em 2004, realizaram-se eleições legislativas que deram o mandato ao PAIGC, em detrimento da vitória desse partido. Carlos Gomes Júnior, Presidente da mesma formação política na altura, foi indicado para liderar o Governo, o qual foi derrubado por João Bernardo Vieira «Nino» após ter chegado do exílio de seis anos em que esteve em Portugal e ganhado as presidenciais realizadas em 2005. Eleições que Vieira, candidato independente, e Malam Bacai Sanhá, apoiado pelo PAIGC, disputaram na segunda volta, tendo aquele sido apoiado pelos candidatos derrotados na primeira volta, Dr. Kumba Yalá e Francisco José Fadul.

Em consequência do derrube do governo liderado por Carlos Gomes Júnior em 2005, houve, de 2005 a 2008, dois governos consecutivos liderados por Aristides Gomes e Martinho N’dafa Kabi²⁵, respetivamente.

Em Novembro de 2008, o povo Guineense voltou às urnas para eleições legislativas que deram, de novo, a Carlos Gomes Júnior a possibilidade de ser indicado para a liderança de um novo governo em Dezembro do mesmo ano, por o PAIGC ganhar essas legislativas. Presidente da República, João Bernardo Vieira «Nino», a priori, não o

²³ Chefe de Estado Maior assassinado em outubro de 2004 por uma sublevação de efetivos militares, que participou na missão de CEDEAO para a manutenção de paz na Libéria, alegando corrupção por não lhes entregar o valor salarial que lhes dizia respeito.

²⁴ Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental. Organização sub-regional fundada a 28 de maio de 1975 e da qual a Guiné é membro.

²⁵ (Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_primeiros-ministros_da_Guin%C3%A9-Bissau).

quis nomear para o cargo do primeiro ministro, mas Carlos Gomes Júnior reivindicou o lugar alegando o direito que os estatutos do partido – PAIGC lhe conferiam, e aquele acabou por o aceitar. Assim, formou-se um governo, mas as tensões políticas cresciam cada vez mais tanto pelos políticos quanto no seio da classe castrense. Essas tensões políticas e militares tiveram desfechos trágicos que levaram a vida, nos dias 1 e 2 de Março de 2009, de Tagme Na Waié, chefe de Estado Maior General das Forças Armadas na altura, e do próprio Presidente da República, João Bernardo Vieira «Nino».

Em consequência da morte do Presidente da República, João Bernardo Viera «Nino», Raimundo Pereira, na altura presidente da Assembleia Popular, assumiu interinamente a presidência da República, e organizaram-se eleições presidenciais, sendo a primeira volta a 28 de junho e a segunda volta a 28 de julho de 2009, ganhas por Malam Bacai Sanhá para o seu rival Kumba Yalá. Malam Bacai não findou este mandato devido ao seu desaparecimento físico em França, no dia 09 de Janeiro de 2012, onde se encontrava internado por doença prolongada.

No mesmo período, antes das campanhas eleitorais, 5 de Junho de 2009, houve o assassinato de Baciro Dabo, candidato às presidenciais de 2009 e ex-ministro de interior e de Helder Magno Proença, político dinâmico, ex-ministro da defesa de Nino Vieira e poeta da geração pós-independência.

Nesse decorrer de tempo, no âmbito do relacionamento entre o poder civil e armado, o Primeiro Ministro na altura, Carlos Gomes Júnior, não se dava bem com o chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, António N´Djai, por este desconfiar do pacto que se considerou ser infundado estabelecido entre o Chefe de Governo e a República de Angola. Nesse pacto, o chefe de governo, Carlos Gomes Júnior, pediu a Angola um contingente militar – MISSANG-GUINÉ²⁶, para auxiliar ao Programa de Reforma das Forças Armadas Guineenses. Missão que não se cumpriu e o contingente teve de voltar para Angola, mas num clima de terror.

²⁶ Cf. <https://guinebissaudocs.wordpress.com/tag/missang-2/>

Ora em consequência da morte de Malam Bacai Sanhá, voltou Raimundo Pereira interinamente à presidência, e realizaram-se as eleições presidenciais de 2012 em 18 de Março²⁷. E deveriam ir a 22 de abril à segunda volta que acabou por não se realizar devido ao golpe de Estado de 12 de abril de 2012 liderado por Mamadu Nkrumah e António N´Djai, aquele Vice-Chefe de Estado Maior das Forças Armadas, e este Chefe de Estado Maior Geral das Forças Armadas, na altura. O golpe depôs Raimundo Pereira, Presidente interino, Adiata Djalo Nandigna, Primeira Ministra interina de 28 de Fevereiro a 12 de abril e Carlos Gomes Júnior, ex-chefe do Governo e candidato mais votado na primeira volta das eleições de 2012.

Em consequência desse golpe, Manuel Serifo Nhamajo assegurou interinamente a presidência, e Rui Duarte de Barros chefiou o governo de transição. Entretanto, realizaram-se as eleições gerais²⁸ em 13 de Abril e 18 de Maio, respectivamente primeira e segunda voltas. Nuno Gomes Nabiam foi o candidato independente apoiado pelo ex-líder do PRS, Kumba Yalá, que disse ter desistido da política ativa na altura, facto que o levou a não se candidatar, mas Nuno Gomes Nabiam perdeu para José Mário Vaz, apoiado pela força do partido o qual é militante, o PAIGC.

No âmbito das legislativas²⁹, no universo de 102 deputados que é o total dos parlamentares Guineenses eleitos a nível dos vinte nove círculos eleitorais existentes na Guiné-Bissau, isto é, a nível nacional e da Diáspora, o PAIGC elegeu 57 deputados, seguido do PRS com 41 deputados, do PCD com 2 deputados, do PND com 1 deputado e da UM também com 1 deputado. Essa maioria absoluta inicial pelo PAIGC, deu-lhe a possibilidade de formar um governo o qual Domingos Simões Pereira, presidente do

²⁷ Na primeira volta, Carlos Gomes Júnior obteve 48,97%. Kumba Ialá 23,36%, Manuel Serifo Nhamadjô 15,75%. Henrique Rosa 5,4%. A segunda volta teria sido disputada entre Carlos Gomes Júnior e Kumba Yalá. Yalá que deveria disputar com Carlos Gomes Junior a segunda volta, recusou participar das campanhas eleitorais e estas foram anuladas. Aliás, para que Carlos Gomes Júnior se pudesse candidatar às presidenciais, entregou a chefia do governo, função que desempenhava, à sua Ministra de Cultura e porta-voz do governo Adiatu Djaló Nandigna. Facto anticonstitucional (cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Eleições_presidenciais_na_Guiné-Bissau_em_2012).

²⁸ Diz-se eleições gerais neste caso por não se realizarem as autárquicas na história da Guiné-Bissau. Por isso, as presidenciais e legislativas designam-se de eleições gerais.

²⁹ www.dw.com/pt-002/eleicoes-de-2014-na-guine-bissau/a-17509306

partido, liderou logo a sua nomeação pelo Presidente da República, José Mário Vaz, vencedor das anteriores presidenciais.

O governo liderado por Domingos Simões Pereira, desde o dia 3 de Julho de 2014, não teve possibilidade de ir até ao fim da legislatura devido a desentendimentos entre o Presidente da República, José Mario Vaz e Domingos Simões pereira, chefe de Governo. José Mário Vaz acabou por demitir esse governo em bloco a 12 de Agosto por decreto presidencial 5/2015³⁰.

Ora, em detrimento da demissão desse governo pelo Presidente da República, deu-se a nova fase da crise profunda no cenário político guineense. Aliás, desde a demissão do governo liderado por Domingos Simões Pereira até hoje³¹, a Guiné Bissau conta com 4³² chefes de governo sucessivamente censurados pelos parlamentares. Tudo isso se deve à insatisfação do PAIGC cujo governo foi demitido pelo Presidente da República, José Mário Vaz. O líder do PAIGC colocou-se contra o Presidente da República, levando assim a divisões quer no seio do partido PAIGC quer no seio dos parlamentares Guineenses. Isto é, de um lado figuram os que apoiam o Presidente da República e, do outro, os que apoiam o presidente do PAIGC, Domingos Simões Pereira.

Em consequência desse cisma, Domingos Simões Pereira, como presidente do PAIGC, cujo mandato foi “roubado”, expulsou do partido 15 deputados da Nação pertencentes à bancada do partido PAIGC, alegando que estes não se portavam segundo as normas do partido e, por outro lado, acusando-os de serem colaboradores diretos do presidente da República, José Mário Vaz.

Estes deputados expulsos do PAIGC foram juntar-se aos da bancada do PRS, passando este último a ter maioria absoluta no parlamento. Mas a comissão permanente da Assembleia guineense, órgão parlamentar constituído por 15 deputados efetivos que analisam de antemão qualquer programa de governo ou orçamento de Estado antes de o submeterem à plenária, órgão onde os 9 deputados são do PAIGC e 6

³⁰ Cf. www.odemocratagb.com/decreto-presidencial-n52015-demitido-o-governo-chefiado-...

³¹ Momento em que realizamos o nosso trabalho, 2017.

³² Baciro Djá, Carlos Correia, Baciro Djá e Umaro Sissoco Embaló

pertencem à bancada do PRS, e que faz sempre bloqueio, por ter maioria de deputados entre os 15, a qualquer programa ou orçamento de Estado que não diga respeito a figuras escolhidas pelo PAIGC à liderança de qualquer governo. Assim, desde 2015 até hoje, nenhum programa governamental e orçamento de Estado passou por esse órgão para efeitos de discussão e aprovação na plenária, salvo o de Carlos Correia, militante do PAIGC, que depois foi chumbado devido à minoria que o PAIGC passou a representar no parlamento após expulsão dos 15 que se foram juntar aos do PRS. O parlamento continua a ser bloqueado e o PAIGC invoca as eleições gerais como possibilidade de a Guiné se libertar dessa crise.

Na Guiné-Bissau ainda hoje se vive um clima de intimidação entre os políticos, com as sucessivas tentativas de eliminação física entre os adversários políticos. Isto constitui o reflexo da independência prematura e mal preparada; segundo Nóbrega (2015, p. 38) o povo Guineense sofre tudo isso hoje porque “na ânsia de chegar de imediato ao Estado, o partido nem parou para ver que os seus quadros eram demasiado escassos; que eram jovens, inexperientes, imaturos e ainda pouco habilitados para as tarefas que se avizinhavam” [administrar e desenvolver a Nação]. Entretanto, ao invés de se empenharem ao serviço do povo, nasceu entre eles uma elite restrita, surgindo sempre conflitos entre eles com o objetivo de assegurar o poder, razão pela qual nenhum presidente ou chefe de governo tem completado seu mandato ao longo desse período democrático.

É esta a realidade do Sistema Político Guineense, que denota uma dificuldade tremenda na consolidação democrática, associada aos problemas económicos, entre outros.

1.3. Dados Linguísticos

1.3.1. As línguas étnicas

Na Guiné-Bissau as línguas étnicas são muitas devido à existência de vários grupos e subgrupos étnicos no país. Cada um tem a sua língua, o que o distingue dos

outros grupos do mesmo território. As línguas étnicas guineenses constituem partes do património cultural intangível da riqueza cultural desse povo. Várias investigações são levadas a cabo acerca da origem e da originalidade dessas línguas, isto é, da proveniência desses grupos étnicos e das suas línguas, como sucede com as línguas de outros cantos do mundo, mas que, decerto, são investigações com resultados contraditórios devido ao facto de o continente africano, especificamente a Guiné-Bissau, ter recebido os processos científicos de forma tardia.

Embora sejam línguas *informais* por não possuírem alfabetos próprios e por não serem utilizadas no processo de ensino formal ou em encontros formais, são ferramentas básicas de uso e contactos entre as pessoas da mesma tribo em diferentes atividades, como a educação no seio tribal, manifestações culturais (folclores), desenvolvimento de processos cerimoniais, transmissão de códigos secretos ou tabus entre os membros da mesma tribo e de valores intangíveis a outras tribos, etc. Essas línguas são mais usadas no interior do país como afirma Couto (1991, p. 43)

O facto é que nas cidades se fala predominantemente crioulo e nas zonas rurais predominantemente as línguas étnicas, embora se possa afirmar que hoje não existe praticamente nenhum guineense que não tenha pelo menos um domínio passivo do crioulo. Essa contradição – que em termos dialéticos não chega a ser antagónica.

Embora haja diversidade de opiniões entre os investigadores em tentar descortinar aquela que é a realidade linguística guineense, alguns trabalhos apresentam-nos dados aceitáveis como estes de Nóbrega³³ (2015, pp. 100-101) que nos apresenta sem ter em conta os subgrupos étnicos: “Fula, Balanta, Mandinga, Manjaco, Papel, crioulo, Beafada, Mancanha, Casamacunda³⁴, Bijagó, Felupe, Cassanga, Padjadinca, Saracole.”

³³ Nóbrega referiu os grupos étnicos no âmbito de distribuição de deputados por etnia e partido político.

³⁴ Nóbrega incluiu Casamacunda como um grupo étnico mas, na verdade, não pertence. Na melhor classificação, Cassamacunda pertence a um dos clãs da tribo Balanta sendo que, por laicidade, certa parte desse clã se converteu ao islamismo e a outra parte ao cristianismo ou, simplesmente, animismo. O clã Cassamacunda localiza-se a norte do País, em Binar.

Djáló (1987, p. 106), considera, de uma forma abrangente, a complexidade linguística da Guiné-Bissau, destacando as mais faladas no país: “Crioulo 44%; Balanta 25%; Fula 20%; Português³⁵ 11%; Mandinga 10% e Manjaca 08%.”

Considerando a entrevista feita com o doutorando Lino Alves³⁶ (2016), apesar de haver “novas *invasões* ao território guineense, os imigrantes vindos dos países vizinhos, com as suas línguas que em certo contexto influenciam as nossas, as línguas étnicas continuam vivas no seio do nosso povo como no início e para sempre”. Enfim, apontou os seguintes dados linguísticos conforme os grupos e subgrupos étnicos, salientando que, “cada grupo ou subgrupo étnico corresponde a uma língua étnica ou tribal cujo código linguístico próprio”

O fula (futa-fula, fula-forro, boinca, gabunca); o balanta (balanta mané, mansoanca, balanta-cuntoe, balanta Nhacra, Balanta Patch, Balanta Mane, Balanta Naga, Balanta Dame); o brame (manjaco, papel, mancanhe); o mandinga (mandinga, biafada, oinca, sussu, saraculê, djacanca, padjadinca); o felupe (djola); o baiote; o cassanga; o cobeana, o banhum; o bijagó; o nalu e o cocoli.

Esse conjunto de línguas étnicas guineenses, na opinião de Baro Baldé (2013, p. 13) tem origem em

dois grupos de línguas africanas que, na realidade, esses dois grupos pertencem uma mesma família linguística, mas cuja separação é tão recuada na história que agora não tem incidência prática”. O primeiro é o grupo Mandé. A única língua importante desse grupo no país é o mandinga, que é uma língua do sub grupo Mandé central, tal como o bambara, o malinké, línguas com as quais forma um conjunto interdialetal que se pode considerar como uma língua única. O sussu, língua falada no sul do país (Região de Tombali) pertence igualmente ao grupo Mandé. O dialecto norte dessa língua é conhecido com o nome de Jalonké. Todas as restantes línguas pertencem ao grupo Atlântico. Este grupo, em tempo muito recuado na história, dividiu-se progressivamente em sub-grupos, são eles: As línguas do sub-grupo norte representadas pelo Fula (dialecto do Firdu e do Futa); As línguas do sub-grupo Bak, constituídas pelos conjuntos de Balanta, Manjaco e Jamat. As línguas do sub-grupo Tenda-Nhunh, e se subdividem em dois subconjuntos: Buy (Cobiana) e Haaj (Cassanga).

³⁵ Não pertence ao grupo das línguas étnicas, embora fosse mencionado pelo autor.

³⁶ Terceiro ano de investigação em doutoramento pela Universidade de Roma – Itália, Departamento de Teologia e Filosofia Clássica. Foi professor de sociologia pela Universidade Amílcar Cabral - Guiné Bissau.

1.3.2. Especificidades do crioulo

O crioulo é uma língua nascida no seio do povo Bissau Guineense a partir “dos contatos entre os portugueses com a população ao longo dos séculos”³⁷. Conforme Augel (2006, p.1),

O crioulo ou língua guineense desenvolveu-se a partir do secular e continuado contato com os colonizadores portugueses. Teve a função social de língua veicular entre os falantes de origens as mais diversas, passando ao estatuto de idioma autônomo, tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical. Hoje é considerada língua da unidade e da identidade nacionais, sendo crescente a incidência de falantes que têm o crioulo como primeira – e mesmo única – língua, sobretudo nos centros urbanos.

O crioulo constitui um dos elos de ligação nacional entre as tribos, ferramenta de “unidade de uma multiplicidade de seres [diferentes grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau no contexto comunicacional]³⁸”. Conforme Couto citado por António C. Francisco (2015, p. 17) “o crioulo é dominado por cerca de 75% da população” da Guiné Bissau, e Sani (1999, p. 99) considera que o “crioulo em expansão é falado por 70% da população”.

O crioulo é a língua do dia-a-dia, dos negócios, das discussões domésticas, do quotidiano dos guineenses e dos debates parlamentares e políticos. Usa-se na Rádio, na Televisão. É frequente ouvir passar na rádio e ver na televisão notícias bilíngues em crioulo e em português. Os estrangeiros que trabalham nas ONG, que evangelizam, procuram aprender o crioulo porque é a língua que os aproxima mais do quotidiano, da filosofia e das necessidades dos guineenses.

Na opinião de Luís de Sena (1995, p. 41) “o crioulo tem certo prestígio como língua materna das camadas urbanas e como língua amplamente utilizada por outros grupos como língua de comunicação inter-étnica.”.

Apesar de o crioulo não ser nem uma língua oficial nem língua de ensino na Guiné-Bissau, ele está presente no ensino escolar básico e secundário como facilitador da transmissão dos conteúdos e é tolerado no ensino universitário. Há projetos de ensino bilíngue que pretendem usar o crioulo como língua do ensino nos primeiros anos

³⁷ Cf. M. Olga Azeredo, M. Isabel Freitas M. Pinto & M. Carmo Azeredo Lopes (2016, p. 31).

³⁸ Cf. Armindo dos Santos (2013, p.19)

de escolaridade no ensino básico, patrocinados por particulares e pelo estado da Guiné-Bissau através da UNESCO, no âmbito do projeto da melhoria da qualidade do ensino (BREDA).

Scantamburlo (2016) em resposta à questão posta pelos técnicos da FEC³⁹ *“E porquê começar a aprender crioulo antes do português?”*, em jeito de responder à questão colocada, disse:

o ensino é paralelo, começamos a aprender a escrever em crioulo na 1ª e 2ª classes, e começamos a ouvir e a aprender a falar português nestas mesmas classes. Começamos a aprender a língua pela oralidade para que a escrita venha logo a seguir (SCANTAMBURLO, 2016, P.9).

Considerando a entrevista conjunta feita na reitoria da universidade “Amílcar Cabral” da Guiné-Bissau dois linguistas, Zaida Pereira⁴⁰ e Incanha Intumbo⁴¹, (Dezembro, 2016), confirmaram que “existem alguns manuais didáticos, de cidadania e de socialização, produzidos para a alfabetização, o ensino bilíngue e campanhas específicas. Mas também estes não são utilizados para o suporte do sistema do ensino”.

No que concerne à oficialização do crioulo, os linguistas afirmam que “a não oficialização do crioulo tem a ver com o não comprometimento do poder político e a inexistência de uma política linguística definida pelas entidades competentes”. Ainda no âmbito da entrevista, mostraram que, para o maior sucesso escolar “há toda uma necessidade de se pensar na introdução do crioulo no sistema do ensino. Isso facilitaria todo o processo de transmissão de conhecimentos, as crianças passariam a aprender a ciência naquela língua que compreendem melhor”.

Questionados relativamente às atividades feitas no sentido de que o crioulo pudesse ser enquadrado no currículo do ensino, isto é, no sentido da sua normalização e da produção de materiais produzidos que pudessem dar início ao trabalho do ensino do crioulo, referiram o seguinte:

³⁹ Fé e Cooperação. Organização católica que atua no âmbito do desenvolvimento de ensino.

⁴⁰ Zaida Maria Correia Lopes Pereira, doutorada em Linguística, é a atual reitora da Universidade Pública da Guiné Bissau “Amílcar Cabral” – UAC.

⁴¹ Doutorando em Linguística pela Universidade de Coimbra. Encontrava-se na Guiné-Bissau desenvolvendo um projeto de investigação.

Há trabalhos de base sobre a descrição do crioulo: gramáticas (Cônego Marcelino Marques de Barros, Fernando Rogado Quintino, André Wilson, Scantamburlo), léxico (Androletti, Biassuti, Scantamburlo), convenções da grafia e ortografia (Ministério da Educação, Scantamburlo e outros), análise e descrição de aspectos gramaticais do crioulo (Jean Louis Rougé, Jean Louis Donné, Incanha Intumbo, Alain Kihm...), História do crioulo e tradição oral em crioulo (Professor Pinto Bull), Teresa Montenegro... Muito Material. Estes trabalhos foram feitos ou escritos na Guiné Bissau, em Portugal, França, Itália desde os primórdios da independência.

Esses trabalhos devem-se à própria dinâmica interna do crioulo, ao interesse científico e às necessidades de evangelização.

Não há um acordo ortográfico relativa ao crioulo. Há propostas de alfabeto do crioulo e propostas de ortografia do crioulo. Não foram amplamente discutidos nem difundidos. Os técnicos do governo da Guiné Bissau propuseram uma convenção baseada na correspondência unívoca um grafema um fonema, mas há mais defensores de uma grafia e ortografia etimológicas, baseada na convenção do português, que entendem ser mais económica.

Embora o crioulo não tenha uma norma, há muito tempo que alguns escritos guineenses publicam em crioulo como sinal de afirmação da identidade, embora as obras literárias monolíngues em crioulo ou híbridas, em português e crioulo, não sejam utilizadas no sistema do ensino, facto que as enfraquece, já que não são utilizadas nem discutidas pela comunidade académica, local que lhes garantiria a *imortalidade* e a *transfronteiridade*.

1.3.3. Situação da língua portuguesa

Entre as várias línguas existentes na Guiné Bissau, o português é a única com o estatuto de língua oficial, sendo o idioma de escolarização e de maior produção literária do país e das interações na administração pública.

Decerto, é nessa língua, o português, que se executa todo o processo de ensino formal de todos os níveis. Constitui uma das heranças culturais de suma importância adquirida por parte do colonizador na medida em que permite à Guiné multiplicar a sua dimensão identitária, isto é, fazendo a Guiné, neste contexto, ser múltipla porque, através da língua portuguesa, o país pertence às comunidades da lusofonia: PALOP, CPLP, etc.

Para além de ser aquele que permite à Guiné pertencer a várias identidades sócio-políticas, na opinião de Zaida Pereira (2016, p. 5), “o português, língua oficial é também atualmente percebido como instrumento de acesso ao poder, acesso todavia limitado a determinados grupos de influência, nomeadamente ao dos intelectuais.”

Entretanto, a metodologia usada para o seu ensino na Guiné-Bissau é complexa porque os professores o ensinam aos alunos como uma língua materna, facto que dificulta a possibilidade de o dominar com facilidade, e suscita nas crianças um sentimento de aversão e de menos preocupação de o dominar. Scantamburlo (2016) sublinha problemas que essa espécie de metodologia acarreta:

as crianças não crescem a aprender o português, em casa, a família não fala português e por isso não há contato com a língua. Quando os alunos chegam à escola são estimulados a partir de manuais escolares equiparados aos que circulam em Portugal para crianças que ao entrar na escola já dominam muitos vocábulos que os alunos guineenses com a mesma idade nunca ouviram na sua vida. Identifica por isso como grande erro a utilização de manuais de estudo do português como língua materna [e defende claramente] a adaptação à realidade linguística local e atual (SCANTAMBURLO, 2016, P. 9).

Atualmente, o português é uma das línguas que se expande com máxima *velocidade* no seio do povo guineense devido às atividades dos cooperantes portugueses aí presentes no setor do ensino com diferentes projetos, Como PASEG I, PASEG II, FEC, IC, PACL, etc. para a qualificação do ensino Guineense e difusão do português.

Valem as referências abaixo, embora se refiram ao contexto geral. Maria Helena Mira Mateus (2014, p. 36) mostrou a influência do português a nível mundial, isto é, “falado no mundo por cerca de 200 milhões de pessoas, [em que] constitui um meio facilitador de *interações de carácter económico*, benéficas para os elementos das sociedades que dominam essa língua.” E Sofia Alves (2016), em nota editorial do Boletim Escola, Língua portuguesa da FEC, referiu essa mesma dimensão que o português ganha a nível mundial. Pois, “tendo a LP mais de 260 milhões de falantes (como língua materna e língua segunda). (p. 2)”.

Na Guiné-Bissau, conforme Couto (1994, p. 25)⁴² “a língua portuguesa é dominada por cerca de 2% da população”.

Trata-se da língua de maior produção literária em relação ao crioulo, ou em forma híbrida, para assim expressar idiomáticamente as expressões que são próprias do povo; essas obras não são geralmente aplicadas no processo de ensino-aprendizagem. Na opinião de Silá (2016), relativamente à questão posta pela FEC - “*o que podemos*

⁴² Apud Endruschat & Schmidt-Radefeldt trad. por Francisco (2015, p. 17)

fazer pela produção literária, por este mercado e como, enquanto comunidade escolar, podemos promover o livro e os seus escritores?”, arguiu-se o seguinte, apresentando três aspetos, de entre os quais, o segundo era pertinente para o contexto:

O segundo aspeto que considero fundamental tem a ver com a introdução do ensino da nossa literatura no nosso sistema educativo. Há jovens que completam o nível secundário sem nunca ouvirem falar de uma obra literária ou autores guineenses. Isto é um *handicap* sério que urge eliminar, pois como se costuma dizer “de pequenino é que se torce o pepino” (SILA, p. 7).

Houve alguns *justificativos* pela tutela do ensino relativamente à inserção das obras literárias guineenses no sistema do ensino. Segundo Jorge Sanca⁴³, entrevistado no INDE (Dezembro, 2016),

poucos exemplares em cada publicação nas editoras nacionais que não consegue fazer cobertura às escolas existentes no país; maior parte de publicações se faz nos estrangeiros; falta de política de incentivo às publicações locais por parte do governo; condição económica de alunos em poder adquirir um livro, etc. (in entrevista).

A veracidade da não inserção de conteúdo das obras literárias no currículo oficial do ensino secundário confirmou-se pelo preenchimento de inquérito aplicado a 151 alunos, 76 alunos e 75 alunas, do 12º Ano de escolaridade do Liceu Nacional “*Kwame N’Krumah*”, em Bissau, e a 331 alunos (198 alunos e 133 alunas) do 12º Ano de escolaridade do Liceu “*Hoji Ya Henda*”, em Bafatá. Por fim, o mesmo inquérito deveria ser submetido aos alunos da escola de formação de professores “*Tchico Té*”, departamento de licenciatura em língua portuguesa – Instituto Camões, mas não foi o caso devido ao não funcionamento de aulas naquela instituição do ensino superior no momento da nossa presença em Bissau.

Quanto ao resultado obtido a partir do inquérito no Liceu Nacional “*Kwame N’Krumah*”, 40 alunos, de ambos os géneros, correspondendo a 26%, disseram terem contato com algumas obras literárias guineenses. Entre eles, alguns afirmaram terem esses contatos por intermédio de professores que o pediam fazendo trabalho ligado a algumas obras, e outros afirmaram terem-nos a partir do seu empenho pessoal, isto é, fora do âmbito escolar. Entretanto, de entre os que se afirmaram terem lido obras literárias guineenses, 9 alunos afirmaram terem lido a obra *Kikia Matcho*, obra em

⁴³ Técnico do Ministério da Educação.

análise neste trabalho. E 111 alunos, também de ambos os géneros, correspondendo a 74%, afirmaram não entrarem em contacto com obras literárias Guineenses, nem na escola nem em casa.

De igual modo, no Liceu Regional “Hoji Ya Henda” de Bafatá, 47 alunos de ambos os géneros, correspondendo a 14%, disseram terem contatos com algumas obras guineenses (alguns tiveram-nos pela escola, e outros fizeram-no por suas iniciativas pessoais, isto é, fora do âmbito escolar). Ainda de entre os que leram as obras, configura-se um que disse ter lido *Kikia Matcho*. E entre 284 alunos, 86% disseram desconhecerem o significado de obras literárias. Portanto, não leram nenhuma obra.

Para concluir a fase de inquérito relativo ao ensino das obras literárias nas escolas secundárias e superiores da Guiné-Bissau, entrámos em contacto com o professor de cultura Guineense e literatura africana do Instituto Camões, Dr. Luís Camala⁴⁴ que, em jeito de resposta à questão relativa ao assunto de enquadramento das obras literárias no currículo do ensino superior, disse:

nós incluímos as obras literárias Guineenses no programa do ensino. Como se sabe, o departamento é específico em tratamento de questões de línguas e literaturas. Entretanto, quando se faz abordagem de literaturas africanas, entra imediatamente obras literárias Guineenses. É desta forma as obras literárias são ensinadas no centro de licenciatura – Camões e, também, pelo departamento de Bacharel (CAMALA, in entrevista, Dezembro 2016).

Refletindo sobre a abordagem acima, conclui-se que as obras literárias Guineenses praticamente não são ensinadas nas escolas secundárias, facto que as inibe quanto à sua identidade pelo que as crianças não são desenvolvidas nas paixões e aptidões para que, num futuro, possam ser escritores a partir de modelos locais. Por outro lado, esta prática faz manter sempre essas obras em nível precário destinadas a esquecimento.

⁴⁴ Dr. Luís Camala, professor de Cultura Guineense e várias Cadeiras ligadas à literatura. Licenciou-se em língua portuguesa e estudos literários pela Escola Superior “Tchico Té” - Instituto Camões, Guiné Bissau.

IIº CAPÍTULO
LITERATURA DA GUINÉ BISSAU

2.1. Breve historial

A literatura é a arena de relações humanas onde pactos, alianças e estratégias discursivas, que concorrem para a formulação do modo de fazer de ser humano, nos dão, não apenas a dimensão do humano profano, mas também do divino transcendental. É, por assim dizer, essa arena viva em que se revelam os nossos embates quotidianos, em que medimos forças uns com outros ou contra os outros, onde eventualmente acabamos por vencer atingindo, assim, o máximo da fruição intelectual.

Conforme Cabral (1998, p. 9) “A literatura é um componente da cultura que, capturando as percepções e experiências quotidianas coletivas, pode ajudar a produzir um sentimento forte de identidade nacional.” Massaud Moisés, citado por Carriço (1990, p. 69) diz que a literatura é a “expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação por meio de palavras de sentido múltiplo (antes tinha dito polivalente) e pessoal.”

Uma obra literária que é fruto do trabalho de um escritor é, também, a paixão que move o seu existir, o seu ser. Ao escrever, o escritor cria almas, tornando-se num inventor de vivências, num construtor de mundos possíveis e imagináveis. E até mesmo inimagináveis. Cria metáforas que partem do irreal ao vislumbrar o cosmos onde se insere o sujeito literário. Com isto, queremos, por outro lado, dizer que a literatura narra a cultura de um povo, a cultura a que pertence o sujeito literário.

Cabral (1998, p. 9), entende a cultura como “a expressão da produção – material e espiritual - de uma coletividade”.

Amílcar Cabral viu a cultura como parte da história de um povo e da sua luta quotidiana pela sobrevivência. Por dimensão cultural do desenvolvimento entendemos todos aspetos psicossociológicos que, como os fatores económicos, tecnológicos e científicos, contribuem para o sucesso dos planos e projetos de desenvolvimento.

Ora, se se define a cultura como o modo de viver de um povo, o dia-a-dia de um povo, a literatura Bissau Guineense, assente na sua voz plural, narra, desde a sua génese, o quotidiano desse povo - a interação com as suas divindades tradicionais, multiculturalismo, a solidariedade, a inquietação política, etc. Trata-se de componentes que identificam, na maior parte, essa literatura. Esta última, a política, conhecida por

diferentes camadas sociais Guineenses e estrangeiras, é o que vai mal, constituindo um dos principais objetos literários Bissau guineenses desde o momento em que a literatura marca a sua presença no seio desse povo.

A literatura Guineense teve a sua génese sob a presença sequencial das seguintes fases:

- *Literatura do descobrimento;*
- *Literatura colonial.*

Se não tivesse havido um processo de expansão marítima, talvez não se tivesse descoberto um povo – o povo Guineense nem mesmo o que viria a ser, seria uma literatura com outro cariz indentitário. Por outro lado, pelo discurso colonial e pelas narrativas que caracterizavam o homem negro de *inculto*, fez-se nascer, em jeito de resposta, nos finais do século XX e início do século XXI, aquilo que se designa literatura Bissau Guineense de expressão portuguesa presente, também, nas outras colónias portuguesas, o conjunto *Literaturas Lusófonas de expressão portuguesa*.

Conforme Fonseca e Moreira (2012, p. 1) a génese das literaturas africanas de expressão portuguesa deve-se, “por um lado, de um longo processo histórico de quase quinhentos anos de assimilação de parte a parte e, por outro, de um processo de conscientização que se iniciou nos anos 40 e 50 do século XIX (...)”.

Na opinião de Trigo (1985, p. 471) as literaturas africanas “são, portanto, emergência da voz dos outros, do colonizado e do africanizado, empenhados em conquistar a dignidade individual e social.” Estas literaturas nasceram como “recusa e alternativa à literatura colonial [...], busca de identidade, negando a identidade romanesca ou poética constituída pela literatura colonial, apostada em realçar os benefícios da ocidentalização dos usos e dos costumes em detrimento dos valores culturais e civilizacionais autóctones (*ibid.* p. 407).”

Como se sabe, de entre os países africanos de expressão portuguesa, a Guiné-Bissau é “onde tardiamente a literatura se desenvolveu devido ao atraso do aparecimento de condições socioculturais propícias ao surgimento de vocações

literárias” (Embaló, 2014). Esse atraso deve-se à implantação tardia do processo de ensino formal no país pelos colonizadores que o tiveram simplesmente por fim exploratório (*ibid.*)⁴⁵.

Entretanto, a ideia dessa literatura, a guineense, do século XX ao XXI, teve um passado histórico que “se restringe à feição colonial” (Špánková, 2014, P.126). Essa Literatura foi desenvolvida pelos que lutaram contra o regime colonial na então província Guiné portuguesa em busca da identidade ou da liberdade e continua muito presa ainda à referência histórica guineense do período que antecedeu a independência e, mais recentemente, do período pós independência (Embaló, 2014).

Conforme Otinta⁴⁶,

Para dizer, outrossim, que a literatura guineense nasceu – tal como o país – sob o signo do fogo. Ou seja, sob o napalm. Trata-se, sem dúvida, de uma literatura militante, engajada, comprometida com a causa da libertação nacional, com o desejo da liberdade. Isto é de o país libertar-se do jugo colonial, constituindo-se em novas identidades plurais. É esta literatura que começa na primeira metade do século 20, ganha força na segunda metade do século com António Baticã, Vasco Cabral – o maior escritor desse período. Segue-se lhe os anos de 1970 até os anos de 1990 com outros nomes sonantes tais como Conduto de Pina, Domingas Samy, Tony Tcheka, Félix Sigá, Agnelo Regalla, Abulai Silá, etc. De lá para cá tivemos boa safra de escritores, a saber Manuel da Costa, Saliatu da Costa, Rui Jorge Semedo, Edison Ferreira, etc. (Otinta: in entrevista, 2016).

É uma literatura que em que se caminhava, caminha e, certamente, caminhar-se-á na mesma direção. Isto é, fazendo face aos sistemas políticos implantados no país antes e após a independência, enquanto este não mudar de fase como se esperava. Por isso, essa literatura, por um lado, recorre à arte de palavras como *arma* para combater e edificar a possível Nação utópica do povo Guineense. Por outro lado, essa *arma* literária busca formar a própria identidade literária e sociocultural a partir das expressões das vozes plurais das tradições das várias etnias que povoam este pequeno território.

⁴⁵ Cf. Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau – Didinho: www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html

⁴⁶ Otinta, J. Doutorou-se em Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa pela Universidade de São Paulo – Brasil, 2011; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

2.2. Autores e períodos da Literatura Guineense

Desde o *nascimento* da literatura Bissau Guineense até ao momento atual, podemos encontrar quatro grandes períodos históricos pelos quais tem passado. Resumem-se em dois grandes períodos: antes e pós-independência.

Conforme Embaló (2004)⁴⁷:

- Um primeiro período anterior a 1945
- Um segundo entre 1945 e 1970
- Um outro entre 1970 e o fim de 1980
- E finalmente o período iniciado em 1990 até aos dias atuais

No período anterior a 1945 as obras escritas no território guineense foram produzidas por estrangeiros que viveram muitos anos na Guiné, muitos deles de origem cabo-verdiana. A maior parte das suas obras tem um caráter “histórico-paternalista” (ibid. 2004): a “maior parte destes autores caracteriza-se por uma abordagem paternalista ou próxima do discurso colonial” (Ibid. 2004). Conforme a autora, destacamos os seguintes autores que deixaram escritos na Guiné-Bissau, embora fossem estrangeiros:

Fausto Duarte (1903-1955), que se destacou como romancista, Juvenal Cabral e Fernando Pais Figueiredo, ambos ensaístas, Maria Archer, poetisa do exotismo, Fernanda de Castro, cuja obra dá conta das transformações sociais da colónia na época e João Augusto Silva, que recebeu o primeiro prémio de literatura colonial

Na opinião de Otinta (2017), em relação a esse período

talvez pudéssemos resgatar o cónego Marcelino Marques de Barros como sendo o único escritor, além de pesquisador genuinamente guineense. Pois os demais são todos ou descendentes de portugueses, ou descendentes de cabo-verdianos que trabalhavam na administração colonial na então Província da Guiné Portuguesa, ele deixou trabalhos no domínio da etnografia, nomeadamente “*A literatura dos negros*” e uma colaboração com caráter literário dispersa em obras diversas. A ele se deve a recolha e a tradução de contos e canções guineenses em diferentes publicações e numa obra editada em Lisboa em 1900, intitulada *Contos, Canções e Parábolas*, (in entrevista).

⁴⁷ cf. www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html.

Quanto ao segundo período, entre 1945 e 1970, a literatura produzida caracteriza-se pelo surgimento de obras poéticas de autores guineenses que podemos designar por *poesia de combate*.

Esses poetas posicionavam-se contra o regime implantado pelo invasor e a favor do dominado, que vivia na miséria e no sofrimento, incitando por isso à luta para a liberdade.

Segundo Embaló, (2004) “É neste período que surgem os primeiros poetas guineenses: Vasco Cabral e António Baticã Ferreira. Amílcar Cabral, com uma dupla ligação à Guiné e a Cabo Verde, faz também parte desta geração de escritores nacionalistas”. Referindo o estilo desses poetas, os textos eram de caráter programático e incitavam à liberdade.

Um texto poético de Amílcar Cabral ilustra esses gritos à liberdade:

Quem é que não se lembra / Daquele grito que parecia trovão?! / – É que ontem / Soltei meu frito de revolta. / Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra, / Atravessou os mares e os oceanos, / Transpôs os Himalaias de todo o Mundo, / Não respeitou fronteiras / E fez vibrar meu peito... / Meu grito de revolta fez vibrar os peitos de todos os Homens, / Confraternizou todos os Homens / E transformou a Vida... / ... Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo, / Que não transpôs o Mundo, / O Mundo que sou eu! / Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe, / Muito longe, / Na minha garganta! / Na garganta de todos os Homens⁴⁸.

Vasco Cabral foi quem produziu a maior parte das obras poéticas entre os autores desse período, com variados temas. A sua visão poética passa “do oprimido à luta, da miséria à esperança, do amor à paz”; no começo do seu percurso, como Amílcar Cabral, o seu discurso era universalista. A partir dos anos 60, a sua obra refere-se à realidade guineense. Em 1981, publicou o seu primeiro livro de poemas em Portugal, intitulado *A luta é a minha primavera*, “obra que reúne 23 anos de criação poética entre 1951 e 1974” (ibid. 2014).

Apresentamos dois poemas de Vasco Cabral que justificam as fases do seu trabalho, conforme estão publicados na *Antologia Poética da Guiné Bissau*, de 1990.

⁴⁸ Cf. In *Antologia poética da Guiné Bissau*, 1990. P. 39.

Leia-se um dos seus poemas de caráter universal, onde o poeta lançou um grito à luta pela liberdade do povo africano. Citamos:

Mãe África / Vexada / Pisada / calcada até às lágrimas / confia e luta / e um dia a África será nossa! / Quando à floresta chegar o meu grito / e o tantã ritmado do batuque chamar / os irmãos à luta, / Quando, como um só homem, nos decidirmos a não vergar a frente / E fizermos o branco tratar-nos como igual. / Quando, a cada violência, responder o brado / da nossa imaginação / E o nosso apelo chegar ao coração e à consciência das massas / E como um fluido electrizante reunir no mesmo «meeting» / O negro estivador e o negro camponês. / Quando cada palavra de ordem for cumprida / E o nosso voto e a nossa vontade forem livres / como um pássaro no espaço. / Quando em cada alma de negro brilhar o sorriso da vitória / E sair de cada fábrica uma palavra de ordem / como um brado de combate e esperança. / Quando ao chicote agressor / Quiser responder a justiça das nossas mãos / E as nossas filhas e as nossas irmãs / Deixarem de ser as escravas do senhor / que é o dono das terras e é o dono das vidas. / Quando cada amigo, seja branco ou amarelo, / for tratado como irmão / e lhe estendermos a mão como se fora um negro / e o aceitarmos lado a lado no combate. / Oh! Quando nos nossos olhos brilhar o fulgor do orgulho / E for inabalável a vontade duma condição humana, / como um rio que inunda sem cessar. / E porque à floresta chegou o meu grito / E acordou os irmãos ao som ritmado do tantã. / Desperta-me Mãe-África! / E serás mais minha mãe. / Desperta irmão negro! / E serás mais meu irmão / porque encontramos o caminho da vitória final! / Mãe África! / Vexada / Pisada / Calcada até às lágrimas! / Confia e luta, / E um dia a África será nossa!

Antologia poética da Guiné-Bissau, 1990, p.49.

Num outro exemplo, de cunho nacionalista, Vasco Cabral canta, de forma analéptica, o acontecido em Pindjiguiti, no dia 3 de agosto de 1959, sendo este o acontecimento que define as causas imediatas da luta para a independência.

3 de Agosto / 1959 / Bissau desperta inquieta / do sono da véspera. / Sopra o vento de morte / no cais de Pindjiguiti! / E de repente / o clarão dos relâmpagos / o ribombar dos trovões. / O meu povo morre massacrado / No cais de Pindjiguiti! / Um clamor de vozes / ameaças e pragas / fulmina o espaço / num coro de impotência. / O meu povo morre massacrado / no cais de Pindjiguiti!

Antologia poética, 1990⁴⁹

Este acontecimento é também por Barros (1999, pp. 17-18) no seu romance *Kikia Matcho* aquando o velho Papai discursava para o sobrinho malogrado, N'Dingui, relativamente às causas da luta pela independência,

(...) tudo começou nos anos 50/60, a seguir ao massacre de Pindjuiti. O não de Sekou Touré, o leão de África, galvanizou a juventude. Dali a chegar a Conakry... o massacre de Pindjiguiti foi o detonador, o sinal de que os tугas só entendiam a força das armas.

⁴⁹ Cf. www.triplov.com/guinea_bissau/vasco_cabral/poemas/

O terceiro período literário guineense, entre 1970 e finais dos anos 1980, é marcado pela poesia de *combate e pela poesia intimista*.

Surge nesta fase um grupo de jovens poetas cujas obras, imbuídas de um sentimento revolucionário, manifestam o desejo de um modelo de uma nação utópica, um futuro melhor. Os temas são assentes na construção de identidade dessa jovem nação, por isso, colonialismo e escravatura são denunciados por esses autores. Eles desenvolveram o tema da identidade em modelos diferentes: a humilhação do colonizado, a alienação ou assimilação cultural e a necessidade de afirmação da identidade nacional (Embaló, 2004).

Ainda segundo Embaló (2004) “os autores mais representativos desse período são: Agnelo Regalla, António Soares Lopes (Tony Tcheca), José Carlos Schwartz [músico], Helder Proença, Francisco Conduto de Pina, Félix Sigá”.

A título de exemplo, apresentamos duas das obras desses autores; uma de Agnelo Regalla cujo tema é o assimilado e, em seguida, uma de Helder Proença sob o tema “reconstrução e esperança”.

Escreve Agnelo Regalla:

Fui levado / a conhecer a nona Sinfonia / Bethoven e Mozart / Na música / Dante, Petrarca / e Bocácio / Na literatura. / Fui levado a conhecer / A sua cultura... / Mas de ti. Mãe África? / Que conheço eu de ti? / Que conheço eu de ti? / A não ser o que me impingiram? / O tribalismo, o subdesenvolvimento, / E a fome e a miséria / Como complementos... / Não me falaram de ti / E dos teus filhos, Mãe África. / Esqueceram-se / De Samory e Abdelkader, / Cabral e Mondlane, / Lumumba e Henda / Lutuli e Ben Barka / Não me falaram da revolução / De Canhe Na N'Tuguê e Domingos Ramos / De Areolino Cruz e Pansau / De Guerra Mendes e Ludjero / Mas falaram-me dos Bandas e Honórais. / Dos que te esqueceram / E fugiram à doce melodia / Dos corás.

In *Antologia poética da Guiné Bissau*, 1990. P.118

Helder Proença, em *não posso adiar a palavra*⁵⁰:

Quando te propus / um amanhecer diferente / a terra ainda fervia em lavas / e os homens ainda eram bestas ferozes / Quando te propus / a conquista do futuro / vazias eram as mios / negras como breu o silêncio da resposta / Quando te propus / o acumular de forças / o sangue nómada e igual / coagulava em todos os cárceres / em toda a terra / e em todos os homens / Quando te propus / um amanhecer diferente, amor / a eternidade voraz das nossas dores / era igual a "Deus Pai todo-poderoso criador dos céus e da [terra]" / Quando te propus / olhos secos, pés na terra, e convicção firme /

⁵⁰ Cf. http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_aficana/guine_bissau/helder_proenca.html.

surdos eram os céus e a terra / receptivos as balas e punhais / as amaldiçoavam cada existência nossa / Quando te propus / abraçar a história, amor / tantas foram as esperanças comidas / insondável a fé forjada / no extenso breu de canto e morte / Foi assim que te propus / no circuito de lágrimas e fogo. Povo meu / o hastear eterno do nosso sangue / para um amanhecer diferente!

A partir de 1990 começa uma nova era na literatura guineense – com uma poesia mais intimista e o surgimento de outros gêneros literários em *prosa*.

Conforme Embaló (2004), “O desencantamento dos sonhos do pós-independência imediato fez com que a euforia revolucionária desse lugar a uma poesia que se tornou mais pessoal, mais intimista, com a deslocação dos temas Povo-Nação para o Indivíduo.” Aliás, após defraudadas as aspirações e os objetivos da luta dirigida pelo PAIGC, a saber, a liquidação colonial portuguesa, a criação das bases indispensáveis para a construção de uma vida nova para o povo da Guiné e Cabo Verde, esses objetivos foram cantados pelas vozes de poetas de então. Entretanto, face à situação sociopolítica surge a geração dos anos 90 aos nossos dias. Estes inauguram novos gêneros literários, com destaque para contos e romance; cantam, assim, o desencanto da aspiração falhada; colocam-se contra a posição do *novo sistema colonial* implantado por dirigentes da nova recém-nascida nação aos seus conterrâneos.

Segundo Embaló (2004), “de entre os seus autores citemos: Helder Proença, Tony Tcheca, Félix Sigá, Carlos Vieira, Odete Semedo.” Ainda, a essa geração, acrescem nomes como Abdulai Silá, pai do romance guineense, Filinto de Barros, autor do romance *Kikia Matcho*, obra que constitui o foco do nosso corpus, Moema Parente Angel, Filomena Embaló e outros cujas publicações contam a partir do ano 2000.

As obras desses autores, digamos, a literatura guineense do século XXI, reflete a real situação de abismo político e de fragilidade institucional em que se encontra o país atualmente. Barros (1999) menciona o sentimento dos combatentes, [por que não o do povo em geral?], relativo a sacrifícios levados a cabo por eles e hoje em grande medida em desalentos, para resgatarem o povo da dominação colonial em comparação com as condições da vida de atualidade pós independência

Papai adorava ter estes momentos do reviver dum passado recente mas que a realidade dura dos tempos de hoje teima em manter longínquo. Que interesse tinha, se o comboio da independência lhe havia escapado? Para quê questionar, se a magra pensão de

combatente não chegava para comprar um saco de arroz? Bastava de vez em quando ouvir os discursos inflamados dos comandantes [dirigentes – grifo nosso] e partir para essa viagem [recordar da luta armada], sentindo-se imune às intempéries desta vida. (Barros, p. 19)

A essência das obras produzidas por estes autores leva um leitor atento a questionar-se sobre o seguinte:

- Por que razão a luta para a libertação se tornou hoje na nova escravatura dos conterrâneos?
- Era necessário correr com os invasores?
- Quais as causas de todo este abismo?
- Como foi possível chegar a este ponto?

Assim, baseando-nos no romance de Filinto de Barros (1999, p. 129), quatro questões nos desafiam:

1.) “Se tinham [Os comandantes] sido tão apoiados pelo povo como era justificável que torturassem em nome desse mesmo povo?”;

2.) “Como era possível que uma ‘máquina’ que trabalhou tão bem na luta tivesse produzido no seu seio tais protagonistas [que subjagam o povo em nome de quê]?”

3.) “Seria necessário ir a tal extremo [torturar, fuzilar], em nome da defesa dos princípios [do partido]?”

4.) “Que perigo restava, se os *tugas* já tinham ido embora?”

2.3. Relação entre a literatura e o poder político – “o passado no presente”

Como referimos em algumas passagens deste trabalho a génese da literatura guineense deve-se a uma situação sociopolítica imposta pelo então colonizador ao povo guineense. Entretanto, a breve análise de diferentes obras produzidas por vários autores guineenses de diferentes períodos, revela algo aparentemente simples: os escritores refletem a conjuntura social do seu tempo.

Esta ideia simples é defendida por Ezra Pound (1970, p. 71 apud Monteiro, 2012, p. 2) quando afirma que “os artistas são como antenas de suas épocas. Eles captam os acontecimentos de suas épocas e os refletem em suas obras” ou seja, “o escritor é, pois,

um criador, mas, ao mesmo tempo, a sua obra está, toda ela, mergulhada no momento histórico que a origina (Ricciardi, 1971, p. 80)”. E por mais que não haja intenção, por parte do autor ou, por mais involuntário que se pretenda ser, ao escrever uma obra literária, sempre esta estará revestida por aspectos da realidade social na qual se insere o autor.

Portanto, refletindo profundamente no que se tem passado, com o homem guineense e no que se passa com ele atualmente, torna-se impossível separar um escritor guineense da política que marca indelevelmente, desde sempre, a sua vida no sentido negativo. O guineense foi forçado a viver num sistema sociopolítico fora da sua realidade, o qual considerava opressivo. Hoje o seu conterrâneo fá-lo viver uma vida amarga, por assim dizer, levando assim o guineense a *odiar* esse presente e a pretender novamente o *passado do invasor*.

Esta nostalgia do *passado* no *presente* leva a nova geração literária guineense, a partir das suas obras, a colocar uma *linha divisória* na geração que se colocava contra o homem europeu em busca da sua identidade.

Na década de oitenta houve alguns autores da velha geração que apareceram no cenário com seus versos confessando-se ou *pedindo desculpa* pelo que veio acontecendo de trágico na Guiné Bissau no período pós-independência. Aliás, como se posicionavam contra o homem europeu em seus versos, e com a inversão política operada na Guiné-Bissau com o golpe de Estado de 14 de novembro de 1980, os fuzilamentos de 1986 e os terríveis acontecimentos políticos que se sucederam, não os deixaram indiferentes. Uma onda de tristeza e de desabafos sob a forma de pedidos de perdão saíram dos versos de alguns poetas desta década. Mas perdão a quem, ao povo? Talvez fosse ao colonizador.

Tony Tcheka, nos seus versos, alerta para o facto de que,

Até parece / que a Sul o tempo parou / até parece que o sol / que nos queima / é obtuso e sisudo / até parece / que fomos privados / do apetite / da vontade / da lucidez / até parece / que irrompemos / d'algum ventre enteado / palavra que parece / Até parece que perdemos o Norte / e que o Sul é recôndito / confinado à malvadez / e cozinhados da fa má / Sul é amargo da boca / e o santo na mão / Será sina castigo ou destino / marcado nos porões negreiros? / E o desespero a fome / a doença os bolsos mingua

/ todos esses fiéis companheiros / serão mosteiros / ou simples penitência / para salvar a alma do corpo sofredor? / Mas palavra que apetece / soltar um grito / e desafiar de vez / esta força imensa / que se alimenta da minha dor / da nossa dor!⁵¹

As promessas do partido PAIGC não viriam ser uma evidência como refere Silá no seu romance *Memórias SOMânticas* (2016, p. 84),

... o trabalho forçado ia acabar; haveria boas escolas para todas as nossas crianças e em todas as tabancas e cidades; hospitais modernos para tratar dos doentes e, como irmãos que somos, iríamos todos viver em harmonia, construindo em todos os cantos da nossa pátria amada a paz e o progresso. Era a razão da nossa luta.

Ainda Tcheka (1996, p. 83) lembra em seus versos da obra *noites de insónia na terra adormecida, o povo adormecido* que, devido à situação complexa em que se encontra o povo guineense gerada pela política vigente no país, há tempo que não vive aquilo que devia ser a vida real, sendo um facto que há muitos homens atormentados pela situação. Citamos:

Há chuvas⁵² / que o meu povo não canta / Há chuvas / que o meu povo não ri / Perdeu a alma / na parede alta do macaréu / Fala calado / e canta magoado / Vinga-se no tambor / na palma e no caju / mas o ritmo não sai / Dobra-se sob o sikó / como o guerreiro vergado / cala o sofrimento no peito / O meu povo / chora no canto / canta no choro / e fala na garganta do bombolon / Grei silêncio / quebrado / nas gargalhadas de Kussilinha / em quedas de água / moldando pedras / esfriando corpos / esculpidos / no corpo do bissilão.

As más práticas que se verificaram após a independência e que já mencionámos antes, são referidas por Silá (2016, p. 101) que escreve “... em Tite alguém confirmou que havia uma vala comum, não muito longe da estrada que leva a Fulacunda... o som vinha de longe, pouco audível. Instantes depois tornou-se inconfundível. Eram várias Kalashnikov a vomitar fogo” [fuzilando pessoas – referência nossa].

Edson Ferreira, poeta da nova geração, no seu livro de poemas *no canto Lúgubre da verdade* (2009), aborda, como os seus antecedentes, essa desgraça em que se

⁵¹ Cf. <https://poemasdalusofonia.blogspot.com/.../desafio-ate-parece-que-sul-o-tempo.html>.

⁵² O poeta usou a expressão chuva para designar ano ou tempo, já que na Guiné Bissau existem duas estações de ano – a seca que começa a partir da segunda quinzena de Novembro até ao final da primeira quinzena de Maio; a chuvosa que começa a partir da segunda quinzena de Maio até ao final da primeira quinzena de Novembro. Daí que a contagem tradicional refira esses períodos, ou seja, de uma chuva, (período de chuva), até outra chuva, o que corresponde a um ano.

encontra o país e lança desafios a todos para terem esperança de que tudo há-de mudar um dia. Citamos:

Esperança! A minha expectativa viaja mantada na miragem / juntos caminham consolando-se / em cada aurora sinto uma porção de areia fugir / debaixo de mim. / Em cada noite soluço igual às almas que eram. / Em cada esquina vislumbro um clarão de longe. / oh esperança moribunda. / Sei me acompanhás, sei que há de acender / uma em múltiplas faces desesperadas. / Farás tu reencontrar as flores perdidas entre / as trevas. / Sem forças, com fome e sede, tu guias-me. / De braços e músculos fatigados, só tu me alimentas. / De consciência saturada e pálida, só tu me saceias. / A minha esperança morrerá debaixo das areias / da minha terra sofrida (Ferreira, 2009, p.48).

A atual situação política no país motiva a inquietação de todas as classes sociais, e não só dos escritores. Na opinião de Luís Camala (2016), a essência dessa revolta toda, especificamente, a dos intelectuais,

Consiste de ilações que os literários fazem relativo àquilo que nos pertence – o país! Digo, como os governantes guiam o país desde a independência até hoje sem sabermos o destino certo. Se nos anos setenta saiam dos versos dos escritores guineenses aspirações fervorosamente em hastear a bandeira e, doravante, uma Guiné melhor; hoje não parece àquela almejada! A Guiné atual compara-se com a “via sacra”, como dizem os católicos; ou seja, é igual à odisseia – o regresso de Ulisses, ou à travessia de Cabo de Tormenta pelos navegadores portugueses na era das descobertas, travessia essa cantada pelos clássicos portugueses nas suas epopeias – (celebrando assim clássicos gregos e portugueses). A forma em que se comportam os políticos em administrar esta nação, não teríamos nenhum outro adjetivo para os qualificar, senão simplesmente – imorais! Eles dão à nação uma imagem incrível pelo mundo fora e, a Guiné perde cada vez mais a identidade em relação a outros países que, para dizer, influenciámos à independência. Enquanto os políticos não se mudarem, o objeto literário será sempre o de análises políticas, digamos, ninguém escreva a paz onde não há paz; tal como, ninguém faz um texto falando das neves ou comboios sem os conhecer, etc. A nova geração literária não escreve a paz porque não a conhece! Entretanto, o povo guineense vive um período difícil – não há escolas em boas condições, nem menos do ensino qualificado devida à má condição de serviço, quase inexistência de infraestruturas sanitárias e condições para que os agentes de saúde possam cumprir com os seus deveres, etc. face a isso, a camada juvenil, não somente, pensa em emigração para verem se consigam desligarem deste mistério doloroso. Para quem ler os dois últimos romances, Kikia Matcho e Memórias SOMânticas, da autoria de Filinto de Barros (in memória) e Abdulai Sila, ambos os escritores guineenses, vai ter ideia do que estamos a tratar agora. Aliás, as produções literárias da atualidade guineense, geralmente, tratam-se do desagrado para com os políticos, lançando assim gritos de dores e esperança a um futuro melhor. Mas, quimera! (Camala in entrevista).

Refletindo sobre a situação da atualidade guineense, conclui-se que a preservação da liberdade que era objeto revolucionário só era possível se as instituições pós-revolucionárias interiorizassem e mantivessem vivas as ideias revolucionárias. Isto é, se os guineenses pudessem viver em felicidade.

Entretanto, quando os responsáveis se distanciam, após a revolução, das ideias que nos moviam para a revolução, perde-se automaticamente a identidade por que pugnamos, (cf. Arendt, 1963)⁵³. Isto porque o poder implica necessariamente a existência de duas ou mais pessoas, o poder é sempre relacional. A política, em seu sentido moderno, pressupõe a legitimação do poder, isto é, tanto governantes quanto governados devem estar de acordo com as regras do jogo que estabelecem o exercício do poder. Segundo Arendt, “a política se contrapõe ao mundo natural sendo, por esta forma, o modo mais racional do exercício do poder, já que nas relações em que impera a força bruta, não há espaço para a política, ou melhor” o que significa que se destrói o ambiente no qual é possível o exercício do poder político. Assim, “poder seria o oposto da violência. A violência acontece quando se dá a perda de autoridade e poder” (*ibid.*).

Ora, como o praticado na Guiné-Bissau pelos “detentores” do poder não é do agrado do povo, nem dos parceiros estrangeiros, isso leva à não existência de um bom relacionamento e de aceitação das regras de jogo entre os dirigentes e as massas populares. Daí que estes últimos enveredem por diferentes formas, literatura e outras, para que as suas vozes possam ser ouvidas, desejando o almejado desenvolvimento e a paz.

⁵³ Cf. pt.wikipedia.org/wiki/Poder.

IIIº CAPÍTULO

ROMANCE *KIKIA MATCHO “KM”* – O DESALENTO DO COMBATENTE

3.1. ANÁLISE DA OBRA KIKIA MATCHO “KM”

Para esta análise consultámos duas edições: Barros, Filinto de (1997), *Kikia Matcho – O Desalento do Combatente*. Bissau: Instituto Camões, Centro Cultural Português de Bissau e a 2ª edição da mesma obra, Barros, Filinto (1999), *Kikia Matcho – o Desalento do combatente*. Lisboa: Editorial Caminho S.A.

Kikia Matcho é um romance que nos apresenta uma duplicidade de situações, umas para chorar, outras rir até às lágrimas, pois “rir e chorar são filhos gémeos do pai coração e da mãe boca” (Silá, 1995). Essa história relata a vida e pensamento do guineense.

A obra, *Kikia Matcho*, da autoria de Filinto de Barros, é o fruto de reflexão profunda, ao longo de décadas, acerca do que tem vindo a acontecer no seio Bissau Guineense no âmbito sociocultural, no período pós-independência. Como disse o próprio autor no prefácio do romance “*Kikia Matcho* é um pequeno exercício de ficção. Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem política, tão-somente uma abordagem que se pretende dinâmica do processo de síntese sociocultural de um povo” (KM, 1999, p. 7).

Filinto de Barros nasceu no dia 28 de Dezembro de 1942 em Bissau, República da Guiné-Bissau, e faleceu na mesma cidade no dia 21 de Novembro de 2011. Ingressou no PAIGC em 1963, em Bissau. Durante os onze anos da luta para a independência, Filinto de Barros, na qualidade de jovem dinâmico na altura, levou a cabo várias atividades em Bissau e em Portugal ao serviço do partido. Em Portugal fez seus estudos secundários no Colégio Nun’ Álvares, em Tomar, e estudos superiores pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, em Engenharia. Ali, Filinto de Barros foi membro e dirigente desse partido na clandestinidade.

Aquando da independência da Guiné-Bissau, Filinto de Barros como ativo participante dos destinos políticos do país, foi:

- Membro do Comité Organizador do Partido e do Comité do Sector Autónomo de Bissau
- Secretário Geral e Secretário de Estado da Presidência
- Embaixador da Guiné-Bissau Em Portugal entre 1978 e 1981
- Ministro da Informação e Cultura (1981-1983)
- Ministro dos Recursos Naturais e Indústria (1984-1992)
- Ministro das Finanças (1992-1994)
- Ministro da Justiça (?)⁵⁴.

Com o início da democracia no País, após as eleições multipartidárias de 1994, Filinto de Barros deixou a vida política assumida até 1998, quando se deu a guerra civil, e desempenhou, em Bissau, um cargo de conselheiro técnico na USAID, uma entidade de cooperação das Nações Unidas.

Foi autor de ensaios de essência política, filosófica e técnica e autor de duas obras: *Kikia Matcho* e a póstuma “*Testemunho*” publicada um mês depois do desaparecimento físico do autor.

A obra *Kikia Matcho*, no campo da ficção *realista*, é aquela com que o autor surpreendeu toda a sociedade Guineense e internacional, aquando do seu lançamento em dezembro de 1997, por se tratar de um tema e de subtemas transversais à situação sociopolítica e cultural do povo Bissau Guineense no período pós-independência. Como disse Otinta (2010, p. 5) “se um romance é como *mundo* que se constrói, então pode-se dizer que o autor torna-se narrador de uma História da Guiné-Bissau que (re)conhece, porque a viveu e a construiu” como uma das personalidades que participou ao longo de décadas no destino da Nação, quer como líder do partido libertador, PAIGC, quer como intelectual. Por isso, muitos julgam-no por construir uma obra de *autojulgamento*, *ajuste de contas*, etc. Hoje, é motivo de várias resenhas académicas, quase por todos os cantos do mundo.

⁵⁴ Consta no seu currículo, fornecido pela direcção do Partido, ter desempenhado essa função, mas não foi explicitado o período.

Trata-se de um romance de cento e sessenta páginas (KM, 1999, pp. 11-149), dividido em treze capítulos sem títulos, de diferentes extensões, acrescido de um glossário de cento e vinte termos ou expressões crioulisticas, isto é, por ser obra de escrita híbrida (português e crioulo), (KM, 1999, Pp. 149-154), e algumas dicas sobre *a melhor maneira de conhecer a literatura de todo o mundo...* (KM, 1999, Pp. 155 - 160).

Esse hibridismo, que se refere acima, pode confirmar-se pelas seguintes expressões crioulas ou idiomáticas utilizadas pelo autor na construção do romance: (...) *Péta keia! Capooti! Tchuba tchiga djá! Tornan nha caapa! kerredi, lacacon, garandi, criston, lopé, malgossadu, mecinho, minhoca di tchon, mãe de timba, fidjos de tchoca, cobom de bandé (...)* e que, no fim do romance, se esclarecem por meio de um Glossário, o que permitirá a qualquer leitor, não guineense, conhecê-las e compreender a essência da obra.

O título do romance, *Kikia Matcho*, é uma designação crioula para ave de “família de estrigídeos”. Na antiguidade grega, a deusa Atenas possuía-a como seu símbolo, e, também simbolizava para esse povo, sabedoria ou melancolia (cf. Maria do Rosário Paiva Boléo & Francisco Paiva Boléo, 1998, p. 140). A essa ave, mocho ou coruja, por ser de movimentos noturnos, são “atribuídas na Guiné-Bissau propriedades diversas: pode ser mensageira do bem e do mal, mas sobretudo é ligada a maus presságios e à má sorte” (Augel, 2001, p. 24). Através do *kikia* e da sua simbologia, Filinto de Barros introduz o leitor no mundo mágico e mítico africano ao mesmo tempo que, pela interação dos personagens, estabelece a ponte entre o passado e o presente sociocultural e político dessa jovem Nação (*Ibid.*).

É um retrato profundo e um conjunto de referências que trazem do *subconsciente* para a ficção *realista* que a classe intelectual revolucionária deveria criar condições para que a nova Nação crescesse e, por conseguinte, construísse uma identidade, ou simplesmente desembocasse na construção de opulências individuais de uma minoria, cuja filosofia revolucionária só gerou injustiças sociais gritantes. Pode ler-se no seguinte fragmento:

No serviço passou a reinar a incompetência. Os novos chefes percebiam de tudo menos do assunto [menos do assunto de que o país está afundar pela corrupção – grifo nosso].

Treinados à pressão⁵⁵, nos *centros especializados de propaganda* sitos para lá do Muro de Berlim, experimentavam sérias dificuldades para lidar com a nova realidade ...
[...] O contato com a cidade, com os seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar condicional, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara, mudou os revolucionários. Em vez do suicídio da classe pequeno burguesa tão caro a Cabral, deu-se o aburguesamento do campesinato. O discurso revolucionário de *tudo fazer em nome do povo* dera lugar ao *com o poder não se brinca*. Em vez de livros, medicamentos, surgiram os volvos e as comadres e, como corolário, a violência policial (KM, 1999, p.24).

Estas são odisseias que os sobreviventes do falhanço do projeto da luta armada enfrentam e de que tentam livrar-se. Por isso, *Kikia*, como uma das simbologias que marca o submundo Guineense por se considerar ave com potencialidades supra humanas, é escolhida por Filinto de Barros para relatar irônica e alegoricamente o pior momento por que passam as diferentes classes sociais guineenses.

Com essa designação, o autor lança o desafio a todos para objetivos comuns, isto é, que todas as classes sociais se ponham em busca e à descoberta de causas máximas que colocam a Guiné na situação em que se encontra e se posicionem sobre como resolver ou ultrapassar o pior. (...) “as vozes dizem-me que só terei paz, e portanto, só vou juntar-me a eles, se vocês, os vivos, fizerem a cerimónia” (KM, 1999, p. 116).

A palavra de ordem aqui – *cerimónia* – conota a busca e resolução imediata de ciladas que não permitem o desenvolvimento da Nação. Fazendo isso, as *almas* dos que participaram da guerra e que faleceram antes da independência, ou a sociedade em geral, viverá em Paz.

Mas *Kikia Matcho!*? Por que não fêmea? (...) “*Kikia Matcho* não é boa coisa, mas *kikia* com rosto de um morto é muito mau sinal!” (KM, 1999, P. 68).

Filinto de Barros deve partir do princípio de que tudo o que é ligado à ação feminina tem potencialidade inferior à do homem.

⁵⁵ A má preparação dos quadros de então na Alemanha devido ao baixo nível de formação de base, fez com que não tivessem competências de desenhar qualquer plano formal que pudesse lançar o país que saiu da guerra rumo ao progresso. E enveredam-se por uma política de nepotismo, extremismo, perseguição, fuzilamentos, etc. Tudo isso deve-se à cultura de armas que essa gente aprendeu como ferramenta para resolução de qualquer problema social. São esses “quadros” / Comandantes que se colocaram à frente do destino do País desde o primórdio da independência até hoje, e que resistem contra a visão da nova geração.

Entretanto, como a situação Bissau Guineense se encontra num ponto muito difícil, seria necessária, uma figura de maior potencialidade, como um *Kikia Matcho*, o qual, pela superstição, é temido por toda a sociedade, para que as diferentes camadas se preocupem em como atenuar e resolver a situação. Por isso, *Kikia Matcho!*

Kikia, figura mítica na tradição guineense, no plano romanesco, apareceu às três entidades – Papai e Benaf na Guiné, e Joana em Lisboa - próximas do malogrado *N'Dingui* com cara deste para as contactar misteriosamente e as informar sobre o estado de desilusão dos que participaram da luta pela independência, “Cabral, Domingos Ramos e outros” e que tombaram antes do desejado – a independência (KM, 1999, p. 116). Esse descontentamento deve-se ao sistema político da atualidade guineense e ao estado da deterioração a que chegou o País.

Ora, de que forma iam descortinar o que *Kikia Matcho* lhes queria transmitir?

Filinto de Barros, como dizemos acima, introduz o leitor, neste contexto, no submundo Guineense. Isto é, o processo do desenvolvimento da Nação deve ser levado a cabo por esforços de todos e, até, por intermédio dos *seres* de além – *irãs*, segundo as crenças local. Por isso, a consulta para a descoberta do que a ave agourenta queria comunicar aos próximos do recém-falecido é feita por intermédio de videntes, muros, médiuns, intelectuais, etc., isto é, por toda a força dinâmica da Nação.

Entretanto, *Kikia Matcho* é a obra construída no plano de uma linguagem simples e fácil à compreensão, considerando a forma do género jornalístico em que o autor a inicia “... o comité do Partido do Sector Autónomo da Cidade de Bissau apresenta à família enlutada as suas mais sentidas condolências...” (KM, 1999, p. 9). E, no plano narrativo, obedece às sequências de encaixe e alternância.

A ação central do romance desenrola-se na cidade de Bissau, *chon di pepel* (chão de papel), capital do País. Não foi por acaso a escolha da cidade – Bissau, por autor, para fazer face à peripécia romanesca, mas deve-se à conotação de atribuir a essa pequena vila Guineense a qualidade de ser o local onde tudo acontece, tanto de bom quanto de mau.

Em primeiro lugar, é o local onde se encontra centralizado tudo o que diz respeito à administração. Razão pela qual se justifica a fuga da massa rural de diferentes categorias para essa cidade, constituindo assim uma onda de “mistura carnavalesca” incontrolável residente nesta cidade que, quotidianamente, enfrenta uma séria de luta pela sobrevivência (KM, 1999, p. 17).

Em segundo lugar, a cidade de Bissau, Chão de Papel, é o local onde foi fundado o Partido libertador, PAIGC, em 19 de Setembro de 1956, partido que projetou o destino “falhado” do povo guineense, e os seus militantes ou dirigentes são personagens de diferentes categorias que compõem o presente romance, sendo a maior parte oriunda dessa cidade. Por isso, tudo começou em Bissau e tudo há-de culminar ali:

foi de *cobom* [Bissau, Melhor, Chão de Papel] que eles [os combatentes da liberdade da pátria] saíram, o berço da luta, o local que forneceu a nata dos dirigentes, os *cristões*, melhor os *grumetes*, que tão sabiamente souberam dirigir a guerra contra o colonialismo, e é agora no *cobom*, berço de carnaval, que serão enterrados [é no chão de papel que tudo há de terminar – grifo nosso] (KM, 1999, p. 17)

Como veio a acontecer aquando da morte de *N’Dingui* (na ação central do romance) que representa o despertar de atenção de todas as classes sociais para a resolução imediata de problemas pendentes na Guiné-Bissau, isto é, para ver se tudo termina no *Cobom de Bandé*.

Bissau – Chão de Pele, é um bairro antigo mas pitoresco, entre tantos outros bairros que caracterizam a cidade de Bissau, destituído de qualquer saneamento básico, praticamente sem água potável e canalizada, sem luz e casas de barro empilhadas umas em cima das outras (KM, 1999, p. 14).

O bairro do *Cobom di Bandé – Bissau*, serve de pano de fundo para os acontecimentos mais marcantes da narrativa

Esse bairro de Bissau, que “se desdobra entre o espaço do Bandim e o Chão de Papel outrora cheio de água [estagnada], de hortas, está hoje reduzido a lixeira como sinal macabro de que a seca tinha chegado para nunca mais partir” (KM, 1999, p. 17).

O Chão de Papel é o bairro onde fica a morada de famílias *cristãs*, ou melhor, *grumetes*, como alguns dos *Gãs ou Clã*: “*Gã da Silva, Gã de Bar, Gã Gume, Gã Teixeira*”,

[que, em colaboração com Amílcar Cabral, fundaram o PAIGC, dirigiram a luta nas matas da Guiné Conakry, assumindo o destino do País no período pós-independência], (KM, 1999, p. 14). Fazendo parte do bairro, o seu centro místico era o *Cobom di Bandé*, bem perto ficava o Peréré, outrora local de belas hortas e pomares, de propriedades abastadas, além da fonte misteriosa e encantada de seu poderoso *irã* (KM, 1999, pp. 87-88).

3.1.1. Representação social e cultural através das personagens

Filinto de Barros, a partir do romance *Kikia Matcho*, mapeou, sob perspectivas diferentes, o processo sociocultural do povo Bissau Guineense. Isto é, pelo romance, ele retratou assuntos de diferentes categorias sociais, como a seguir se enumera:

- Assuntos ligados às diferentes categorias de ex-combatentes da liberdade da pátria;
- A história do PAIGC relativa à luta de libertação nacional nas matas da Guiné Conakry;
- A história dos indígenas que se colocaram ao lado dos colonizadores, lutando contra seus concidadãos;
- A situação política Bissau Guineense no período pós-independência;
- A situação dos guineenses pelas diásporas;
- O relacionamento entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde no período pós-independência;
- A convivência e contradições religiosas existentes na Guiné-Bissau, ou seja, o mundo mágico-cultural da originalidade do homem Guineense e as contradições entre esses valores culturais;
- As contradições entre o tradicional e a modernidade, entre a velha geração e a nova;
- Enfim, uma ponte de ligação entre o passado e o presente.

Considerando a perspectiva cultural do povo Guineense na base do romance, tudo girou à volta da realização do cerimonial fúnebre do protagonista *N'Dingui Có*. Como se sabe, os grupos étnicos animistas, da Guiné-Bissau, acreditam num Deus

supremo e onipotente, que deseja o bem para os vivos da terra. Entretanto, este ser onipotente, enquanto entidade invisível e inacessível, possui forças intermediárias espirituais, o *irã senhor da terra* ou “um espírito ancestral ou qualquer outro ser sobrenatural...” (Joop. T. V. M. DE Jong, 1988, p. 5), a quem os seus crentes solicitam, por intermédio de *balobeiros*, *Djambakós* - videntes ou anciões da tabanca, proteção ou clemência. O *irã* “é consultado quando a linhagem está em perigo ou quando se fazem cerimónias importantes [como cerimonial fúnebre, circuncisão, casamento, etc.]” (ibid. p. 5).

O *Irã*, enquanto administrador de todas as propriedades terrestres, deve merecer devoção qualquer que seja processo cerimonial a realizar por Homem. Por isso, o cerimonial fúnebre de *N’Dingui* Có teria de ser realizado conforme a tradição da família a que pertencia, e à qual não quis voltar para tomar conta de um dos *irãs* para “administrar”, como se refere “... àquele que tinha sido o tio [*N’Dingui*] do nosso jovem licenciado e que tinha recusado ser *Balobero* nas matas de Safim” (KM, 1999, p. 15).

No romance, o autor começa o desenho do plano ritual místico cultural a partir de um comunicado, o qual permite ao sobrinho do falecido, António Benaf, saber do falecimento do tio. “Sabes, com o desaparecimento do correio e praticamente sem telefones com o interior, *recado que no tem pa conta*⁵⁶ transformou-se no único meio de comunicar com algum familiar ou amigo no resto do país” (KM, 1999, p. 9).

Benaf, embora esteja desempregado, mal sabe da morte do tio, recebe dos colegas imediatas condolências, práxis tradicional, mas alertam-no para que tenha cuidado com o que iria gastar ao longo do cerimonial fúnebre, por ser alguém mais indicado para se colocar à frente da toda a cerimónia como família próxima do malogrado. (...) “parece que o nosso *djumbai* terminou! Penso que durante estes dias vais estar ocupado com as *cerimónias de tchoro*, dado que junto dos *papéis* isso é muito forte⁵⁷. Coragem e sobretudo muita força e muito cuidado com o teu bolso! Adeus!” (KM, 1999, P. 10). Instantes depois dos vizinhos, colegas e amigos saberem do

⁵⁶ Notícia que chega à população a partir da Rádio Nacional, comunicados.

⁵⁷ Forte no sentido de se realizarem cerimoniais a fio, exigindo mais gastos económico – financeiros.

desaparecimento físico de *N'Dingui*, por solidariedade juntaram-se à família enlutada, velando durante toda a noite, jogando cartas acompanhados por uma “quantidade de aguardente consumida ao longo da noite, sobretudo *sun-sun* (aguardente de caju) que virou rei e senhor nos últimos tempos” (KM, 1999, p. 14). Enquanto “as mulheres de avançada idade, estendidas nas esteiras de bambu, [outras em carpideiras, rebolando no chão] cumpriam com o ritual de velar um defunto” (KM, 1999, p.15).

Outro cenário semelhante à cultura mística tradicional Guineense em torno do cerimonial fúnebre de *N'Dingui*, é aquele em que o companheiro da arma do malogrado, Papai, acompanhado de Tchambu, se desloca junto a uma vidente, Na Barisni, para ali tentar descortinar o enigma do Kikia que apareceu à noite com o rosto do amigo (N'Dingui) e, possivelmente, para saber das causas da morte de N'Dingui, como é de tradição quando morre uma pessoa.

Durante a caminhada, Papai *viajou* ao mundo místico de então, ou seja, ele recordava-se do passado misterioso da cidade, da potencialidade que os *irãs* tinham e da sacralidade que as matas à volta de Bissau possuíam, local onde a mãe o levava para “comer *biandas de siti cu liti*⁵⁸ como homenagem a *Rentchi*⁵⁹ pelos serviços de segurança que tinha prestado à família ou que a família esperava receber” (KM, 1999, P. 89). Mas que “(...) o sinal da seca, do tempo, da civilização que destrói tudo e todos” (KM, 1999, p. 87). Isto é, trata-se de locais sagrados onde os anciãos faziam invocações e conseguiam triunfos ao longo da luta pela libertação, mas que se arruinaram por nada ou pelo advento da *civilização*. Como se pode constatar pela opinião de Na Barisni quando invocava a *irã* em presença de Papai e Tchambú:

Sabemos que as coisas mudaram muito hoje em dia! Sabemos que o Mundo já não é tão *malgós* [sagrado] como dantes! Os miúdos foram à guerra para correr com os *brancos* [invasores, colonizadores]! Nós preparámos o *caminho* aos nossos filhos para nos livrarem dos *brancos*! Os *Brancos* partiram, mas os nossos miúdos transformaram-se em *brancos*! Já não temos os nossos matos *malgós*, já não temos os nossos *poilões malgossadus*. Fui obrigada trazer-te para dentro destas paredes, quanto o teu reino foi sempre na sobra dum grande *poilão*! Mas, como vês, quando há dificuldades, eles

⁵⁸ Gastronomia típica guineense da feitura de óleo da palma e leite de vaca refinada. Utiliza-se mais nas cerimónias tradicionais: rituais de casamento, de circuncisão, invocação de *irãs* e pedido de clemência aos *irãs*, etc.

⁵⁹ Nome ficcional atribuído ao *irã* de Peréré, o qual tinha poder no período em que tudo era sagrado nas matas da Guiné.

lembram-se de nós, pedem-nos a nossa ajuda porque sabem que ainda continuamos a ser os *guardas* desta terra *malgossadu* [sacralizado] que querem à viva força tornar *dós*[dessacralização] (KM, 1999, pp. 92-93).

Na *Baloba*, Na Barisni e Companheiros *Djambakus* cumpriram o ritual do oráculo do frango, galo, “[um Djambakus] torceu com uma violência selvática a cabeça da ave [galo] e, em seguida, com uma faca abriu-a em duas partes” (KM, 1999, p.95), verificaram que a cor das vísceras era escura, o que significa, para os *Djambakus* ou videntes em consulta, que a situação era horrível, exigindo assim mais cerimónias a realizar juntos de *irãs* para que os homens de cá [o povo da Guiné] se possam livrar de praga que ameaça abater-se sobre eles.

Ainda na sequência de processos cerimoniais referidos pelo autor do romance, outra parte a considerar diz respeito ao porco a ser sacrificado em que, pela tradição, o sangue desse animal simboliza o aviso imediato ao ser supremo, Deus, ou aos antepassados, que já habitam no mundo de além, de que vai para junto deles um ser que deixou este mundo dos vivos: “o marido de Joana trouxe o porco sobre o qual o caixão terá que passar antes de ser colocado no carro” (KM, 1999, p. 108).

As fortes crenças dos vivos relativamente à existência dos antepassados no mundo de além, no caso de um cerimonial fúnebre, levam a que seja o recém-falecido a levar consigo as encomendas dadas pelos vivos para entregar aos que já partiram antes dele, como *N’Dingui*, que

começou como portador de *panos* para os de lá que, na prática, continuam aqui sem serem vistos pelos de cá, mas constantemente tidos em conta no dia-a-dia. Os vivos vivem para satisfazer os caprichos dos mortos, na esperança de os acalmar e poderem assim viver na tranquilidade mais uns anitos. E que a tradição se repita. Foi assim ao longo dos tempos e assim continuará a ser para que a estrutura social se mantenha coesa e possa continuar a sua caminhada infinita (KM, 1999, p. 17).

A mistura de culturas na Guiné-Bissau fez com que houvesse confrontos de rituais cerimoniais durante o processo fúnebre de *N’Dingui*: primeiro, o ritual tradicional de sacrificar um porco porque o seu sangue serviria de sinal de libertação da alma e para a fazer subir a Deus (para animistas) e, segundo, a presença de um padre para benzer o corpo como sinal de aliança para com Deus (para os cristãos). Embora o padre saiba que a presença é insignificante, “seria erro recusar a bênção a esta gente. O padre sabia que

a sua presença era só aparente, para cumprir com os costumes, para legitimar a presença do morto com a estrutura dos *cristons*...” (KM, 1999, p.109).

Na mesma linha, o autor refere a simplicidade cerimonial fúnebre por parte dos muçulmanos, isto é, para estes não há tanto gasto para com os mortos, nem tantas invocações de *irãs* para descobrirem o que causa a morte a um ente querido

nós, os muçulmanos, não temos nada disso! As pessoas morrem e pronto, é só enterrar: aguardamos o dia da *cimola*⁶⁰, rezamos muito para que seja bem recebido junto de *Ala*⁶¹. Mas com vocês nada disso, até aqui [Portugal] os vossos *irãs* chegam! [Mas que a maioria dos muçulmanos tem como handicap aos] murus... charlatães [que] vêm aqui [Portugal] só para enganar os *brancos* e os nossos patrícios das ilhas [Cabo Verdianos] (KM, 1999, p.82).

Como é evidente, os rituais ligados ao mundo místico guineense não faltam entre os que se encontram na Diáspora, como no caso de Joana e companheiros residentes em Portugal, “como sinal de defesa pelo perigo da não autenticidade” (KM, 1999, p. 79).

O autor–narrador, por sua sagaz sabedoria, apresentou-nos algumas características do habitat dos *irãs* da atualidade diferentes dos da ancestralidade guineense, quando havia matas sagradas e os *irãs* tinham o seu lugar junto a uma árvore de grande porte – Poilão *sagrado*.

Hoje, estes são obrigados a ir coabitar com os seus guardiões por causa das transformações que mudaram tudo e todos

Chão de terra batida... o quarto não tinha janela assim como não tinha tecto. No fundo, uma porta de zinco ou de chapa fechada, separava-o dum outro compartimento que não tinha nada a ver com a velhota. Ao lado da cama, uma quantidade de garrafas meio vazias [garrafas de aguardente, o qual se faz invocação de um *irã*], pedaços de pau cruzados de várias maneiras, cada uma com o seu significado. *Panos de pente* de cores garridas, com predomínio do vermelho cobriam parte desses pedaços de madeira. No meio dessa amálgama via-se um tronco de árvore com o manto vermelho a envolve-lo (KM, 1999, p. 91).

⁶⁰ Devoção a Deus (*Ala*) que se faz pelos muçulmanos em memorial de um ente querido falecido. Isto é, para que seja recebido por Alá. Geralmente é feita a cerimónia, *cimola* ou *esmola*, no 40º dia após o desaparecimento físico de um membro da comunidade muçulmana – aquele que cumpre com as normas religiosas de Mohamed. A cerimónia, como qualquer outra cerimónia tradicional Guineense, acarreta muitos gastos económico-financeiros.

⁶¹ Deus por designação islâmica.

3.1.2. N'Dingui e Papai

A representação social que se pode fazer a partir do desenho ficcional feito pelo autor do romance, *N'Dingui*, recorre ao crioulo Bissau Guineense, tratando-se de um nome que evoca a vida “solitária⁶²”, resignada, desalentada, discriminada, impotente, isolada, etc.

N'Dingui representa uma das partes dos combatentes da liberdade da pátria desalentados após a independência, tanto pela família quanto pelos comandantes (governantes) do País. Por isso, o autor-narrador faz desenrolar a trama do romance em vários planos, em torno da morte deste personagem, *N'Dingui*, combatente desde a primeira hora ao lado de Amílcar Cabral e de outros, que faleceu no Bairro de Chão de Papel, em Bissau, devido aos fatores ora referenciados: abandono por parte de alguém e por si próprio.

Estes são pontos que explicitaremos a seguir.

Abandono por alguém: Ndingui, como chefe de família, no período pós-independência, devido à situação económica caótica do país, passava pelo mesmo que a população - “tinha dinheiro mas não comprava nada no mercado, melhor, o mercado deixou de existir para dar lugar às senhas de racionamento. Se queria arroz, óleo, açúcar, sabão, tinha que assistir ao menos a uma reunião nos *comitês do bairro*” (KM, 1999, p. 24). Por outro lado, com os falhanços dos projetos do Programa de Ajustamento Estrutural (PAE)⁶³ nos anos oitenta e devido à subversão política de então que conduzia

⁶² Cf. Filinto de Barros (1999, p.150).

⁶³ Cf. Imbali, Faustino (1993) citado por Otinta (2010, p. 3) PAE – Programa de Ajustamento Estrutural visava, segundo as partes signatárias, o governo guineense e as instituições de Bretton Woods, o desenvolvimento da Guiné-Bissau, como uma das metas a atingir com a estabilização da economia e melhoria nas condições de vida da população. Mas, a bem da verdade, este ajustamento foi imposto ao governo de Bissau como solução para os problemas estruturais existentes: défice público, economia de subsistência, má governação, uma certa desorganização dos tecidos social e político guineenses e as quase precárias condições das infraestruturas. Porém, o FMI e BM acabaram com todas as reformas estruturais que se propunham para a área económica. As propostas do FMI e do BM, tendendo para a liberalização económica e estímulo dos mercados em detrimento da intervenção estatal, traduzem-se em medidas de redução de taxas de utilização dos serviços públicos, supressão de subsídios, redimensionamento da administração pública, cortes, congelamentos salariais e privatizações. Os resultados destas reformas foram catastróficos, porquanto não só não melhoraram o défice orçamental, como os efeitos negativos das restrições orçamentais sobre o bem-estar geraram um ambiente de promiscuidade social e o agravamento do sector informal como estratégia de sobrevivência. Como resultado destas medidas, o

o país ao caos, N'Dingui viu a sua família a desorganizar-se, começando pela emigração indesejada da sobrinha, Joana, que descobriu logo em 1977⁶⁴, anos depois da independência, que os objetivos da luta estavam sendo violados e optou por continuar a identificar-se com o povo português para, doravante, obter a sua reforma, facto que a levou a partir para Lisboa.

Por outro lado, a situação em que vivia o sobrinho era péssima; António Benaf, recém-chegado de Sofia – Bulgária, isto é, sem emprego e nunca o tendo contactado, desde que chegou dos estudos, para lhe dar “qualquer apoio material ou humano, ele [Benaf] que era considerado o mais próximo em termos familiares e de quem era devedor moralmente” por o ajudar a estudar numa escola missionária e depois, por esforço do tio, a conseguir uma bolsa de estudos para a Bulgária (KM, 1999, p. 16).

Tudo isso fê-lo sentir-se desalentado, como se pode ver também quando recebe a notícia da ida da sobrinha para Portugal.

(...) Joana costumava recordar-se da conversa com o tio:

- sempre mantiveste a tua ideia de imigrar para Portugal, ou melhor, ir buscar a reforma junto dos portugueses?
- É verdade, tio, penso que é a melhor saída para mim. Sabes, isto está muito difícil.
- Infelizmente os tempos estão maus, mas penso que dias melhores hão-de vir. Devias sacrificar-te conosco. Dizem que isto não tem nada de comparável com o que já fizemos.
- Todos os meus colegas estão a partir e eu não quero ficar a perder. Lá, posso encontrar dois ou mais empregos como enfermeira enquanto aqui não vou para a frente.
- Lamento a tua decisão. Gostaria que ficasses conosco. Participei nesta Luta para vos ver felizes. Vocês são os meus filhos, filhos das minhas irmãs. O teu primo Benaf está a ir bem na escola e espero conseguir uma bolsa para ele. A tua partida vai magoar-me muito, sobretudo vou ficar malvisto junto dos meus camaradas.
- Porquê, tio?
- Vai optar pela cidadania portuguesa! Isso significa que terá de renegar nacionalidade, dizer não a nossa LUTA.
- Mas tu sabes que sempre te apoie nesta Luta! Só vou tomar a nacionalidade deles por conveniência. Tenta convencer os teus companheiros.
- Dizem que terás de assinar um documento renegando a tua bandeira e que os *tugas* vão utilizar isto contra o nosso País nos organismos internacionais. Sinceramente, isso deixa-me muito triste, minha filha!

cidadão guineense viu-se perante um Estado fragilizado que, por um lado, teve que lidar com as restrições à obtenção de empréstimos e ajudas e, por outro lado, os políticos guineenses, mesmo perante este dilema, não se coibiram do exercício da corrupção, do clientelismo e do neopatrimonialismo, como estratégia para o enriquecimento fácil.

⁶⁴ Cf. Barros (1999, p.24), ano em que Joana se partiu para Lisboa em busca de melhores condições devido às discriminações do novo Estado ao Povo.

- Mas, tio, tenta compreender! Toda a gente está a fazer o mesmo! Além disso, vocês não criaram nenhuma condições para nós. Nos serviços, só os que lutaram no mato é que ocuparam postos de comando. E se ainda soubessem do assunto! ...
 - Vê lá como falas dos meus camaradas! Podem não falar bem o português como tu, mas curaram as nossas feridas nos matos de Kitafine, Mato Forroba, Candjambari. Esses camaradas prestaram um grande serviço à nossa LUTA, não deves falar deles desse modo!
 - Então não és tu próprio quem costuma contar aquela de Cabral que dizia que depois da Luta não queria ser consultado por nenhum dos *médicos* da Luta?
 - Mas isso não te dá o direito de traíres a revolução!
 - Trair a revolução? Como? E que revolução?
 - Tomar a nacionalidade do inimigo para obter uns escudos é uma traição à Pátria!
 - Que traição, titio?! Abre os olhos! A tua revolução já foi traída há muito tempo! Eu vou mas é ganhar dinheiro seja como for!
 - Então vai e não contes mais comigo!
- (KM, 1999, p.26).

Abandono por si próprio: Ndingui, como dizemos, combatente e dirigente “do bigrupo, nas matas de Kandjambari” (KM, 1999, p. 101), após a independência, não viu realizadas as promessas que foram motivo da entrega à luta, nem considerações por parte dos ex – guerrilheiros “(...) a magra pensão do *combatente* não chegava para comprar um saco de arroz” (KM, 1999, p. 19); “jornais falavam de muitos [ex - combatentes] mas de *N’Dingui* nem uma letra” (KM, 1999, p. 26).

Entretanto, *N’Dingui* e colegas, face a esses fatores, abandonaram-se às bebidas alcoólicas, na tasca de Mana Tchambú, Pensão *Tia Burim Mudjo*, nas periferias de Bissau, até à morte do próprio *N’Dingui*.

Essa morte, em cujo cerimonial fúnebre os comandantes não se dignaram marcar presença (Km, 1999, p. 114), constituía assim uma forma de negação até no fim.

A discriminação, como a caracteriza Comissão do Livro Negro sobre o regime fascista (1982), na introdução do livro *Discriminação política no emprego no regime fascista*:

arma de que o regime fascista [igual ao novo fascismo do estado novo da Guiné] se serviu foi das mais poderosas designadamente no aspecto «dissuasor», pois tirava às vítimas a possibilidade de obter os meios de sustento necessários para a sua vida e de suas famílias levando-as ao desemprego e, muitas vezes, à miséria (Comissão do livro Negro sobre o regime fascista, P. 8).

Após a morte de *N'Dingui* e a partida prematura da sua alma, antes do cerimonial fúnebre e de *Djongago*⁶⁵, para se juntar aos outros, ex- combatentes da liberdade da Pátria, que tinham partido no período antes do desfecho da luta – Amílcar Cabral, Domingos Ramos e outros, essa alma de *N'Dingui*, de novo, foi abandonada por *Deus*, talvez seja por ele participar da corrupção antes do golpe que o afastou do poder nos anos 80, como se lê no trecho do diálogo entre os personagens:

(...) o que é que o N'Dingui poderia ter cometido de tão terrível para a sua alma estar nesta situação?

- Calma, Grã [Papai], não ponhas a mão no fogo por ninguém! Muita coisa aconteceu nesta terra depois da independência. Durante a Luta, a dinâmica do processo permitia detectar as falhas imediatamente. Mas depois que a guerra acabou, tornou-se mais difícil saber o que cada um anda a fazer. Se calhar N'Dingui fez parte dos que se afastaram de Cabral [os que se pautaram pela corrupção] e passaram a servir-se do partido em vez de o servirem.

- Não posso crer! N'Dingui passou os últimos anos na tasca da Mana Tchambú, *Tia Burim Mudjo*, sempre a cair de bêbedo! Dantes encontrávamo-nos todas as tardes para dar um dedo de conversa!

- Até parece que dormias com ele! Algum dia N'Dingui te contou o que fazia na calada da noite?! Olha que ele foi visto muitas vezes a entrar no edifício da segurança em horas muito impróprias (KM, 1999, p. 126).

Entretanto, talvez seja o raciocínio acima que fez com que a alma de Afidi, como era o seu nome próprio, fosse reenviada à terra como *kassissa*⁶⁶, em representação dos de lá, para vir avisar os de cá acerca da dissolução de Cabral. Assim, era preciso os de cá *mexerem-se* para colocarem um fim à corrupção por meio de *cerimónia* – a palavra de ordem indicada por *Nhor Deus*, sendo que nem sequer o próprio *N'Dingui* sabia o tipo de cerimónia a realizar, como se ilustra nas seguintes passagens: “- Afinal, que *cerimónia* é essa de que tantas falas? – Não sei! Só sei que vocês terão que fazer a *cerimónia*, caso contrário será mau para todos nós e para vocês, os vivos” (KM, 1999, p. 117).

Ora, refletindo sobre o desafio que o romancista colocou aos leitores acerca do papel social de *N'Dingui*, como ex- combatente da liberdade da Pátria, faz-se a seguinte inferência: *N'Dingui*, considerando algumas passagens do romance, configura-se entre

⁶⁵ Djongago é divindade que os animistas invocam após a morte de um ente querido com o objetivo de descobrir as causas da morte.

⁶⁶ Alma de além, espírito mau, alma ruim. Refere-se, neste caso, alma que, por castigo, é reenviada à terra como praga aos de cá (terra) devido ao pecado que o ente querido deve ter cometido antes de ter deixado o mundo material. Essas almas, pela tradição, reencarnam em outras pessoas e fazem a pessoa comunicar como o morto comunicava. Enfim, poderão dizer tudo o que de errado aconteceu ao morto, ou seja, quem o matou, etc.

aqueles que se desviaram dos objetivos da luta e pautaram-se pela corrupção no período pós-independência.

É de evidenciar que N'Dingui era um dos agentes da segurança que ia ao serviço em horas impróprias para decidir quem devia ser fuzilado, considerando, estes, desertores ou *traidores* do projeto da revolução, o que deviam roubar, etc.

(...) a mente simplória de Papai [amigo e companheiro das armas que o defendia] não podia enxergar mais longe e descobrir os beneficiários últimos das acções criminosas de N'Dingui, os verdadeiros autores, que, com o seu poder de antecipação, criaram as condições para que surgissem *abomináveis N'Dinguis* [Chefes corruptos do período pós independência] a reporem a ordem revolucionária, uma revolução que se autodestruíu quando começaram a surgir *antecipadores* dos acontecimentos [chefes ou governantes que fazem desenhos de planos à corrupção]... se o processo [fuzilamento de conterrâneos que “atraíram” a luta] era certo e justo, porquê fazê-lo na calada da noite longe dos olhos das massas, as mesmas massas de quem tanto se falava na revolução e para quem todo o poder era constituído?...

Afinal, N'Dingui fugia da sua própria consciência, fugia da máquina que, tendo-o transformado num *monstro*... (KM, 1999, Pp. 129-130).

A sua família [a de N'Dingui] estava bem organizada, o seu sobrinho estudou numa escola missionária, na altura de acesso restrito, depois tinha sido contemplado com uma bolsa para Sofia, enquanto filhos e sobrinhos de outros não tinham conseguido o mesmo privilégio.

Entretanto, anos depois, após o golpe de Estado de oitenta que derrubou o regime a que tinha pertencido N'Dingui, e com a situação de vida complexa que enfrentou, situação caracterizada acima, ele caiu profundamente em desespero arrependendo-se das barbaridades cometidas sobre o povo. Por fim, escolheu, como refúgio, para se libertar do peso do subconsciente, a bebida alcoólica, na Tasca da Mana Tchambú – *Tia Burim Mudjo*. Isto culminou com a sua morte, e com a impossibilidade de a sua alma se juntar às daqueles que partiram antes dele; voltou, como castigo, para vir avisar os de cá, na pessoa do seu amigo Papai, para pararem com as práticas desumanas.

A isto, o autor junta a mensagem de que, enquanto existirem *comandantes* (governantes) que se apoderem do povo para o seu domínio pessoal, terão que assumir consequências terríveis, como N'Dingui, para com Deus.

A par desse papel social de N'Dingui, considera-se um outro ponto importante, que é todo o desenvolvimento das questões religiosas e dos ritos das diferentes tribos. Quer a superstição, desenvolvida a partir da visão de Kikia, quer os atritos entre gentes de diferente fé que constituem os personagens do romance, o romance permite uma visão bastante clara quer dos rituais quer das crenças mais íntimas de cada um dos que intervêm nesta narrativa.

Papai

No que tange a papai, também *ex-combatente da liberdade da Pátria*, como N'Dingui, sofreu igualmente as consequências do impacto da discriminação por parte do poder político pós-independência.

Aliás ele no momento da mobilização da massa popular para a luta, passou de *tabanca* a *tabanca* cumprindo a missão patriótica por um futuro melhor. Mas a realidade que lhe foi cara, de acreditar na união durante a luta até vencer os “*brancos*”, veio a resultar em desentendimentos entre os conterrâneos. Ou seja, na deterioração do País, como se confirma no diálogo entre ele e seu amigo Mancabo:

(...) chamas a isto a transformação? Eu não conheço isto antes da guerra, mas chamar a isto praça é um insulto as praças. Contaram-me que, com os *colons*, havia bancos para as pessoas se sentarem, jardim, e até uma estátua!
- Então não tens olhos para ver os bancos? Não vês vestígios de jardim?
- Vestígios, Grã? Estes ferros torcidos eram bancos? Puxa vida, nunca pensei nisso! ...
- Isto era lindo, Mancabo! Pondo de lado a terrível estátua dos *brancos*, o ambiente era agradável, diferente de todas as cidades africanas que conheci, e olha que não foram poucas! E agora o que vejo, meu Deus?! Onde vamos parar, Mancabo? Ruína, só ruína.
(KM, 1999, P.103).

A corrupção depois registou-se no seio dos *comandantes dos comandantes*, como lhes chama Papai, sem ter em conta a existência de verdadeiros ex- combatentes que deram suas vidas para a causa justa e que, no pensar de Papai, deviam ter estátuas colocadas nas cidades “para dizer às gerações vindouras que têm uma identidade de cultura homogênea e diversificada da qual devem sentir-se orgulhosos!” (KM, 1999, P.104).

Entretanto, houve desrespeito daquilo que foi o plano que norteou a luta “(...) tudo tem estado a morrer, as palavras de ontem já não têm aquela força para nos

empurrar para a frente” (Km, 1999, p.105) e, a título da falsidade, o Estado, por nepotismo, faz crescer na fileira de ex – combatentes gentes que nunca combateram nas matas durante a luta, como constatou o próprio Papai quando se dirigiu ao centro da cidade e passou pelo Ministério das Finanças em jeito de ali encontrar *combatentes* para os avisar sobre a morte de N’Dingui. Por fatalidade encontrou um grande número de pessoas vindas de diferentes partes do País autointitulando-se de ex-combatentes.

Estes, para Papai, não são os verdadeiros combatentes, como se pode ler:

- (...) Oh, Mancabo, cheguei a temer não encontrar alguém conhecido! Diz-me uma coisa: esta gente disse-me que eram *combatentes*, mas eu não me lembro da cara deles. Tu conheces alguns?
 - Bom, tenho visto alguns ultimamente nestas andanças de vaivém nas finanças, sobretudo com o aproximar das mudanças. Mas descansa que, por maior esforço que faças, nunca hás – de lembrar-te deles.
 - Porquê, se são *combatentes*! Estou certo de que já nos cruzámos, dado que, como sabes, estive em todas as frentes, visitei todas as bases, tanto de guerrilha como do povo, de norte a Sul, de Kitafine a Boé.
 - Eu sei, eu sei, camarada Papai! Eu ainda me lembro bem de quem foste e de quanto fizeste pela nossa Luta. A questão é que esta gente nunca participou diretamente na Luta. Uns pertenciam às *tabancas* e limitaram-se a carregar as balas, de vez em quando. Outros estavam do lado dos *tugas* e, quando a guerra acabou, passaram a viver nas novas *tabancas*, *fabricadas* pelo regime de Luís Cabral.
 - Então, o que fazem aqui? A pensão não é só para aqueles que estiveram enquadrados nas fileiras do partido? Sobretudo, como é isso de Majores e Capitães.
 - É verdade, camarada Papai. A questão é que isto está difícil. *Campu Quinti* [dificuldades de hoje], camarada Papai! Hoje para ter divisas basta pagar algum dinheirinho à gente de Amura [Fortaleza de Amura. Hoje, Quartel General], levar uma fotografia e pronto [dão-lhe estatuto de ex - combatente]! É o que a maioria faz e assim até as cozinheiras são tenentes na reserva. O pior é que tudo isso vem dividir a pensão, já de si magra. Denuncia-se, mas ninguém liga, ninguém está disposto a *queimar-se* nas urnas...
 - [Então, com tudo isto], que respeito tem o *combatente* hoje, se basta uns *continhos* e uma foto [para ser considerado ex – combatente, por nepotismo, era simplesmente pagar aos chefes um dinheirinho e entregar uma foto, já lhe dão o estatuto] para usufruir das regalias de combatentes da liberdade da pátria?
- Como a cidade, adulterou-se tudo e todos. Ninguém tem respeito pela luta! Como era possível confundir os *grandes* da luta com os carregadores das balas?
(KM, 1999, Pp. 100-106).

Papai, lutando contra as pressões da dura realidade em que o novo sistema o colocou, simplesmente refugiou-se no alcoolismo, também na tasca de Mana Tchambú, Pensão Tia Burim Mudjo

para fugir do desencanto numa revolução que teimava em afastar-se do caminho traçado, para não ver o que estava sendo visto pelos outros [para não continuar a ver corrupção que os outros estão a fazer vista a olhos desarmados], enfim, para manter intacto o seu *eldorado* mundo de Amílcar Cabral [respeitar os princípios da luta e não passar, ele, pela corrupção] (p. 130).

[Como, ele mesmo, afirmou]: (...) se Cabral ressuscitasse e visse o que está a acontecer com os seus *combatentes e flores da Luta* [as crianças ou povo em geral, como dizia Cabral], teria fugido ou suicidava-se desta vez para sempre! (KM, 1999, p.62).

A posição adotada por Papai, isto é, de não se deixar vencer pela corrupção e manter-se fiel aos princípios partidários de então, como aprendeu com Amílcar Cabral ao longo da Luta, fê-lo, por outro lado, perder os seus familiares e bens, começando por sua mulher, Yulé Nan Bitna. Esta não conseguiu adaptar-se à nova realidade, separando-se do seu marido e voltando para sua a tabanca. Tudo isso deve-se ao facto de ela (Yulé Na Bitna) não compreender nem se acomodar à nova realidade dos centros urbanos, *civilização*, que levava as meninas a usarem as calças apertadas, roupas curtas, a *queimar* cabelos, de lábios e unhas pintadas, com andares bamboleantes para chamar a atenção dos homens, etc. (KM, 1999, p. 44); essas eram práticas que ela nunca vivera, ou seja, as realidades do campo em que viveu, onde Papai a encontrou, diferem das do centro urbano, e a situação urbana de então que ameaçava ser inimiga de todos, pela crise socioeconómica, o que a levou a abandonar o marido, indo reviver os seus costumes na sua terra natal.

A mesma dureza de vida de então, levou Papai a perder também os seus bens materiais, como o aparelho de rádio que trouxe da luta, o qual penhorou a alguém para evitar as dívidas contraídas com Mana Tchambú (KM, 1999, p. 98), mas que não conseguiu recuperar.

Embora o Papai mantivesse aquele ambiente da era colonial, do mato e do combate, ele continuava a sonhar, esperançoso de que tudo mudasse, mas isso era uma quimera

Ajuizando sobre o que foi exposto sobre Papai, torna-se fácil compreender que ele pertence ao grupo de ex-combatentes que nunca se pautaram pela corrupção durante, e depois da luta armada, tendo respeitado os princípios do partido e dos seus chefes.

Por outro lado, Papai representa a velha geração de Bissau Guineenses de hoje e o seu mundo entra em contradição com a visão da nova geração da atualidade, como se pode confirmar no fragmento abaixo:

O velho [Papai] até era interessante, simpático, mas os temas eram sempre os mesmos, a fazer lembrar o outro lado da consciência [o Papai relembra-se o passado glorioso], precisamente o lado que ele [Benaf, representante da nova geração] estava interessado em eliminar.

O velho falava-lhe de princípios que nortearam uma geração que acreditou no sacrifício individual como forma suprema, do espírito humano, enquanto ele vinha de sítios onde o culto do ego estava sendo erigido em estátuas de pedras e cal [ideia europeia por ter vivido ali].

O contraste entre esses dois mundos era enorme e para Benaf [a nova geração] o desenvolvimento significa nada mais nada menos do que cortar duma vez por todas com o mundo do velho [não seguir à visão de Papai] e as suas amarras morais (KM, 1999, p.145).

Por representar a velha geração, os anciãos fizeram com que fosse eleito pela alma de N'Dingui para estar à frente de *cerimónia* a realizar “para acalmar a família [o povo]” (KM, 1999, p.145). Pois, como disse o narrador, “(...) o velhote era a única pessoa capaz de levar o processo para a frente” (KM, 1999, p.145).

Em relação ao que aconteceu a Papai, que perdeu tudo o que tinha devido à situação pós-independência, questiona-se hoje: será que o mesmo não é realidade comum aos outros sobreviventes da guerra?

Na entrevista levada a cabo a um dos ex-combatentes, hoje desalentado na sua terra natal, está subjacente esta mesma ideia.

Disse Carlos Yalá⁶⁷ (in Entrevista, 2016):

Ora, após a instalação do PAIGC em Bissau, isto é, após a independência, assiste-se a uma onda de raptos e fuzilamentos de indivíduos que haviam abandonado o PAIGC, o partido; daqueles que se posicionaram contra o partido, estando ao lado dos colonialistas. Estas pessoas eram levadas para as matas e fuziladas e colocadas em valas comuns. Por outro lado, o golpe de estado de 14 de Novembro de 1980, liderado pelo então presidente, João Bernardo Vieira, “Nino”, [golpe que depôs Luís Cabral, presidente da Guiné após a independência, facto que levou à separação, anos depois, entre a Guiné e Cabo Verde em termos administrativos], acontecimento de 17 de outubro de 1985, uma “alegada intentona balanta” para derrubar Nino Viera, acontecimento que culminou com fuzilamento de altas personalidades do país em Julho de 1986, entre os quais: Paulo Correia (acusado ser orquestrador), Binhancarem Na Tchanda, Braima Bangura, N'Bana Sambú, Pedro Ramos e Viriato Pam; acontecimentos

⁶⁷ Carlos Yalá, ex-combatente do PAIGC, que esteve na luta em Komo, Frente sul do País. Foi para a luta logo em 1962 a partir de Bissorá e, depois, foi transferido para a frente Sul em 1967, onde se juntou ao comandante Domingos Ramos. Na frente Sul, o ex-combatente exerceu várias funções ao lado do seu comandante, Domingos Ramos, entre as quais Adjunto Comandante do efetivo militar presente em Komo durante a guerra. Atualmente, encontra-se votado ao esquecimento, em Encheia, sua vila natal a Norte do País. Combatentes como este que, Filinto de Barros, no seu romance *Kikia Matcho* (1999), referiu. Estes combatentes encontram-se desalentados devido aos comandantes / dirigentes atuais da nação Guineense. Esse desalento consiste em: má pensão, más condições sanitárias, etc.

desumanos ligados à sociedade guineense que fazem afastar vários efetivos militares de quartéis; enfim, esses acontecimentos, cujos ódios desembocaram na revolta militar de 7 de Junho de 1998 que fez novo derramamento de sangue aqui na Guiné. Ainda, golpe de estado de 14 de Setembro de 2003 que derrubou Komba Yala, etc. Estes últimos deixaram o país sem rumo imediato até hoje.

Tudo isto faz com que nós, tropas que lutamos para esta terra, sentimos cada vez mal! Perdemos tudo e tudo por causa da guerra da libertação Nacional. Muitos perderam família, vida, braços, perna, etc., mas não somos hoje bem vistos. Somente 15.000 francos. [Referia ao valor pago hoje aos ex – combatentes guineenses, por mês, relativo à pensão. Esses 15.000 francos, equivalem a 23,07 euros] (Carlos Yalá, in entrevista, 2016).

3.1.3. Farim, Djamanca e Djaló

No respeitante a três personagens do romance, Filinto de Barros fez um recuo histórico do relacionamento entre o povo indígena e o invasor, quer no domínio de emprego como na atribuição de estatuto social por parte do invasor, como dominador daquele até à libertação nacional.

Seguindo a lógica do romance, havia grupos de jovens que saíam de aldeias para urbes em busca de emprego junto dos invasores, como aconteceu com a personagem do romance, Farim.

Farim saiu da sua terra natal, Biombo, a norte do País, para Bissau em busca de emprego. Em Bissau “ele serviu como criado na casa de *Branços*” (KM, 1999, p. 63) e graças a esta situação, conseguiu entrar em contato com os *crioulos*, filhos de elites de chão de papel, e transformou-se em um crioulo. O seu patrão era aquele chamado de “*branco bom*” facto que o fez ascender ao estatuto de “assimilado” e “passou a gozar de uma cidadania portuguesa, embora de segunda classe” por saber sentar-se à mesa, vestir-se à moda do invasor, etc. embora sem escola (Km, 1999, p. 63).

Farim, devido à simplicidade da sua mente e ao analfabetismo, não conseguiu compreender a mudança que decorreu ao longo de tempo no processo de relacionamento entre o invasor e os filhos de assimilados na cidade. Estes, em nome de busca da identidade, teriam de recorrer às armas para verem se corriam com o invasor, e Farim colocou-se em defesa do seu Patrão que, segundo ele, injustamente, queriam expulsar, como se pode confirmar:

Farim tinha feito a *tropa* com os *tugas*. Foi um *kumandu* [comando africano] com *cinturão na rabada* [comandos que usavam cinturão para subjugar o povo], depois

acompanhou as barcaças que levava os víveres aos quartéis sitiados, até que a força de álcool levou-o a viver das sopas desses mesmos quartéis. (KM, 1999, P. 63).

Por seu serviço, Farim ganhava muito pouco, mas isso garantia-lhe a sobrevivência. Após a independência, “como não podia conviver com a nova elite” que a guerra produziu, embora fossem pessoas da mesma faixa etária com quem convivera antes da guerra, ao “contrário de Joana, sobrinha de N’Dingui, que se mandou para Portugal de Lisboa” Farim “não quis partir com *tugas* convencido de que os dias da independência seriam melhores do que aquilo que viveu atrás das sopas” (KM, 1999, p. 64). Quando tomou consciência de que a situação era tensa para ele, por ficar sob perseguição da nova elite, quis partir para Lisboa para ali continuar a servir o seu patrão, mas já era tarde!

Do mesmo jeito, Djamanca, um camponês que vivia feliz na sua terra natal, Gabú, Novo Lamego na altura, como refere Filinto, no romance, faz parte da população do interior do País que resistiu à filosofia de mobilização, *comitês de tabanca*⁶⁸, das massas populares para a guerra levada a cabo pelo partido que dirigia o processo, PAIGC. E colocaram-se em colaboração com o poder colonial por estratégia eloquente deste.

Ora, Djamanca, como refere o romance, vivia na sua terra natal, a notícia da guerra não o perturbava, pois “era um problema dos homens da praça que teimavam em viver como os *brancos*” (KM, 1999, p. 69), a tabanca era islâmica. O que o preocupava era “o seu gado, o seu milho que estava a crescer, e que devia vender em Novo Lamego. Com o dinheiro comprava iguarias para entregar aos pais da próxima noiva” (KM, 1999, p. 69) o que era prática local. Isto é, ter um certo número de mulheres era sinal de reputação social, mas era difícil falar da riqueza num país em que esta teimava ficar entre os da elite. Portanto, a poligamia é da natureza, segundo a religião desse povo.

Djamanca, que nunca quis obedecer ao poder do PAIGC, pela argúcia do invasor – *PIDE*, foi convencido a lutar contra os seus conterrâneos pelo seguinte:

⁶⁸ Cf. Nóbrega (2015, p.41) “instrumento do Partido [PAIGC] junto das populações ao nível local”. Entretanto, os Balantas, “uma das etnias que mais aderiu à luta armada, os comités foram, em regra, acolhidos nas tabancas.” O que não significou um aumento da presença do Estado a nível local, nem um reforço da capacidade administrativa a nível local.

Neste dia de chuva, a tabanca de Sintcham Beli [aldeia que faz parte da região de Gabú] foi visitada por um grupo de militares *brancos* acompanhados por homens que falavam a língua local.

Juntaram o povo debaixo da cabaceira (...) a conversa girava à volta da guerra e da necessidade e de recrutar jovens para correr com os *turras* de Cabral, agente dos comunistas, que vinha roubar gado e as mulheres da *tabanca*...

- o grande chefe de Portugal manda dizer aos seus irmãos da *tabanca* de Sintcham Beli que é preciso de defender as suas terras, as suas mulheres, o seu gado. O engenheiro Cabral, o Cabo Verdiano, que passou aqui vários dias em trabalho, deixou-se comprar pelos comunistas russos e quer vender a nossa terra e a sua gente. Se Cabral tomar esta terra, amanhã não vão respeitar os régulos, os homens grandes da tabanca e vai acabar com as mesquitas, as mulheres vão deixar de respeitar os homens e irão escolher os seus maridos longe da *tabanca* (KM, 1999, p. 70).

Como o invasor conhecia a alma de cada grupo étnico que constitui a Guiné Bissau e, por esta tentação para a defesa da sua aldeia e de tudo que nela havia, Djamanca foi um dos que reagiram positivamente à chamada dos brancos e alistou-se na força do poder colonial como milícia, maltratando os seus conterrâneos da parte do PAIGC até à morte. Ali, Djamanca e Farim conheceram-se por aquele ser milícia e, este, comando africano.

No período pós-independência, devido à situação socioeconómica e política caótica do país que, em parte, teimava em perseguir os traidores da luta e devido à pressão psicológica relativa ao que tinham feito durante a luta, refugiaram-se também no álcool, na tasca de Mana Tchambú, *Tia Burim Mudjo*, para afugentarem *as almas* de dezenas de inocentes que tiveram de matar e a quem tiveram de cortar as orelhas para satisfazerem os seus senhores, “os esbirros da PIDE” (KM, 1999, p. 71). Hoje, Djamanca e Farim coabitam com ex-guerreiros da ala de Cabral na tasca *Tia Burim Mudjo* e não perdem a “oportunidade para os chincalhar [atacam os dos PAIGC]” por terem corrido com *tugas*, seus patrões, que levavam bem a nação (KM, 1999, p. 69).

Djaló, personagem romanesco, também se identifica com o povo do Interior como Djamanca, representa o grupo de ex - combatentes Guineenses que estiveram na luta ao lado dos portugueses contra os seus conterrâneos, mas que se encontram, hoje, em Portugal usufruindo da pensão a que têm direito, e os colegas, na Guiné, não o têm, como é o caso de Farim e de Djamanca, no romance.

Uma passagem ilustra isso:

(...) Djaló, ex- comando fugido das vinganças do Partido [PAIGC] pelas atrocidades que cometera. Era conhecido como o Homem que usava um cinto de orelha das suas vítimas. Pensionista de guerra dos portugueses, vivia [em Portugal] com uma certa folga, o que lhe dava uma certa ascendência sobre os seus conterrâneos. (KM, 1999, P. 80).

Como refere Nóbrega (2015, p. 41): “as etnias colaborantes com o poder colonial foram as mais penalizadas, sofrendo a decapitação das suas chefias que pagaram o preço, em alguns casos, da cumplicidade com o poder português. Foi isso que aconteceu no chão fula e manjaco ...”.

Refletindo sobre os três personagens do romance, Farim, Djamanca e Djaló, Filinto de Barros quer mostrar que o processo da luta armada levado a cabo pelos Guineenses com o colonizador não teve um desenho retilíneo, embora os objetivos fossem de que os guineenses se juntassem numa ação coletiva. Mas isto não sucedeu por acaso: o baixo nível académico que a maioria da população tinha na altura, isto é, de não serem capazes de decifrar os enigmáticos enganos do invasor foi determinante. Razão pela qual a luta pela liberdade é também considerada como *levantamento entre os conterrâneos*. Conforme Carlos Sangreman, Fernando Sousa Jr, Guilherme Zeverino e Miguel Barros (2006),

As Forças Armadas Portuguesas, à medida que o conflito se intensificava, foram também, e de uma forma crescente, utilizando um maior número de africanos nas suas fileiras, aproveitando o seu conhecimento do terreno, dos hábitos, das línguas e até da adaptação ao meio. A criação e o emprego de militares africanos na Guiné, nomeadamente comandos africanos, começou por ser um processo, no início da guerra, que apenas integrava um pequeno núcleo de militares africanos, de milícias e de tropas de segunda linha, que já colaboravam com as unidades metropolitanas. Estes militares iriam ser, na fase pós-independência, uma das fontes de conflito entre guineenses (p. 11).

É nesta lógica que os três personagens do romance fazem parte dos que se colocaram contra os seus conterrâneos em defesa do império português de então. A eles, na estrutura social guineense de então e da atualidade, é atribuído o papel de *traidores* por pertencerem à ala do exército colonial do Ultramar.

Esse grupo de pessoas na Guiné, na atualidade, vive uma situação complexa, ou seja, alguns se sentem injustiçados por parte do Estado português e pelos seus colegas com quem estiveram na luta ao lado do poder colonial e que conseguiram a reforma em Portugal. A maior parte, na Guiné, não alcançou esse objectivo.

Na entrevista com o ex-combatente, Mamadu Cisse⁶⁹ (2016), que participou da Luta ao lado dos invasores, refere-se a situação difícil por que se passam atualmente, quer pelo mau trato que recebem das elites do novo estado após a independência quer pelo desprezo por parte do Estado Português:

Tudo começou nos finais dos anos setenta e início dos anos oitenta! Digo, quando eles [PAIGC] instalaram-se em Bissau, iniciaram logo com *julgamentos* contra os “criminosos” [aqueles que lutaram contra os nacionais]! Dali, estes, a maior parte foi morta por fuzilamentos em lugares incertos, e as famílias perderam os bens desses. Ou seja, para além de perder o membro da família, tu perdes também o bem desse.

Eu, como aquele que estive na luta ao lado dos portugueses, consegui escapar-me da “história” devido ao meu primo que estava em Senegal durante o período da luta. Foi por lá que me abriguei! E só voltei cá em 1995, já no período da democracia multipartidária. Em 1995, um ano após as primeiras eleições democráticas. Aliás, eu não podia voltar para cá entre os anos oitenta e início da década noventa, eles iam assassinar-me porque o fenómeno durou quase até aos anos entre 1992 e 1993. O fim do fenómeno foi graças aos líderes políticos dos novos partidos que atacavam abertamente o regime, entre os quais: Koumba Yalá, líder do PRS, que era forte e corajoso em atacar os senhores no poder, e outros.

Efeitos de tudo isso, é que, para além de nós irmos para a luta sem o nosso consentimento ao lado dos portugueses, também perdemos com isso: primeiro é que, após a independência, muitos dos colegas perderam a vida devido às perseguições dos então governantes; segundo, foi porque perdemos os nossos bens – gado, residências, esposas etc. em detrimento dos senhores chefes de então; terceiro, é que não estamos a receber dos portugueses salários ligados à pensão a que deveríamos ter direito por lutarmos ao lado deles razão pela qual, após a independência, a maioria dos colegas foi alvo de morte; quarto e último, a Guiné atualmente não marcha! Este último faz com que todos nós, os guineenses, vivamos em miséria e sejamos mal vistos, hoje, pela maioria dos nossos parceiros estrangeiros. Por isso, eu diria que não valia a pena que houvesse uma luta contra os portugueses. E, também, espero que Portugal faça pagamento a todos os que estavam ao seu lado durante a luta! Visto que, costumamos ir à embaixada de Portugal, aqui em Bissau, para ver se conseguem fazer o pagamento, mas o responsável que se encontra no adito militar da embaixada simplesmente nos entregou as cadernetas há anos, mas sem fazer chegar o dinheiro. Alguns colegas que conseguiram oportunidades de ir até Portugal, conseguiram ser atendidos [indicando alguns nomes]. Ainda, tentamos pedir ajuda por parte de sucessivos governos guineenses para nos auxiliarem no assunto ligado a Portugal, mas nada! Agora, o que teremos como fim último, fazer sucessivas marchas a essa Embaixada para ver se nos atendem, senão, queixar-se de Portugal! (Mamadu Cissé in entrevista, 2016).

⁶⁹ Ex-Combatente português da ex-colónia portuguesa Guiné-Bissau. Ele esteve na luta ao lado dos portugueses desde 1962, a partir de Binar, freguesia de Bissorá; foi transferido para o centro de instrução de Bolama em 1968; em 1971 saiu de Bolama para quartel de Quebu, Sul do País, local onde ficou até à entrega em 1974.

Hoje, o ex-combatente português, Mamadu Cisse, vive em Bissau sob cuidado dos filhos devido às dificuldades face às consequências da guerra. Aliás, é um deficiente físico e, segundo ele, em 1972, em Quebú, caiu numa emboscada do agente do PAIGC e sofreu ferimentos na coxa esquerda que o deixaram com problemas por toda a vida.

3.1.4. Baifaz, Infali Sisse e António Benaf

Estas três personagens representam parte dos intelectuais guineenses que, durante o período da criação do movimento para libertação da pátria, assim como durante a luta e no período pós-independência, foram formados no quadro de vários acordos de cooperação com outros países amigos, para preparar recursos humanos capazes de tomarem o comando da nação. Foram os casos de Cuba, Checoslováquia, Antiga URSS, Alemanha, etc.

Essas figuras, intelectuais no romance, transmitem também uma visão científica. Embora todos os homens sejam, na verdade, intelectuais, nem todos desempenham essa função, sendo impossível, portanto, falar em não-intelectuais porque “não existe atividade humana da qual que se possa excluir toda intervenção intelectual” (Gramsci, 1982, p. 7).

Contudo, Gramsci reconhece a importância dos homens da cultura das décadas de 30 e 40, os intelectuais orgânicos, que são “aqueles ligados a classes ou empresas, que fazem parte da vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’, já que não apenas orador puro” (Ibid. p. 8).

Como se pode ver a partir do romance, são figuras de diferentes culturas, isto é, provenientes de diferentes países com ideologias políticas distintas, mas consideradas passíveis de serem enquadradas na Guiné-Bissau. Aliás, quem bem aprecie os discursos políticos da atualidade guineense, percebe que esses *políticos* têm visões diferentes no que diz respeito à matéria de construção da nação. Tudo isso deve-se, hoje, à proveniência de culturas diferentes, já que não se pode falar de uma escola superior de ciências políticas na Guiné, ou seja, de uma universidade vocacionada para o assunto, sendo as universidades produto do século XXI, mas precárias.

Não nos alienamos do trabalho, isto é, destacamos os personagens ora referidos; Baifaz, por exemplo, assume um papel relevante no romance. Engenheiro de formação e cristão de religião inicial, com “o desencanto dum marxismo mal assimilado nos estudos universitários precoces do leste europeu - Moscovo” por um lado, e, por outro lado, com o afastamento do sistema administrativo a que foi sujeito no período

pós-independência, acabou por se colocar num certo “*fundamentalismo*”. Acreditava que as crenças tradicionais, contactos com o mundo dos *irãs*, permitiam a uma pessoa ascender na vida pública, como forma de se mostrar face aos chefes para conseguir um lugar na administração para continuar a obter o pão de cada dia (KM, 1999, pp. 122 - 124).

O *Irã*, ser *omnipotente e onisciente*, ao qual se podem fazer pedidos e promessas - *pidi e torna boca* – usando expressões crioulas, é capaz de garantir tudo sob a alçada de um pagamento por uma quantia indeterminada e variada, conforme a dimensão do pedido.

Filinto de Barros, pela fala de Bafaiz, refere potencialidades dadas aos *irãs* nas terras africanas, no caso específico da Guiné Bissau, aquando do diálogo entre este e o seu amigo relativo à encarnação e comunicação de N’Dingui pela Ofitchar: “(...) toda esta terra que vês aí, este *tchon* [chão] tem o seu dono [irã]. Portanto, se queres fazer qualquer coisa de especial tens que ir lá e fazer uma promessa” (KM, 1999, p. 121).

Por ter pouca visão científica, Baifaz, torna-se capaz de estar à altura de dar respostas incentivadoras a Papai acerca de *cerimónias* a fazer para cumprir com a palavra de ordem dada por N’Dingui – *fazer cerimónias*, caso contrário não haveria paz na vida terrena:

- Sei lá o que acho ou deixo de achar! Isto está tão confuso! Tu [Baifaz] sempre acreditaste nestas coisas de *irãs*, *menchinhas*, etc. ... Bom, o que interessante é o facto do N’Dingui se dirigir a mim e não a um membro da família... que, por sinal, estão muito aqui, ao contrário do habitual [tradição ensina que deveria ser um membro da família a comunicar com o morto]. E mais, o tipo não falou de *djorson* [genealogia]. Falou sim da Luta! As vozes são todas dos *combatentes*! [Disse Papai]

- Para mim, a situação está clara! Esta *cerimónia* de que fala N’Dingui está ligada aos acontecimentos pós - independência. Isto quer dizer que o caso é mais sério. Não se trata de simples *bocas* por pagar. Papai, conta lá outra vez! A alma do gajo não disse o que aconteceria caso não fizéssemos a *cerimónia*? As nossas almas não poderão passar, não é?

- [As almas vão] voltar à vida terrena? Ressuscitar? (...) Não voltarão como homens, mas sim como *kassissas*! *Kus*! O que dizes a isto, Baifaz, tu que sabes tudo e tens sempre respostas?

- Não Brinques, Papai! A coisa é séria. Nenhuma alma regressa por regressar! *Kassissa* quer dizer *castigo*, quer dizer almas ruins, quer dizer *coisas* terríveis na sua passagem por cá. (KM, 1999, Pp. 123-126).

Ainda seguindo à lógica do romance, a mesma visão científica dá-lhe a oportunidade de poder (re)entrar em contacto com as elites a respeito da cerimónia a fazer, isto é, de ser um dos responsáveis a levar para frente o processo cerimonial, para além de Papai, o velho:

- Por conhecer bem o submundo de irãs, e saber quais os *irãs*, *Djambakus* e *balobas* a ter em conta para serem consultados, já que isso passara a ser o seu trabalho;
- Como intelectual, serve-lhe de oportunidade para poder apresentar um orçamento elevado aos comandantes ou governantes que temem transformar-se em *kassissas* – *almas penadas*. Trata-se de um processo de salvar os de cá e os de além e, entretanto, servir-se da soma remanescente, como acontece com os demais governantes quando entregam bens públicos a terceiros para os ajudar em casos afins;
- A possibilidade de ele se vingar dos chefes que teimam em mantê-lo afastado. Estes, nos casos de natureza igual, confiam muito nos irãs como possibilidade de se protegerem e assegurarem o poder. (KM, 1999, p. 143).

Pessoas como Baifaz, identificam-se com o sistema administrativo Guineense. Para eles, contactos com o mundo místico eram essenciais para garantir a boa sorte em tudo o que se pretendesse fazer.

Infali Sisse

Infali Sissé, um dos intelectuais da luta, formado em Cuba, era, entre os resignados pelos efeitos da guerra, um dos que nos parece não perder a compostura. Contudo, também cambaleia de bêbedo nos braços da esposa. Aliás, embora tenha sido afastado pela elite da atualidade por ser considerado desertor da guerra, ele representa o grupo de guerrilheiros que manteve a sua família, que constituiu na luta.

Infali Sissé, na trama romanesca, era quem discutia com Cabral, o chefe da Guerra, em Conakry, acerca do plano da luta, mas sempre discordava deste pelos seus “métodos” e, por fim, decidiu deixar a luta armada. Talvez tivesse conhecimentos que

não quis revelar a Cabral, de que os objetivos pela luta viriam a desaprumar-se, como refere o narrador-autor:

O sonho da independência e construção dum País livre, esfumou-se para dar lugar a vazio unicamente explicado pela crença de que o seu projecto não tinha nada a ver com a prática do partido. Os mesmos erros, os mesmos desejos de posse e mando, de desinteresse pela condição humana e as mesmas mentiras em nome das massas populares, levaram-no [Infali Sissé] a partir [a desistir-se da guerra]. (KM, 1999, P. 75).

Por ser intelectual, Infali Sissé sabia que a figura de *kikia* não passava de uma simples ave, isto é, sem poderes que lhe são atribuídos pela tradição Guineense e que, geralmente atormentam muitas pessoas para as cerimónias, como nos casos de Papai, Tchambú, Baifaz, Tia Mana e os sobrinhos do malogrado N'Dingui – Benaf e Joana.

Disse Infali Sissé a Papai:

- Calma, Papai! Um Kikia é um Kikia e nada mais! Mesmo quando nos parece ter cara de alguém, não passa de ilusão da nossa parte. Deve ser do impacte da morte do N'Dingui. Vocês eram amigos de longa data e não percas tempo com essa de Djambacus, não vale a pena. Nada existe neste inferno a não ser a morte. Mesmo dessa não devemos ter medo. É preciso irmos ao encontro dela, só assim podemos vencê-la [a morte]. (KM, 1999, P. 73).

Na pensão *Tia Burim Mudjo*, Infali Sissé era o único entre os clientes da mana Tchambú que era introvertido. Isto é, considerava-se *inexistente* social pelo que não era necessário identificar-se, e o nome de guerra – Infali Sissé – passou a ser a sua identidade para sempre. Entretanto, a proprietária da pensão, *Tia Burim Mudjo*, mana Tchambú, não o conseguia compreender por não lhe apresentar queixumes nem precisar do carinho desta, como faziam os outros. Ele, geralmente, apresentava-se independente.

Embora tenha nível cultural diferente da esposa, Apili, analfabeta, esta vai assiduamente buscá-lo diariamente à pensão *Tia Burim Mudjo* quando já estava “totalmente encharcado em álcool e em urina”, sinal de profunda resignação. Apoiava-o pois “as *Apilis* nunca se envergonham dos seus homens da cidade” (KM, 1999, p. 72).

A mulher, Apili, sabia responder às provocações sociais relativas ao desdém que os demais da sociedade dedicavam a esses resignados de hoje, *valentes* de ontem. Um tipo de moral rara na sociedade Guineense dos dias atuais.

Dizia a esposa:

Não há problema algum! Eu compreendo o meu homem e, feitas as contas, é melhor ser assim [Bêbado] do que ladrão [os que roubam o erário público]! Isto faz parte da Luta, do desencanto que todos nós sofremos ao não conseguirmos atingir os nossos objetivos. Aliás, o universo dos objetivos foi tão grande e tão díspar, que acabamos todos confundidos. Para o meu homem, esta é a solução que melhor se adapta à sua maneira de ser: cair fundo, mas de cabeça erguida. (KM, 1999, P. 72).

Com essas palavras, a esposa demonstrava não se importar se o esposo perdeu a postura ou não, mas ela tem orgulho no seu marido por este não se colocar no campo da corrupção como os outros intelectuais ou companheiros de armas, hoje dirigentes.

António Benaf

O personagem do romance António Benaf, foi quem N'Dingui mandou estudar para a Europa, na altura em que pertencia à classe de elites de então, por ser o seu sobrinho. Benaf, ao longo da estada na Europa, apercebeu-se de que o seu nível académico não lhe trazia nenhum proveito na Europa e decidiu deixar a esposa, na Europa, para ir servir o seu País, isto é, para ver se, um dia, se tornava rico e poderoso como acontecera com os outros no país.

Devido à aculturação europeia, “a África tinha-se esfumado no seu ser” (KM, 1999, p. 20), pois tinha sido desenraizado da essência da cultura tradicional africana. Porém, “voltou [para a Guiné] porque era africano e intelectual, portanto podia ser ministro ou presidente, mas do continente não conseguia reter nem compreender a profundidade da sua mística”. (KM, 1999, P. 20).

Contudo, mal chegado ao País, como família próxima, teria de conduzir o processo do cerimonial fúnebre do tio, N'Dingui, que veio a falecer meses depois da sua presença na Guiné. Relativamente ao processo, Benaf tinha várias funções a desempenhar:

- A permanência no local desde a noite do velório até ao baixar do caixão;
- Realizar o cerimonial de “*lavar sangue derramado pelo N'Dingui na Luta*” (KM, 1999, p. 20);
- Fazer o *Cerimonial de toca-choro* na terra natal do tio – Safim (KM, 1999, p. 111).

Esse processo permitiu-lhe refletir profundamente e, possivelmente, concluir sobre a posição a tomar relativamente à vida. A longa noite de velório serviu-lhe para

se desenvolver novas ideias acerca do comportamento de governantes e sobre a Nação em geral. Ele que, ao longo do processo cerimonial, tinha sido contraditório em várias ocasiões para com os familiares – velho Papai, prima Joana e alguns familiares, teria de se submeter para que o cerimonial do tio tivesse êxito.

António Benaf, formou-se na Bulgária como já referimos. Seguindo a moral do romance, ele representa o grupo de jovens que, após a independência, e devido à possibilidade familiar de então ou por apoio de um terceiro, partira para estudos pelo estrangeiro.

Atualmente, na Guiné, alguns estão de regresso e representam grupos de intelectuais da nova geração, com graus académicos universitários – Licenciatura, Mestrado, Doutorado; encontraram no entanto o sistema político do País em outra fase, isto é, não lhes permitindo aceder com facilidade ao emprego, sendo que teriam que bajular a nova elite para poderem entrar no sistema.

Na Guiné, raramente se fazem concursos públicos para recrutar novos funcionários, nem se leva a cabo o processo de reforma dos que se encontram nos serviços públicos desde a independência e que a velhice reduz à incapacidade de continuarem no sistema. O enquadramento de novos funcionários em alguns ministérios ou postos de serviço geralmente faz-se por nepotismo, sendo necessário que se identifiquem com raízes partidárias ou afins. Esta prática leva à alienação de muitos quadros, com preparação científica, do sistema público guineense. Por fim, muitos optam pela emigração. É essa luta desenfreada por parte de formados para conseguirem emprego que Filinto de Barros simboliza na figura de António Benaf no romance.

O papel ligado à morte de N'Dingui e assumido por Benaf, simboliza a presença de um intelectual ou a representação de intelectuais da nova geração junto da velha geração (Papai, Infali Sisse e Tia Mana) em busca da solução para o desenvolvimento da Guiné. A realização do cerimonial fúnebre, que os comandantes não se dignaram presenciar, representa um encontro que deveria ter lugar, onde pessoas de diferentes classes teriam oportunidade de apresentar as suas opiniões relativas à situação da Nação. Mas falhou devido à ausência de comandantes (KM, 1999, p. 114).

3.1.5. Mana Tchambu, Tia Mana e Joana

As figuras femininas referidas pelo autor simbolizam a dura luta quotidiana que as mulheres travam para poderem obter pão diário para a sobrevivência familiar. Quer as viúvas quer as mulheres cujos homens estão desempregados. Nas suas vidas diárias, criam atividades que possam rentabilizar, trabalham horas a fio para poderem contornar a dureza da vida no País. Como se pode inferir, a partir do romance, as diferentes atividades pelas quais optaram as três figuras femininas são as seguintes:

Mana Tchambú

Mana Tchambú, viúva “com seis filhos para criar”, tinha de enfrentar duras lutas de dezesseis horas diárias para poder manter a sobrevivência da família (KM, 1999, p. 65). Foi nessa dureza da vida de então e de hoje, que ela decidiu criar a pensão *Tia Burim Mudjo* como *melhor mercado* onde os resignados, ex-combatentes e os demais, buscam o equilíbrio da vida no álcool.

Na *Tia Burim Mudjo*, Mana Tchambú, como disse Otinta (2010, p. 2), “a qual no seu trabalho de ganha pão, vai conhecendo a vida dos seus clientes assíduos na pensão”. Pois, era ela, por seus queixumes, quem os ouvia e os escutava e, simultaneamente pela experiência já adquirida, os consolava com sua companhia e seus conselhos nas longas sessões de bebedeira para atenuar a dureza da nova realidade.

Nas palavras do autor–narrador:

Mana Tchambú gostava dos seus clientes. Só ela sabia compreendê-los. Dava emprestada sempre porque sabia que o código funcionava! (...)
Mana Tchambú conhecia a história de cada um, desiludidos, débeis mentais, que encontraram no álcool o sentido, não da vida, mas da resignação. No passado tiveram algum valor, jogaram algum papel no turbilhão da sociedade emergente no continente. A maior parte tinha acreditado em ideias, valores, etc., tudo quimeras! Comandantes, comissários políticos, embaixadores, Comissários de Estado, milícias, comandos africanos, uma mistura carnavalesca, como carnavalesca tem sido a vida deste pequeno país! (KM, 1999, Pp. 66-67)

Entretanto, por causa desses contactos diários com os seus clientes muitos ganharam confiança nela, como no caso do velho Papai que, após o Kikia Matcho com cara do amigo já falecido, lhe ter aparecido à noite, foi logo naquela manhã à pensão *Tia*

Burim Mudjo revelar o caso à Mana Tchambú, para ver se esta conseguia explicar-lhe o sentido enigmático da ave considerada agourenta. Ela aconselhou-o a ir consultar a vidente “Na Barisni, tirar a sorte” (KM, 1999, Pp. 67-68).

O papel assumido por Mana Tchambú na sociedade Guineense, pode resumir-se da seguinte forma:

- As mulheres como Tchambú geralmente conseguem ter na sua posse o segredo do Estado, como acontece muitas vezes na Guiné, por estarem sempre em contacto com altos dirigentes da nação;
- As mulheres têm grande papel na edificação da paz, como fazia a Mana Tchambú através de aconselhamento aos seus clientes resignados, os valentes de ontem.

Tia Mana

Tia Mana, outra figura feminina que o romancista nos apresenta, simboliza o grupo de mulheres Guineenses de idade avançada ou aparente que, embora havendo crise no País, nunca se dignam pautar pela honestidade o seu comportamento e assim ajudarem a economia familiar ou do País a crescer; simplesmente buscam viver na ociosidade.

No romance, Tia Mana, já da idade avançada, que não lhe permitia trabalhar, como Tchambú, para poder obter algo para sobreviver, escolheu, como melhor profissão, dar orientações aos desenraizados da cultura mística Guineense ou à nova geração que conhece pouco da cultura tradicional para realizações dos cerimoniais tradicionais, como é o caso de toca choro, contatos com *os Balobas – santuário de irãs*.

Tia Mana passando assim a maior parte do seu tempo nos choros porque, nas cerimónias, sabia que, para além de comer e beber sem nada pagar, teria outra oportunidade de desviar muitas coisas para sua casa. Este é o comportamento que se vê crescendo no seio de todas as camadas sociais.

Veja-se a passagem que ilustra a atitude dessa gente:

Era uma profissão que começava a alastrar no País, especialmente junto dos *crioulos*. Normalmente aparecem no início do processo, quando as famílias estão ainda sob o efeito do choque pelo desaparecimento do ente querido.

Aproveitam a confusão e tomam conta das rédeas do processo e, a partir daí, são eles a orientar. Para isso, inventam uma série de regras, obrigando os próximos [os familiares] do defunto a desembolsar somas para acalmarem a ira do morto! Atacam principalmente os desenraizados, aqueles que a dinâmica da civilização pró-ocidental afastou dos usos e costumes locais. (KM, 1999, p. 117).

Entretanto, foi por essa lógica oportunista de as pessoas se aproveitarem de outras, como no caso de Tia Mana, isto é, de comer e beber sem ter de pagar nada, que ela se inscreveu no grupo a dirigir pelo velho Papai com o objetivo de passarem por diferentes sítios sagrados – *Balobas* do País em cumprimento da palavra de ordem dada pela *alma de N’Dingui* – *realização de cerimónias...*, porque ela não tinha medo de conviver com os seres do além

A Tia Mana não tinha medo dos seres do Além. À força de conviver quase diariamente com os mortos acabou por se habituar. Mesmo com a originalidade deste fenómeno N’Dingui, tia Mana tinha calma suficiente para prontamente o enquadrar no seu *habitat*. Mas também sabia que era preciso agir com rapidez e com determinação. Nada de contemplação. Quem foi, foi! ... (KM, 1999, p. 118).

Mas, como iam passar por diferentes *santuários* onde os investimentos para com *irãs* iam ser elevados, ela não ia perder com as *táticas*: “não se descuidar a desviar mantimentos para provisionamento em casa” (KM, 1999, p. 142).

Enfim, na Guiné, essa prática não se reduz simplesmente à camada informal, isto é, às realizações *cerimoniais*. O autor refere, em certa medida, a forma como os governantes, muitas vezes recebem fundos de apoio, em nome do povo, e desviam-nos, levando o País cada vez mais à ruína. Pois a estes últimos, Waldir Araújo (2008, p. 5), no prefácio da obra, considera “malandros refinados que se passeiam por Bissau ou por Lisboa”, desviando o erário público para as suas contas bancárias no estrangeiro.

Joana

Joana, a sobrinha de N’Dingui e a enfermeira da era colonial, faz parte dos funcionários que perderam os seus empregos logo após a formação do Novo Estado Guineense. Ela sentiu a crise e decidiu deixar a Guiné para, assim, ir ganhar dinheiro em Portugal.

Em Portugal, ela não se aculturou totalmente, reservou alguns traços da cultura guineense, como se pode constatar após ter recebido informações ligadas à morte do tio, tinha de velar durante uma noite sob companhia dos conterrâneos; estar de luto durante oito dias; andar pelos bairros de Lisboa, consultando videntes e médiuns para lhe desconstruírem o sonho que teve relativamente a um *Kikia Matcho* com feições do tio morto. (KM, 1999, p. 80). Isso mostra que, no fundo, Joana nunca deixou a sua cultura. O comportamento dela era representado por boa parte dos *ancestrais* ao aceitar, em Lisboa, entrar em contacto com *irãs*.

Embora conseguisse ir para Lisboa, o sonho do “eldorado” em Portugal não se concretizou. Em Portugal, “teve a recebê-la um quarto numa casa em demolição... ali foi obrigada a coabitar com conterrâneos oriundos de camadas sociais diferentes da sua”, ela que, na Guiné, era “descendente de *djintons* [classe alta], tinha instalação elétrica, a luz vinha de dois em dois dias”, sinal de quem estava bem na vida (KM, 1999, pp. 26-27). Em Portugal, Joana teria de aceitar todas as condições de vida, o que talvez não admitisse no seu País. Ao invés de ganhar mais, passou a sofrer mais do que ninguém para poder sobreviver, facto que a levou, indesejavelmente, a ter o *Pedrinho*, o qual tentou educar segundo os usos e costumes da Guiné-Bissau, alimentando sempre a esperança, como os outros, de um dia poder ser rica.

A seguir a passagem que ilustra a vida de Joana e colegas, em Portugal:

Corridos da cidade da Lisboa de Portugal [Chelas, onde a recebera logo a chegar], foram parar ao *ghetto* da Quinta dos Mochos! Construções clandestinas abandonadas pelos seus proprietários, sem portas nem janelas, escadas sem corrimão. Água, luz e infra-estruturas sanitárias eram uma miragem!

Na Quinta dos Mochos ela [Joana] via a luz ao longe quando ia a Lisboa. Olhava as montras cheias de iguarias mesmo sabendo que não poderia comprar nada. (KM, 1999, P. 27).

A dureza de vida levou Joana a sentir que Portugal era mais estranho do que pensava, “estava tão distante dela! ...” Tinha chegado com esperanças nas bagagens, “viveu sustentada por uma autoforça no sentido da plena integração.” Mas, com o passar do tempo, tão distante. (KM, 1999, P. 132).

Joana sofreu de discriminação racial durante anos da sua presença em Lisboa, como se refere a seguinte passagem:

Durante anos, Joana sentiu-se ferida, humilhada, quando ao longo da sua caminhada diária, os *brancos* evitavam sentar-se ao lado dela enquanto houvesse um outro lugar vago. O racismo, sobretudo, o desprezo, fazia-a ficar tensa. Queria ser como eles, que estava desposta a cantar *o Heróis do mar*, enfim, queria que Portugal fosse aquilo que sempre lhe ensinaram na escola primária: a Mãe Pátria. (KM, 1999, P. 132).

Joana representa os emigrantes Guineenses que se espalham por diferentes cantos do mundo em busca de melhores condições da vida. Alguns têm alto nível académico, mas não voltam para o País por causa da instabilidade política constante. Preferem viver duras pressões no estrangeiro para poderem obter meios de subsistência.

Waldir Araújo em *Admirável Diamante Bruto e outros contos* (2008) caracteriza a terrível vida que a maior parte dos emigrantes Guineenses em Portugal leva nas obras públicas ou em trabalhos de maior esforço, como se refere no trecho:

Ansumane Sidibe chegou a Lisboa... foi com muita humildade e não pouca dose de dignidade que se entregou às obras. De segunda a segunda, sem descanso, sem subsídios adicionais, mas o razoável ordenado a cair sempre na data certa (...) (Araújo, 2008, p. 16).

Apesar de passarem por essas dificuldades no estrangeiro, detestam voltar para a Guiné, onde talvez sejam discriminados pelas elites governantes ou submetidos a perseguições.

3.1.6. Na Barisni, Nha Maria Amélia e Ofitchar

Em várias passagens deste trabalho referimos *Djambakus* e *irãs*. Entretanto, os personagens, Na Barisni, Nha Maria Amélia e Ofitchar representam esse mundo místico da sociedade animista guineense. As duas primeiras – Na Barisni e Nha Amélia - representam a classe dos Djambakus ou videntes e Ofitchar, de uma forma análoga, pode ser considerada *irã*.

Os Djambakus são considerados sábios que conseguem adivinhar as causas de qualquer acontecimento maléfico ou benéfico ligado à sociedade ou a uma pessoa singular. Na maioria parte das vezes, desenvolvem atividades como curas, *libertação de almas presas* pelos bruxos, proteção da sociedade contra a ação de feiticeiros, etc. por

isso, a sua ajuda é solicitada em altura de desgraça, tanto pelos camponeses como pelos políticos.

Como se sabe, na sociedade animista guineense, tudo está geralmente mais ligado às pessoas do que às coisas e, conseqüentemente, o diagnóstico de um Djambakus relativo a um acontecimento, por exemplo a morte de um ente, má sorte, pode ser iniciado por questão semelhante: quem fez isto? “Quem”, o diagnóstico refere-se a uma entidade, seja divina ou humana. Nesta lógica nada parece arbitrário, obscuro ou irracional. O mundo de além é caracterizado completamente por seres espirituais cujas intenções são de subjugar os de cá por intermédio de bruxos ou clarividentes. Por isso, para fazer face à situação, isto é, para atenuar a sua ira, devem ser feitas cerimónias em que o djambakus é intermediário.

Ora, enquadrando as personagens em causa no que respeita à lógica do romance, Na Barisni representa os sábios, os Djabakus, que devem concentrar os seus poderes para diagnosticar e desmistificar o fenómeno *Kikia Matcho* que se abateu sobre a Guiné-Bissau impedindo-a de se desenvolver. Logo que Papai apresentou a preocupação a Mana Tchambú, proprietária da pensão *Tia Burim Mudjo*, após o *Kikia Matcho* com feições do amigo falecido ter aparecido, esta aconselhou-o a irem “falar com Na Barisni, tirar a sorte e ver o que é tudo isso. É possível que seja N’Dingui a querer contatar-te” (KM, 1999, p. 68).

De igual modo, Nha Maria Amélia, em Lisboa, para além de representar grupos de Guineenses na diáspora, representa também esse mundo místico que, mesmo fora do seu País, leva até outras culturas. Era a Nha Maria Amélia, em Lisboa, indicada à Joana pelos colegas emigrantes para se informar acerca do sonho que teve relativamente ao *kikia Matcho* com rosto do tio, ora falecido.

Maria Amélia, conhecida por *Djambakus* de Laranjeiro, como qualquer pessoa, no estrangeiro, arrisca assumir qualquer profissão que seja rentável; ela na Guiné não o tem feito, mas em Portugal considera-se Djambakus e “revelou-se um gigante no período da odisseia e mesmo depois. Alimentar-se a si, à família” sem fazer outros trabalhos *desumanos* (KM, 1999, p. 133).

Entretanto, essa reencarnação de alma de um morto em outra pessoa é conhecida na sociedade animista guineense como “*vinda de irã*”, porque quem morre passa a ter poder de *irãns* ou de deuses. Quando reencarnam uma pessoa, essa pessoa passa a possuir os poderes sobrenaturais de revelar tudo o que tem acontecido com a pessoa falecida e dizer o que irá acontecer posteriormente.

Ofitchar, jovem que servia aguardente na noite do velório a N’Dingui, aos participantes, por alma reencarnada no dia seguinte (KM, 1999, p. 111), pertence a esse grupo de pessoas que, em qualquer cerimonial fúnebre, poderão ser atacadas por almas dos recém falecidos. Por intermédio dessas pessoas, um morto consegue comunicar com os de cá, a família, antes de partir para outra dimensão. A essas pessoas, na Guiné, são atribuídas potencialidades variadas. Há quem as designe de *clarividentes*, e outros chamam-lhes *irans*.

Pela Ofitchar, N’Dingui conseguiu comunicar com Velho Papai e os presentes no local fúnebre antes de ter partido para a sua *última* morada, e donde há de voltar para, possivelmente, reencarnar em qualquer pessoa de outra geração transformando-a em Djanbakus. Entretanto, a presença de N’Dingui está sempre entre os de cá e, também, junto a Deus, vivendo assim em *bimundo ou dualismo*. Ele tem de reencarnar em Ofitchar para comunicar a possível praga que há-de abater-se sobre os vivos pelas negligências e crimes que se vêem no país.

Quando as almas encarnam numa pessoa, têm tendência a mudar o semblante dessa pessoa de acordo com os traços dessas almas, como aconteceu com Ofitchar quando a alma de N’Dingui a encarnou.

Algumas passagens que ilustram isso:

- Ofitchar, minha filha, o que está acontecer contigo? (...) Ofitchar, responde! Sou eu, a tua Tia Mana!
- Eu não sou Ofitchar, Parva! [Pois, como a alma a reencarnou, ela passa a ser essa pessoa, logo N’Dingui! Por isso] a voz era masculina, uma voz rouca, voz de cana.
- Se não és Ofitchar, diz-nos então quem tu és – insistiu a Tia Mana que já estava habituada a cenas como essa, de exorcismo. De tempos em tempos surgiam cenas do mesmo tipo, com *as almas* a possuírem os chamados *médiuns*, gente de espírito fraco, como eram conhecidos na praça. Normalmente eram portadores de mensagens para a família do morto. As pessoas tinham-se habituado. Ninguém ligava muito, acreditasse ou não.

Mas desta vez havia qualquer coisa de estranho. A voz era demasiada nítida para ser confundida com a de jovem que passava toda a noite a servir aguardente.

- Sai da minha frente, pateta!

-Tia Mana não se deu por vencida. Sabia que as *almas* eram assim, malcriadas, sem respeito por quem quer que fosse.

- Por que é que estás a utilizar o corpo da pobre menina [Ofitchar]? O teu lugar já não é neste mundo (...) (KM, 1999, P. 122).

Filinto de Barros, narrador-autor do romance em estudo, conseguiu, dessa forma, representar, por intermédio das suas personagens quase toda a sociedade guineense nas diferentes realidades sociais que fazem parte de traços desse pequeno País do Oeste Africano. E refere mesmo outras estruturas que dispensamos neste trabalho, mas existentes na Guiné-Bissau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo concluído este estudo, esperamos que todas as informações tratadas sobre aspetos relacionados com a discussão acerca da busca da identidade da literatura Guineense do século XXI e da própria nação sejam relevantes para todos os interessados no processo do desenvolvimento da literatura guineense, em particular, e no processo da procura da paz e justiça social na Guiné-Bissau como um dos aspetos fulcrais da identidade desta nação.

A literatura Guineense do século XXI relaciona-se com circunstâncias sociopolíticas do período pós-independência mais do que quanto ao pensamento estético, contemplativo ou a outros assuntos da nação. Trata-se de produção de *curto eco* na medida em que passa rapidamente ao esquecimento por não ter sido incluída no currículo do ensino oficial, local onde ganharia prestígio de autoafirmação e de possível *imortalização*. Este trabalho permite-nos perceber, a partir das entrevistas feitas, quanto é necessária a inclusão do conteúdo de obras literárias dos autores guineenses no currículo do ensino secundário e do ensino superior. Assim, pode desenvolver-se, no aluno uma paixão de identificação com a literatura, e formar possíveis escritores num futuro próximo. Por outro lado, esta realidade permite-nos chegar à conclusão de que é necessário enquadrar o crioulo, ao lado do português, no sistema do ensino, e produzir mais obras em crioulo, com diferentes temáticas sociais, como pilar basilar para afirmação da identidade desta *jovem* literatura.

Ainda no que concerne ao rumo político, com o qual se identificam as produções literárias guineenses da atualidade, conclui-se que há falta de quadros politólogos, capazes de fazer face à demanda social da atualidade Guineense. “A formação é uma ferramenta de gestão imprescindível para fazer face às mudanças” (FRANCA, 2013, p. 7) e a Guiné-Bissau poderá fazer face à situação em que se encontra pautando-se pela formação e na melhoria de qualidade dos seus quadros jovens que possam garantir um novo sistema administrativo à nação, isto é, dar-lhe uma nova identidade. Ou seja, o investimento na educação deve ser assumido, na Guiné-Bissau, como ponto de partida

para a resolução de vários problemas a que se referem os críticos literários, e confirmados pelos entrevistados com quem falámos, como fatores de instabilidade social e da governação mecânica que a Guiné-Bissau enfrenta. Visto que a maior parte dos governantes do país vai buscar a *competência governativa às crenças tradicionais – irãs*, isto é, fora de um quadro científico, isso leva o país cada vez mais para o abismo. Este assunto, entre outros, foi alvo de críticas na síntese ficcional sobre política da atualidade Guineense feito por Filinto de Barros em *Kikia Matcho*.

Encontrámos dificuldades ao longo da concretização do trabalho ora findo por alguns inquiridos não se sentirem à vontade na entrevista, e por não ser fácil conseguir obras referentes ao assunto. Contudo, é de realçar que o trabalho nos permitiu crescer mais no que diz respeito a ampliar a visão acerca da literatura da Guiné-Bissau e a aprofundar assuntos ligados às crenças tradicionais cantadas pelas vozes plurais dos escritores Guineenses, especificamente em Filinto de Barros, crenças que andam de *mãos dadas* com o sistema político do País. Por fim, pudemos rever uma síntese política da Guiné-Bissau desde a independência até aos nossos dias, e verificar a razão da amargura social e dos motivos por que a maioria deseja, por conversas que ouvimos nos bastidores, voltar ao antigo sistema administrativo, o do invasor, como solução para ver se a Guiné se liberta da situação de décadas em que se encontra.

Enfim, com este trabalho esperamos que as nossas contribuições sejam válidas e tenham maior impacto na área literária para que, no futuro, possam servir como meio a qualquer cidadão que pretenda desenvolver estudos do mesmo género ligados à Guiné-Bissau ou a qualquer nação em situação afim. Esperamos ainda que sirva como marco referencial para propulsionar o enquadramento do crioulo e das obras literárias no sistema do ensino; e que essas mesmas contribuições sejam oportunidades para a modificação do cenário político vigente no País.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRA ESTUDADA

BARROS, Filinto (1999), *Kikia Matcho – o Desalento do combatente*. Lisboa: Editorial Caminho S.A.

BARROS, Filinto de (1997), *Kikia Matcho – O Desalento do Combatente*. Bissau: Instituto Camões, Centro Cultural Português de Bissau.

OBRAS DA LITERATURA GUINEENSE CITADAS

ARAÚJO, Waldir (2008). *Admirável Diamante Bruto e outros contos*. Torres Vedras / Portugal: Livrododia Editores.

AUGEL, Maema Parente (2007). *Nação, identidades e pós – colonialismo na literatura da Guiné Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond.

----- (2001). *Ficção ou Profecia? Aspectos da Prosa contemporâneo na Guiné Bissau*. Revista de Filologia Romântica. Anejos. Bissau: INEP. Universitat Bielefeld. Alimania. Disponível In: <https://www.researchgate.net/publication/27574937>.

----- (2006). *O Crioulo Guineense e a Oratura*. Scripta, Belo Horizonte, Vol. 10 nº 19. Pp. 69 – 91, 2º sem. 2006. Disponível In: www.ich.pucminas.br/cespuc/Revista_scripta/scripta_19_parte_01_art.05.pdf.

CABRAL, Amílcar (1990). *Poema “Quem é que não se lembra ...”*. Antologia Poética da Guiné Bissau. Lisboa: Editora Inquérito. P. 39.

CABRAL, Jorge (1998). *Os Marinheiros Da Solidão*. Série literária, coleção KEBUR nº 7. Bissau: INEP / KEBUR.

CABRAL, Vasco (1990). *Poema “África! Ergue-te e Caminha.”* Antologia poética da Guiné Bissau. Lisboa: Editora Inquérito. P. 49.

EMBALÓ, Filomena (2004). Breve Resenha sobre a Literatura da Guiné Bissau. Disponível in Google: www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html.

FERREIRA, Edson Gomes (2009). *No Canto Lúgubre da Verdade*. Bissau: Edições AGIS.

OTINTA, Jorge (2010). Revista Crioula. *Kikia Matcho – o desalento do combatente, de Filinto de Barros* Nº 08. São Paulo: FFLCH / USP. Disponível In Google: Otinta – Revistas usp – www.revistas.usp.br/crioula/rt/prINTERfriendly/55349/0.

REGALLA, Agnelo (1990). *Poema “Poema de um assimilado.”* Antologia Poética da Guiné Bissau. Lisboa: Editora Inquérito. P. 118.

SILA, Adulai (1995). *A Última Tragédia*. Bissau: KUSIMON editora.

----- (2016). *Memórias SOMânticas*. Bissau: KISUMON.

TCHEKA, Tony (1996). *Noites de insónias na terra adormecida*. Bissau: INEP

GERAIS

ALVES, S. (2016). *Editorial. Boletim Escola, Língua Portuguesa. Da oralidade à Escola, da Escola à Casa*. P. 2, junho 2016. Bissau: FEC.

ARENDT, H. (1968). *Crítica sobre revolução*. Fonte: [pt.Wikipedia.org. /Wiki/poder](http://pt.wikipedia.org/wiki/poder).

AZEREDO, M. Olga; PINTO, M. Isabel Freitas M. e LOPES, M. Carmo Azeredo (2016). *Da Comunicação à Expressão. Gramática Prática de Português, 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário*. Lisboa: Raiz Editora, registada da Lisboa editora S. A.

BALDE, Baró (2013). *Formação de professores de língua portuguesa na escola normal superior Tchico Té*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de letras de Lisboa.

BARROS, Augusto de (1947). *Boletim Cultural da Guiné – Portuguesa*. Portugal: Centro de estudos da Guiné – Portuguesa, vol. II – 7, pp. 737 – 743.

BOLÉO, Maria do Rosário Paiva e BOLÉO, Francisco Paiva (1998). *Dicionário Mais. Da idade às Palavras*. Lisboa: Selecções do Reader Digest. In Original (SIEBENALER, Anné Marie, 1992, Le Dictionnaire Plus. Paris).

CAMMILLERI, Salvatore Pe. (2010). *A identidade cultural do povo Balanta*. Trad. Lino Bicari e Maria Fernanda Damânso. Lisboa: Edições Colímbri e Edições FASPEBI.

CARDOSO, Carlos e AUGEL, Johannes (coord.) (1996). *Guiné Bissau – Vinte anos de Independência*. Bissau: INEP.

- CARRIÇO, Lilaz (1990). *Literatura Prática. 10º e 11º Anos de escolaridade* – Vol. 1. 6ª Edição. Porto: Porto Editora LDA.
- CASTANHEIRA, José Pedro (1995). *Quem Mandou Matar Amílcar Cabral?* Lisboa: Relógio de Águas Editores.
- COUTO, Hildo Honório Do (1991). *Unidade versus Diversidade linguística na Guiné – Bissau*. Pápia - revista brasileira de estudos crioulos e similares. São Paulo, V. 1, nº 2.
- DJALÓ, Ibrahima (1987). *Contribuição para uma Reflexão: Educação, multilinguismo e Unidade Nacional*. In Soronda – Revista de Estudos Guineenses nº 3, Janeiro de 1987. Bissau: INACEP.
- (2000). *“Lições e legalidades dos conflitos políticos na Guiné - Bissau”*. In Soronda. Revista de estudos Guineenses. Número 7 de Junho, 2536.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares e MAREIRA, Terezinha Taborda (2012). *Panorama Das literaturas africanas de língua portuguesa*. Brasil: Ufop.br – Disponível em: www.4.pugminas.br / imagedb / mestrado... / PUA_ARQ 121019162329.pdf.
- FRANCA, Vanessa Margarida (2013). *Contributo da formação para o elevado desempenho organizacional – um estudo de caso de uma entidade formadora*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Gestão apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre.
- FRANCISCO, A. C. (2015). *Introdução à linguística do português*. Lisboa: Edições Colibri. In (Original ENDRUSCHAT, A. & SCHMIDT- RADEFELDT, J.).
- GOMES, Daniel Filipe Francisco (2014). *O 14 de Novembro de 1980 na Guiné Bissau. Análise Comparativa*. Revista portuguesa de História: Coimbra / impactum.uc.pt /digitalis.uc.pt. Pp. 482 – 506.
- GRAMSCI, António (1982). *A formação dos intelectuais. Os intelectuais e a organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- JONG, Joop T. V. M. de (1988). *O irã, o fulano e as doenças*. Soronda – Revista de Estudos Guineenses nº 5 Janeiro. Pp. 3 – 28.

- LOPES, C. (1982). *Etnia, Estado e relações de poder na Guiné Bissau*. Lisboa: Edições 70.
- MATEUS, M. H. M. (2014). *A língua portuguesa. Teoria, Aplicação e Investigação*. Lisboa: Edições Colibri.
- MENDY, Peter Karibe (2005). “*Cabral na Guiné – Bissau Colonial: Contexto, Desafios e Conquistas.*” In *Cabral no cruzamento de épocas: comunicações e discursos produzidos no II Simpósio Internacional, Amílcar Cabral*. Praia: Alfa Comunicações.
- MIRANDA, António (2015). *Poesia africana*. Hélder Proença. Disponível in: Hélder Proença – www.antoniomiranda.com.
- MONTEIRO, Flávio Rodrigues (2012). *O poder de Coroa e o Poder do Anel: ressonâncias Shakespearianas na literatura de fantasia de J. R. R. Tolkien*. Em *Tese*, Vol. 18, nº 2, 2012. P. 2. Disponível in: <http://www.periódicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3807/3753>.
- MOTA, A. Teixeira da (1974). *As viagens do Bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné e a Cristianização dos Reis de Bissau*. Lisboa: Junta de Investigações científicas do ultramar, centro de estudos de cartografia antiga nº 14.
- MOTA, Avelino Teixeira da e NEVES, Mário G. Ventim (1948). *Centro de Estudos da Guiné – Portuguesa – nº 7. A Habitação Indígena*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia Limitada. R. almirante Pessanha, 3 e 5 (Ao Carmo).
- NAMAM, Indami (2014). *Potencialidade de Microcrédito na sociedade Guineense*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Gestão Financeira apresentada ao Instituto Superior de Gestão – ISG. Disponível em Google: <http://hdl.handle.net/10400.26/7213>.
- NÓBREGA, Álvaro Correia De (2015). *Guiné – Bissau: um caso de Democratização Difícil (1998 - 2008)*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- PEREIRA, Zaida (2016). *Conversa. Boletim Escola, Língua portuguesa. Da oralidade à Escola, da Escola à Casa*. P. 5, junho 2016. Bissau: FEC.

RICCIARDI, Giovanni (1971). *Sociologia da Literatura*. Mem Martins: Publicações Europa América.

RODRIGUES, Luís Barbosa (1999). *A transição constitucional Guineense*. Lisboa: Instituto Humanismo e Desenvolvimento.

SANI, Fanca (1999). *O ensino do português na Guiné Bissau*. In Pinto, Paulo Feytor (coord.) – Atas do II encontro nacional de professores de português – 16 a 18 de Abril de 1997. Lisboa.

SANTOS, Arlindo dos (2013). *Identidades incertas. Uma perspectiva antropológica da anomia identitária*. Lisboa: Edições Colímbri / C. M. Alandroal.

SANTOS, Onofre Dos (1996). *Um sorriso para a democracia na Guiné Bissau. Missão de Observação Eleitoral das Nações Unidas, Comissão Nacional das Eleições*. (Local e Editora)?

SCANTAMBURLO, Pe. Luigi (2016). *Da oralidade à compreensão da Língua. Boletim Escola, Escola Língua Portuguesa. Da oralidade à Escola, da Escola à Casa*. Pp. 9 – 10, Junho 2016. Bissau: FEC.

SEGREMAN, Carlos; SOUSA, Fernando Jr.; SEVERINO, Guilherme e BARROS, Miguel (2006). *A evolução política recente na Guiné – Bissau: As eleições presidenciais de 2005 – os conflitos, o desenvolvimento, a sociedade civil*. Lisboa: CESA (Centro de Estudos sobre África do desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Tecnológica de Lisboa). Colecção, documentos de trabalho nº 70. Pp. 46 – Disponível em Google: a evolução política na Guiné-Bissau – ISEG: https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/70.pdf.

SENA, Luís de (1995). *Uma Experiência de Integração da Educação na Guiné Bissau*. Soronda – Revista de Estudos Guineenses nº 19, Janeiro 1995. Pp. 37 – 62. Bissau: INEP.

SILÁ, Adulai (2016). *Conversa. Boletim Escola, Língua portuguesa. Da oralidade à Escola, da Escola à Casa*. Pp. 6 – 7, Junho 2016. Bissau: FEC.

SPANKOVA, Silvie (2014). *Literaturas africanas de língua portuguesa I*. Antologia de textos literários. Brno: Masarykova Universita. Disponível in: <https://digilib.phil.muni.cz/data/handle/11222.digilib/131149/monography.pdf>.

TRIGO, Salvato (1985). *Alteridade das Literaturas africanas em língua portuguesa*. In 1º Simpósio interdisciplinar de Estudos portugueses, Actas Vol. II. Dimensões das alteridades nas culturas de língua portuguesa – o outro. Lisboa: Departamento de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Pp. 469 – 486.

VAZ, Carlos (1994). “*Os irãs de Bassarel*” *Tcholana, Revista de letras, artes e cultura* 2/3 (1), p. 16 – 17. Bissau: INEP.

VVAA, Comissão do Livro Negro Sobre o Regime (1982). *Discriminação Política no emprego no regime fascista*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

VVAA, Associação comercial, Indústria e Agrícola da (1960). *Boletim nº 27*, pp. 17-18. Guiné Bissau: INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas).

VVAA, Associação Comercial, Indústria e Agrícola da (1960). *Boletim nº 28*, p. 18. Guiné Bissau: INEP.

ENTREVISTAS

ALVES, Lino (Outubro, 2016). Assunto: Grupos étnicos e dados linguísticos da Guiné Bissau. Local de entrevista: Liceu Jorge Ampa Cumelerbe – Bairro Militar / Bissau.

CARLOS, Yalá (Novembro, 2016). Assunto: Situação atual de ex – combatentes da liberdade da Pátria. Local de entrevista: Bissorã (a norte do País.)

INCANHA, Intumbo (Dezembro, 2016). Assunto: O Crioulo e o Ensino Oficial da Guiné Bissau. Local de entrevista: Reitoria da Universidade Amílcar Cabral – UAC. Guiné-Bissau.

JORGE, Sanca (Dezembro, 2016). Assunto: implementação do Crioulo no sistema do ensino Guineense. Local de entrevista: INDE / Bissau.

MAMADU, Cissé (Dezembro, 2016). Assunto: Situação de Ex – Combatentes Guineenses que estiveram da luta armada ao lado dos portugueses. Local de entrevista: Bissau / Bairro Militar.

LUÍS, Camala (Dezembro, 2016). Assunto: Ensino da Literatura Guineense e Poder Político. Local de entrevista: Bissau / Hospital Simão Mendes.

OTINTA, Jorge (Dezembro, 2016). Assunto: Literatura Guineense. Local de entrevista: Bissau / Secretaria de Estado da Cultura.

PEREIRA, Zaida (Dezembro, 2016). Assunto: O Crioulo e o Ensino Oficial da Guiné Bissau. Local de entrevista: Reitoria da Universidade Amílcar Cabral – UAC. Guiné Bissau.

ANEXOS

1. Lista de Chefes de Estado da Guiné-Bissau⁷⁰

Duração	Chefe de Estado	Denominação
24 de setembro de 1973 — 14 de novembro de 1980	Luís de Almeida Cabral	Presidente do Conselho de Estado
14 de novembro de 1980 — 14 de maio de 1984	João Bernardo Vieira	Presidente do Conselho de Revolução
14 de maio de 1984 — 16 de maio de 1984	Carmen Pereira	Presidente interina
16 de maio de 1984 — 29 de setembro de 1994	João Bernardo Vieira	Presidente do Conselho de Estado
29 de setembro de 1994 — 7 de maio de 1999	João Bernardo Vieira	Presidente
7 de maio de 1999 — 14 de maio de 1999	Ansumane Mané	Comandante da Junta Militar
14 de maio de 1999 — 17 de fevereiro de 2000	Malam Bacai Sanhá	Presidente interino
17 de fevereiro de 2000 — 14 de setembro de 2003	Kumba Yalá	Presidente
14 de setembro de 2003 — 28 de setembro de 2003	Veríssimo Correia Seabra	Presidente interino
28 de setembro de 2003 — 1 de outubro de 2005	Henrique Rosa	Presidente interino
1 de outubro de 2005 — 2 de março de 2009	João Bernardo Vieira	Presidente
2 de março de 2009 — 8 de setembro de 2009	Raimundo Pereira	Presidente interino
8 de setembro de 2009 — 9 de janeiro de 2012	Malam Bacai Sanhá	Presidente
9 de janeiro de 2012 — 12 de abril de 2012	Raimundo Pereira	Presidente interino
12 de abril de 2012 — 11 de maio de 2012	Mamadu Ture Kuruma	Presidente do Comando Militar
11 de maio de 2012 — 22 de junho de 2014	Manuel Serifo Nhamadjo	Presidente de transição
23 de junho de 2014 - presente	José Mário Vaz	Presidente

N.B. Nenhum destes chefes de estado completou, no período democrático, o mandato para o qual foi eleito pelo povo devido a vários golpes ocorridos nesse País,

⁷⁰ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_presidentes_da_Guiné-Bissau.

exceto José Mário Vaz, presidente em exercício, e Malam Bacai Sanhá que faleceu em França por causa de doença prolongada durante o seu mandato.

2. Lista de primeiros-ministros da Guiné-Bissau⁷¹

Ordem	Mandato	Nome
1	24 de setembro de 1973 - 7 de julho de 1978	Francisco Mendes
2	7 de julho - 28 de setembro de 1978	Constantino Teixeira
3	28 de setembro de 1978 - 14 de novembro de 1980	João Bernardo Vieira
n/a	14 de novembro de 1980 - 14 de maio de 1982	<i>vacante</i>
4	14 de maio de 1982 - 10 de março de 1984	Victor Saúde Maria
n/a	10 de março de 1984 - 27 de dezembro de 1991	<i>cargo extinto</i>
5	27 de dezembro de 1991 - 26 de outubro de 1994	Carlos Correia
6	26 de outubro de 1994 - 6 de junho de 1997	Manuel Saturnino da Costa
7	6 de junho de 1997 - 3 de dezembro de 1998	Carlos Correia
8	3 de dezembro de 1998 - 19 de fevereiro de 2000	Francisco Fadul
9	19 de fevereiro de 2000 - 19 de março de 2001	Caetano N'Tchama
10	21 de março - 9 de dezembro de 2001	Faustino Imbali
11	9 de dezembro de 2001 - 17 de novembro de 2002	Alamara Nhassé
12	17 de novembro de 2002 - 14 de setembro de 2003	Mário Pires
13	28 de setembro de 2003 - 10 de maio de 2004	Artur Sanhá
14	10 de maio de 2004 - 2 de novembro de 2005	Carlos Gomes Júnior
15	2 de novembro de 2005 - 13 de abril de 2007	Aristides Gomes
16	13 de abril de 2007 - 5 de agosto de 2008	Martinho Ndafo Kabi
17	5 de agosto de 2008 - 2 de janeiro de 2009	Carlos Correia
18	2 de janeiro de 2009 - 10 de fevereiro de 2012	Carlos Gomes Júnior
n/a	10 de fevereiro de 2012 - 12 de abril de 2012	Adiato Djaló Nandigna (interina)
n/a	16 de maio de 2012 - 3 de julho de 2014	Rui Duarte de Barros (de transição)
19	3 de julho de 2014 - 20 de agosto de 2015	Domingos Simões Pereira
20	20 de agosto de 2015 - 17 de setembro de 2015	Baciro Djá
21	17 de setembro de 2015 - 27 de maio de 2016	Carlos Correia
22	27 de maio de 2016 - 18 de novembro de 2016	Baciro Djá
23	18 de novembro de 2016 - presente	Umaro Embaló

⁷¹ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_presidentes_da_Guiné-Bissau.

Nb.: Nenhum destes senhores completou o seu mandato.

3. Inquérito sobre ensino da literatura guineense nas escolas secundárias da Guiné Bissau, aplicado às 3 turmas de 12º Ano de escolaridade, F1 de IIº e IIIº grupos, F3 de IIº grupo e F4 de IIº e IIIº grupos, no total de 151 alunos (76 alunos e 75 alunas), do Liceu Nacional Kwame N´krumah⁷²

Kwameh N´krumah, liceu situado na capital Bissau, centro da cidade, é o maior Liceu do País do ensino público estatal, em funcionamento desde o ano letivo de 1958 /59.

O Liceu Kwame N´krumah, onde estivemos entre 12 e 14 de Dezembro de 2016, atraiu a nossa atenção por ser o mais antigo da capital e da administração estatal. Porém, aplicámos inquéritos às três turmas apenas acerca do ensino da Literatura Guineense nas escolas guineenses, deixando outras do 12º Ano, porque a burocracia de sempre que não nos permitiu avançar mais.

Segue-se abaixo a imagem da escola e resultados obtidos por inquérito resumidos em tabelas:

⁷² As turmas trabalhadas no Liceu Nacional Kwame N´Krumah são compostas por alunos de diferentes grupos, isto é, numa sala juntam-se alunos com diferentes planos de estudos, mas com algumas disciplinas comuns, exceto o F3 do IIº grupo.



Liceu Nacional Kwame N'Krumah

a. Tabela nº 1.

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma F1 do IIº e IIIº grupos⁷³ do ano letivo 2016 / 2017.

⁷³ Em 2010 o Gabinete do Ministro da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos, por Despacho nº 24, definiu que o sistema do ensino Guineense adotaria três grupos vocacionais para os níveis complementares do secundário, ao invés de cinco grupos que o antigo sistema continha. Trata-se do Iº grupo, onde o aluno terá, a partir do décimo ano até ao 12º, disciplinas como: Português, Psicologia/Filosofia, Matemática, Física, Química, Desenho e Biologia. Aí, o aluno é vocacionado para as Ciências Médicas ou Engenharia quando se segue o ensino superior; IIº Grupo, o aluno terá como Disciplinas, a partir do 10º ano e até ao 12º ano, cadeiras como Português, Psicologia/Filosofia, Matemática, História, Geografia, Francês, Inglês e Introdução à Economia. Esta última só se estuda no 12º ano. Neste grupo, o aluno é vocacionado para as Ciências Sociais, como: Línguas Estrangeiras, Economia, História e Geografia, etc.; No IIIº e último grupo do sistema, o aluno estuda, a partir do 10º a 12º ano, as disciplinas seguintes: Português com mais horas letivas (seis horas semanais), Psicologia / Filosofia, Ciências da Natureza, Inglês, Francês, História, Matemática aplicada às Ciências Sociais e Sociologia. Esta última, também estudada somente no 12º Ano. Neste grupo, o aluno é vocacionado, a partir dos três níveis do secundário, a seguir os estudos linguísticos ou afins no ensino superior.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
50	9		10º	11º	12º				
Masc.	32	3	00	00	00	3	01	2	
Fem.	18	6	00	01	00	5	00	6	12
Total	50	9	00	01	00	8	01	8	41
%	100%	18%							82%

No universo de 50 alunos da turma F1, somente 9 alunos tiveram contacto com algumas obras literárias guineenses (três rapazes e seis meninas). Aliás, 8 alunos, de entre os 9, tiveram esse contacto fora da escola, isto é, não por intermédio de professores, e um disse ter esse contacto no 11º Ano de escolaridade, por causa de trabalho indicado por um professor para realizar em casa. Os nove correspondem assim a 18%. Ainda, entre esses nove alunos, somente um aluno conseguiu ler a obra *Kikia Matcho*, aluno ao qual professor pediu trabalho de casa. A maior percentagem, 82%, não teve nenhum contato com obras literárias Guineenses, nem na escola, nem em casa.

b. Tabela nº 2

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma F3 do IIº grupo do Letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
10º	11º		12º						
51	1								
Masc.	20	00	00	00	00	00	00	00	20
Fem.	31	1	00	00	00	1	1	00	30
Total	51	1	00	00	00	1	1	00	50
%	100%	2%							98%

Na F3, no conjunto de 51 alunos, somente uma aluna declarou ter lido *Kikia Matcho* fora da escola, correspondendo a 2%; e a outra parte, 50 alunos, correspondendo a 98%, não teve nenhum contato com as obras literárias guineenses.

c. Tabela nº 3

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma F4 do IIº e IIIº grupos do letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em Casa ou Fora da escola?	Kikia Matcho?	Outras obras?	
50	30		10º	11º	12º				
Masc.	24	17	3	6	00	8	4	13	
Fem.	26	13	4	5	00	4	3	10	13
Total	50	30	7	11	00	12	7	00	20
%	100%	60%							40%

Na F4, com 50 alunos, 30 alunos conseguiram ler algumas obras literárias guineenses, correspondendo a 60%. Entre eles, são 17 rapazes e 13 meninas. No que diz respeito aos rapazes que leram as obras literárias, nove afirmaram terem lido na escola, 3 no 10º Ano e 6 no 11º Ano, e oito leram-nas fora da escola. Por outro lado, entre as 13 meninas que leram, 9 têm contato com essas obras na escola, 4 no 10º ano e 5 no 11º Ano, e 4 fizeram-no fora do contexto escolar. No concernente às obras lidas, 4 jovens identificaram terem lido *Kikia Matcho*, e 13 disseram *outras obras*. Por fim, 20 alunos, 40%, confirmaram não terem contactos com nenhuma obra de escritores guineenses.

3.1. Resumo das três tabelas acima e dos resultados do inquérito aplicado aos alunos do 12º Ano de escolaridade do liceu nacional Kwame N'krumah.

Nº de turmas	Designação de turmas	Nº total dos alunos inquiridos		Os que não leram		Os que leram			
						<i>Outras obras lit. guineense</i>		<i>Kikia Matcho</i>	
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
3	F1/IIº e IIIº grupos	32	18	29	12	02	06	01	00
		Soma = 50		Soma = 41		Soma = 09			
	F3/IIº grupos	20	31	20	30	00	00	00	01
		Soma = 51		Soma = 50		Soma = 01			
	F4/IIº e IIIº grupos	24	26	07	13	13	10	04	03
		Total = 50		Soma = 20		Soma = 30			
Total		Masc. = 76	Fem. = 75	Masc. = 56	Fem. = 55	Masc. = 15	Fem. = 16	Masc. = 05	Fem. = 04
		151		111		Soma = 31		Soma = 9	
						40			
%		100%		74%		77,5%		22,5%	
						26%			

N.B. No conjunto de 151 alunos do 12º ano de escolaridade inquiridos no liceu nacional Kwame N'Krumah, (76 alunos e 75 alunas), 111 alunos, correspondendo a 74%, (56 alunos e 55 alunas), afirmaram não terem lido nenhuma obra literária guineense; somente 40 alunos (20 alunos e 20 alunas), 26%, afirmaram terem contacto com obras de escritores guineenses em casa e na escola. No que se refere a estes últimos, somente 9 alunos (5 alunos e 4 alunas), 22,5%, confirmaram que tinham lido a obra *Kikia Matcho*, enquanto os outros, 31 alunos, 77,5%, disseram ter lido outras obras da literatura guineense.

4. Inquérito sobre o ensino da literatura guineense nas escolas secundárias, aplicado aos 331 alunos do 12º ano de escolaridade do liceu regional “Hoji Ya Henda” de Bafatá.

O Liceu Regional “Hoji Ya Henda” de Bafatá, inaugurado em 1976, é um outro que nos atraiu a atenção para concretização do nosso projeto por ser uma escola pública da administração estatal. Presentes ali entre 8 e 10 de novembro, conseguimos entrar em contacto com dez turmas, 331 alunos, do 12º Ano de escolaridade (198 alunos e 133 alunas) relativamente ao assunto do ensino da literatura guineense nas escolas secundárias.

Bafatá, situado no Leste do País, a cerca de 250 km da Capital Bissau, é a segunda cidade do País e sede da região da mesma designação e da província Leste.

Apresentamos abaixo a imagem da escola que nos acolheu e dos resultados obtidos durante a nossa presença em Bafatá.



Liceu regional “Hoji Ya Henda” de Bafatá

a. Tabela nº 1

Diz respeito ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/1 do Iº grupo do ano letivo 2016 / 2017 - Bafatá

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	Kikia Matcho?	Outras obras?	
10º	11º		12º						
43	1		10º	11º	12º				
Masc.	17	1	00	00	00	1	00	1	16
Fem.	26	00	00	00	00	00	00	00	26
Total	43	1	00	00	00	1	00	1	42
%	100%	2%							98%

No conjunto de 43 alunos da turma 12º/1, somente um aluno, 2%, confirmou ter lido uma obra de um escritor guineense, não *Kikia Matcho*, e fora da escola. E 43 alunos, correspondendo a 98%, disseram não terem lido nenhuma obra nem na escola, nem em casa.

b. Tabela nº 2

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/2 do IIº grupo do letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
10º	11º		12º						
36	4		10º	11º	12º				
Masc.	10	3	00	00	00	3	00	3	7
Fem.	26	1	00	00	00	1	00	1	25
Total	36	4	00	00	00	4	00	4	32
%	100%	11%							89%

No referente à turma 12º/2, no conjunto de 36 alunos, somente 4 alunos (3 alunos e uma aluna), correspondendo a 11%, declararam terem lido algumas obras guineenses, mas não *Kikia Matcho*, mas fora da escola. E a maior parte, 32 alunos (89%), disse não ter nenhum contato com obras literárias guineenses.

c. Tabela nº 3

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/3 do IIIº grupo do letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
10º	11º		12º						
33	00		10º	11º	12º				
Masc.	17	00	00	00	00	00	00	00	17
Fem.	16	00	00	00	00	00	00	00	16
Total	33	00	00	00	00	00	00	00	33
%	100%	00%							100%

Considerando o resultado do inquérito aplicado à turma 12º/3, no conjunto de 33 alunos, ninguém confirmou ter lido qualquer obra literária guineense, nem na escola, nem em casa.

d. Tabela nº 4

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/4 do IIº grupo do letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
33	13		10º	11º	12º				
Masc.	27	10	4	1	00	5	1	9	
Fem.	6	3	3	00	00	00	00	3	

Total	33	13	7	1	00	5	1	12	20
%	100%	39%							61%

Relativamente à turma 12º/4, no universo de 33 alunos, 13 alunos, que correspondem a 39%, disseram terem lido obras literárias guineenses (10 alunos e 3 alunas). Questionados relativamente ao local onde conseguiram ter contactos com as obras, 4 alunos afirmaram que foi no 10º ano de escolaridade, e um disse no 11º primeiro ano. Isto é, cinco afirmaram que foi por intermédio de professores, na escola. E os cinco, da soma de dez que leram, disseram conseguir ler isso fora do âmbito escolar. De entre estes últimos, figura um que disse ter lido a obra *Kikia Matcho*. Por outro lado, as três alunas que afirmaram terem lido as obras literárias guineenses, disseram tê-las conseguido no contexto extraescolar. Por fim, 20 alunos, 61%, disseram que não tiveram contato com obras dos escritores guineenses em nenhuma circunstância.

e. Tabela nº 5

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/5 do IIº grupo do letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho</i> ?	Outras obras?	
40		14	10º	11º	12º				
Masc.	31	13	4	8	00	1	00	13	18
Fem.	9	1	1	00	00	00	00	01	8
Total	40	14	5	8	00	1	00	14	26
%	100%	35%							65%

No que concerne à turma 12º/5, no total de 40 alunos, 14 alunos, correspondendo a 35% (13 alunos e uma aluna), confirmaram terem estudado obras literárias guineenses. Quanto às circunstâncias, 4 alunos disseram que foi no 10º ano, e 8 leram-nas no 11º ano. Entretanto, quer aqueles como estes leram-nas na escola por intermédio de um professor. De igual modo a única aluna que disse ter lido obras literárias guineenses, conseguiu-as fora do âmbito escolar. De entre os que tiveram contatos com obras literárias guineenses,

não houve nenhuma resposta relativa à leitura da *Kikia Matcho*. Enfim, 26 alunos, 65%, da mesma turma confirmaram não terem lido nenhuma obra literária guineense.

f. Tabela nº 6

Diz respeito ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/6 do IIº grupo do ano letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
37	00		10º	11º	12º				
Masc.	26	00	00	00	00	00	00	00	
Fem.	11	00	00	00	00	00	00	00	11
Total	37	00	00	00	00	00	00	00	37
%	100%	00%							100%

Quanto à turma 12º/6, no universo de 37 alunos, (26 alunos e 11 alunas), 100%, ninguém teve contacto com as obras literárias guineenses, em nenhuma circunstância.

g. Tabela nº 7

Diz respeito ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/7 do Iº grupo do ano letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
21	00		10º	11º	12º				
Masc.	17	00	00	00	00	00	00	00	
Fem.	4	00	00	00	00	00	00	00	
Total	21	00	00	00	00	00	00	00	
%	100%	00%							

Nesta turma, como na referida acima, no universo de 21 alunos, 17 alunos e 4 alunas, ninguém teve contacto com as obras literárias guineenses.

h. Tabela nº 8

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/8 do IIº grupo do ano letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	Kikia Matcho?	Outras obras?	
10º	11º		12º						
34			4	10º	11º				
Masc.	22	2	00	00	00	00	00	2	20
Fem.	12	2	00	00	00	00	00	2	10
Total	34	4	00	00	00	00	00	4	30
%	100%	12%							88%

Quanto à turma 12º/8, no total de 34 alunos (22 alunos e 12 alunas), 4 alunos (2 alunos e 2 alunas) confirmaram terem lido obras literárias guineenses, isto é 12%, mas fora do âmbito escolar e, entre as obras lidas, não se inclui *Kikia Matcho*. 30 alunos (20 alunos e 10 alunas), 88%, confirmaram que não tiveram nenhum contato com nenhuma obra de escritores guineenses.

i. Tabela nº 9

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/9 do IIIº grupo do ano letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
20	1		10º	11º	12º				
Masc.	8	1	1	00	00	00	00	1	
Fem.	12	00	00	00	00	00	00	00	

Total	20	1	1	00	00	00	00	1	19
%	100%	5%							95%

No que se refere à turma 12º/9, no universo de 20 alunos, somente um aluno, 5%, confirmou ter lido uma obra literária no décimo ano de escolaridade, isto é, por intermédio de professor, na escola. 19 alunos, 95%, afirmaram não terem tido contato com nenhuma obra de escritores guineenses.

j. Tabela nº 10

Refere-se ao resultado do inquérito aplicado aos alunos da turma 12º/10 do IIº grupo do ano letivo 2016 / 2017.

Nº total de alunos na turma		Obras da literatura guineense estudadas							Total dos que não leram ou não conhecem obras literárias Guineenses
		Total dos que leram	Na escola? Em que Nível de escolaridade?			Em casa ou fora da escola?	<i>Kikia Matcho?</i>	Outras obras?	
34	10		10º	11º	12º				
Masc.	23	6	4	2	00	00	00	6	
Fem.	11	4	1	3	00	00	00	4	7
Total	34	10	1	00	00	00	00	10	24
%	100%	29%							71%

Para findar, no que se refere à turma 12º/10, no total de 34 alunos, 29%, (23 rapazes e 11 meninas), 10 alunos (6 rapazes e 4 meninas) confirmaram terem lido algumas obras literárias guineenses (4 rapazes e uma menina, no 10º ano de escolaridade e 2 meninos e 3 meninas no 11º ano). Isto é, leram na escola por intermédio de professores, mas as obras lidas não incluem *Kikia Matcho*. Os restantes, 24 alunos, correspondendo a 71%, não tiveram nenhum contato com obras literárias guineenses.

4.1. Resumo das dez tabelas, acima, com os resultados do inquérito aplicado aos alunos do 12º Ano de escolaridade do liceu regional “Hoji Ya Henda” de Bafatá.

Nº de turmas	Designação de turmas	Nº total dos alunos inquiridos		Os que não leram		Os que leram			
						<i>Outras obras lit. guineenses</i>		<i>Kikia Matcho</i>	
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
10	12º/1 Iº grupo	17	26	16	26	01	00	00	00
		Soma = 43		Soma = 42		Soma = 01			
	12º/2 IIº grupo	10	26	07	25	03	01	00	00
		Soma = 36		Soma = 32		Soma = 04			
	12º/3 IIIº grupo	17	16	17	16	00	00	00	00
		Total = 33		Soma = 33		Soma = 00			
	12º/4 IIº grupo	27	06	17	03	09	03	01	00
		Soma = 33		Soma = 20		Soma = 13			
	12º/5 IIº grupo	31	09	18	08	13	01	00	00
		Soma = 40		Soma = 26		Soma = 14			
	12º/6 IIº grupo	26	11	26	11	00	00	00	00
		Soma = 37		Soma = 37		Soma = 00			
	12º/7 Iº grupo	17	04	17	04	00	00	00	00
		Soma = 21		Soma = 21		Soma = 00			
	12º/8 IIº grupo	22	12	20	10	02	02	00	00
		Soma = 34		Soma = 30		Soma = 04			
	12º/9 IIIº grupo	08	12	07	12	01	00	00	00
		Soma = 20		Soma = 19		Soma = 01			
	12º/10 IIº grupo	23	11	17	07	06	04	00	00
		Soma = 34		Soma= 24		Soma = 10			
Total		Masc. = 198	Fem. = 133	Masc. = 162	Fem. = 122	Masc. = 35	Fem. = 11	Masc. = 01	Fem. = 00
		331		284		Soma = 46		Soma = 01	
						47			
%		100%		86%		98%		2%	
						14%			

Em suma, no universo de 331 alunos do 12º ano de escolaridade inquiridos no liceu regional Hoji Ya Henda de Bafatá (198 alunos e 133 alunas), 284 alunos, correspondendo a 86% (162 alunos e 122 alunas) afirmaram não terem lido nenhuma obra literária guineense. Somente 47 alunos (36 alunos e 11 alunas), 14%, afirmaram terem tido contacto com obras de escritores guineenses em casa e na escola. No que se refere a estes últimos, somente um aluno (2%), afirmou ter lido a obra *Kikia Matcho*, enquanto os outros, 36 alunos, 98%, disseram terem lido outras obras da literatura guineense, isto é, não tiveram contato com *Kikia Matcho*.